

AGOSTINHO BOTH

**SONHOS
PEDAGÓGICOS
DA PROFESSORA
ANTÔNIA**

— COLEÇÃO —
SONHOS E RESISTÊNCIA

O autor de *Sonhos pedagógicos da professora Antônia*

traduz, de forma literária, sua crença de que a escola não esgotou sua responsabilidade educacional. O livro é uma denúncia sobre o histórico abandono da escola em sua responsabilidade do desenvolvimento moral de seus alunos. O autor acredita que o magistério revela sua face submissa aos parâmetros do iluminismo, cuja racionalidade pretende pouco mais que ensinar a ler e escrever. O desenvolvimento de uma proposta ética passa distante da intenção de formar seres humanos interessantes. Antônia busca discutir de forma agradável e dialógica sua formação fechada e legalista. Tenta perseguir, com vigor, outro entendimento educacional, questionando aquele impresso na agenda das escolas e das universidades. Antônia assume refletir, também, sua própria família, narrando seu cotidiano e intimidade. Agrega em torno de si outros educadores convencendo-os a fugir da visão linear e insípida do ensino

Agostinho Both

Sonhos pedagógicos da professora
Antônia



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Agostinho Both

Sonhos pedagógicos da professora
Antônia

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Romance. -Passo Fundo: Ed. IMED, 2009. 143p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/11/2014

B749s Both, Agostinho

Sonhos pedagógicos da professora Antônia

[recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo

Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.

1281 Kb ; PDF – (Sonhos e resistência).

ISBN 978-85-8326-103-2

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Educação. 2. Vida intelectual. 3. Trabalho e família. 4. Biografia. I. Título.

CDU: 371.13

929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Apresentação

O livro procura relacionar a vida de uma professora ao aprendizado de virtudes, de valores éticos, morais e estéticos. O caminho escolhido foi narrar a trajetória de uma mulher que sonha, que tem coragem, que passa por devaneios, que persiste, que tem esperanças, principalmente no ser humano. A experiência imaginária traz memórias significativas de vivências familiares, de vivências de escola, da fase do namoro, da carreira profissional, da experiência de mãe e esposa, da experiência de acompanhar a longevidade dos avós e de seus pais e, das experiências inevitáveis das perdas sofridas. Tais narrativas, também, anunciam os compromissos que esta mulher assume, solidariamente, tanto no cotidiano das relações familiares como daquelas que a envolvem no cotidiano do trabalho – a escola.

A convivência de Antônia com seus avós constitui o marco do seu respeito em relação à experiência de pessoas com uma longevidade carregada de visão de mundo e de sensibilidade. Tal experiência possibilita compreender os seres humanos nos mais diversos papéis que desempenham, tanto no espaço da família como da sociedade em geral. Desse modo, o fato de se relacionar com os avós significava, para Antônia, ancorar-se num porto seguro, porto carregado de ternura.

O ensino na área das Ciências Naturais foi escolhido pela professora como uma das possibilidades de se sensibilizar os educandos a estabelecerem uma relação respeitosa e amável com os recursos inerentes à vida e, que são graciosamente disponibilizados pelo meio, pela natureza. A interação educando-meio possibilita estreitar a visão sobre a necessidade da produção e do consumo auto-sustentável, o que pode fortalecer os aspectos éticos, os cuidados

consigo e com o outro. É certo que o conhecimento construído no cotidiano escolar pode produzir consciência crítica acerca da exploração da natureza e da produção material da vida.

O livro é, então, um instrumento que oferece argumentos para a sensibilização sobre o pensar, o ver, o agir do ser humano com base nos valores que são indispensáveis à dignidade humana. A razão disso está na diversidade de olhares que o autor tece ao narrar a história familiar, profissional e social de Antônia. Dessa maneira, acredito que os argumentos desenvolvidos pelo autor contribuam para o progresso da valoração do ser humano em toda a extensão de sua vida, principalmente nos tempos da longevidade avançada. Por isso, estou seguro de que este livro dá continuidade ao processo da produção de uma nova consciência e de novos parâmetros, que possam orientar o comportamento humano, tanto individual quanto socialmente.

Jerônimo Sartori



Minha confissão

Eu, Antônia, me confesso sonhadora. Não tenham minhas palavras como orgulho, mas como devoção ao ser humano. Se pelas memórias exalto minha conduta, é porque o passado costuma fluir melhor do que foi. Desejo continuar a trajetória, propondo a que alguém, em lendo meus sonhos, tenha mais coragem e traduza melhor meus devaneios. Assim me aproximo com devoção de minha casa e de minha escola.

Confissões de uma amiga

Certos momentos com certas pessoas podem ser decisivos numa vida. Assim foi comigo, ao conversar com uma colega de outra escola.

Com o testemunho da amiga Rafaela, professora de Biologia, tomei a responsabilidade de encaminhar minha vida na mesma direção. Lembro de sua confissão:

A vida se constitui de muitos conflitos, Antônia. Este é um pensamento recorrente na minha vida. Diversas são as razões deles.

Minhas colegas estão queixosas por andarem com tantos dissabores. Quando chega o meio-dia, é uma alegria, mais alívio que bem-estar, pois que ainda estamos de músculos tensos e nossos estômagos contraídos! Doem-nos os ombros. Começamos muito cedo a contar nossos dias para a aposentadoria! Foi, então, quando me disseram que contar as horas para deixar de fazer o que se faz, não faz bem. Pensei, então, que isso não era vida. Tão breve e eu esperando a hora passar. Foi por estes dias de final de ano: manejava o caderno como um motorista atento, a ver se conseguia passar meus alunos que mal mereciam tal vantagem. Contava e recontava as notas de Felipe, Mariana e outros, vendo se haveria alguma razão para que não tivessem que recuperar a disciplina ou, pior, tê-los novamente o próximo ano!

Lembro de meu pai que nas barrancas do Uruguai tirando, em idos tempos, os peixes para sustento, pois que a lavoura era miúda. Veio a Passo Fundo a conselho de um tio, buscando melhor sorte. Contava-me ele dos remos e dos peixes que estavam escassos. Lido do mesmo jeito com os meus alunos: já me estão miúdas as esperanças de avançar nesta pobreza de pedagogia. Entre pescar e educar não vai

grande diferença. Sempre se lida com a vida. Em ambos os casos o sentido é alimentar.

Andava mais carregada de sofrimentos que de alegria. O que não me falta, Antônia, é a sinceridade. E concordo com Sócrates: uma vida que não é bem examinada não merece ser vivida. Terei, assim pensava, mais quinze anos até minha aposentadoria, mas se tudo assim continuar a acontecer, não sobrá inteira nenhuma parte de meu corpo! Foi, então, que decidi buscar socorro, pois tenho ainda como princípio que tudo pode ser relativizado, mesmo uma profissão. O que me chamou atenção foi uma das falas sobre as relações do professor consigo mesmo, as relações com os alunos, as relações dos alunos com eles mesmos, com a família e com a comunidade. Foi aí que me veio uma precipitação de idéias e emoções. Caí do meu cavalo no qual vinha montando até então. Estou revendo meus conceitos sobre as formas de educar. Que minha biologia tenha um sentido que facilite as relações dos alunos tornando-os afáveis e agradáveis. Que eu tenha mais paz.

Por estar ainda crente em minha pedagogia é que me dou ao luxo de pensar como Rafaela. Se é verdade que uma vida, se não for bem examinada, não vale a pena ser vivida, vou eu, confiante nesse grego, acreditando em seu pensar.



Uma conversa muito particular

Para o melhor conhecimento, é dito que se comece das partes menores para as maiores, então, começo por mim mesma. E neste caso presente, foi a Rafaela quem me deixou confiante em minha própria confissão.

Me achei sempre pequena diante dos livros: não mais que uma pequena criatura de poucas palavras. Não posso negar, ao menos, uma virtude: a bondade. Tinha escrúpulos de até rasgar um papel colorido.^{8u} Chorava quando os pássaros estavam mortos. Isso acontecia quando um tio meu vinha de uma caçada de perdizes. E ele ria vitorioso, acariciando sua espingarda diante dos pássaros mortos. Já não voariam mais e nem piariam antes da chuva.

Meu pai dizia que eu era muito sensível. Se mulher estava para ser carinhosa, era para isso que Deus as tinha criado, mas acrescentava: não precisa exagerar. Se a bondade tinha me possuído exageradamente, não menos forte era a minha cabeça sonhadora. Não podia abraçar as coisas como elas eram. Tinha sempre de torná-las maiores ou melhores. Se os Natais de minha infância chegavam menores que o imaginado, maiores, porém, eram todos os dias dos seis meses antes. Tudo brilhava na minha cabeça. Enternecidos eram os dias das Páscoas. Não gostaria nunca de ter perdido as Páscoas. Quando alguém morria de nossa vizinhança, não ficava tão triste. Tentava me lembrar de suas feições para reconhecê-la na outra vida. Aquela que viria é que seria a vida. Se chorava, por causa dos pássaros mortos, mais chorava quando Deus morria por alguns dias na Semana Santa. Havia uma alegria tamanha somente comparada à altura das estrelas, quando o Senhor saía das pedras, livre e solto, e faceiro. Assim tomava a Deus como uma certeza mais concreta que

o assoalho de tábuas largas e grossas da sala. Rezava de maneira tal que mesmo meu pai ficava assombrado. Olhava-me com certa piedade. Mais tarde me diria que olhava assim porque um dia perderia esta inocência. Era por isso que a Páscoa se tornava tão boa: nem o inferno e nem a morte poderiam vencê-la. Tinha orgulho de ser uma cristã.

Além de Deus e as festas em torno de sua memória, havia maneiras de realizar a minha trajetória, tanto aquelas que me ampliavam como aquelas barreiras próprias de minha natureza. Embora tivesse como refrigério a fantasia com todas suas imaginações e, tão verdadeiras quanto as portas e janelas de minha casa, tinha meus defeitos que também eram exagerados. Corava por não controlar minhas palavras quando ficava irritada. Sentia meu sangue subir e sabia então que faria um pecado. Mas, detestava contar isso ao padre Raimundo. Não me conformava de lhe dizer que tinha desejos de cuspir na cara de meu irmão quando me chamava de chorona. Tinha desejo de mandar minha mãe à merda quando insistia que comesse a sopa horrível das bolotas de massa. Esses eram os maiores pecados de minha infância. Quando chegou a minha adolescência, mudou-se um pouco minha cabeça: já sabia avaliar melhor o que me ia na fantasia e o que acontecia na realidade. Rezava fiel a meu Deus, tentando curar a dor de barriga de minha vizinha, mas Deus não se compadecia do ventre da dona Laura. Sonhava com Deus, um afável e forte companheiro. Para ele tudo era fácil, extremamente fácil, pois fazia girar o sol todos os dias, mas não costumava afastar um grande sentimento de ausências que nem sequer sabia de quê. O que não havia mudado definitivamente era a insatisfação de dizer ao Pe. Raimundo que havia, com agrado, tocado meu corpo e havia gostado muito. Acreditava que era meu e o que fizesse com ele não havia razão de soprar em seu ouvido. E o que Deus, que era tão grande, tinha de se irritar com o prazer de meu corpo? Mais me



irritava quando perguntava quantas vezes havia tocado. Julgava um abuso, invasão de minha intimidade. Não tinha nada de falar sobre isso. E aí residia um conflito: entre o prazer e a culpa que se instalou no exato momento em que ele em sua infinita autoridade sacerdotal - assim ainda acreditava eu - me convenceu em parte de que essa parte do corpo Deus a queria só para si e não tinha eu nada de tocá-la. A única coisa que diminuía minha culpa era pensar que estava dividindo com Deus sua parte sagrada. Afinal, assim diminuía minha dissonância: o Senhor Deus não poderia ser tão mesquinho a ponto de não poder me conceder um pouco de prazer. Me alegrava ainda por pensar que se Deus havia posto tal sensibilidade, não seria para ser inútil. Ainda bem que quando fiz 15 anos comecei a duvidar das idéias do Pe Raimundo com meu professor de filosofia.

De minha infância trouxe também São Francisco em minha sacola de viagem. Ele carregava todo feliz uma pomba nas mãos. Deus, porém, pairava alegre, a partir de minha adolescência, não mais como um obscuro pai providente, mas, presente nas leis que também são frágeis. Rezava alegremente, não para este pai invisível, mas para que suas leis pudessem ser cumpridas da melhor forma possível. Não sabia ao certo, mas graças ao meu professor de filosofia entendia que somos muito pouco e mais somos na interação das palavras e gestos que estabelecemos na convivência. Seria mais se me debruçasse sobre os livros interessantes e se praticasse ações constantes e boas. E em tudo me apliquei para ser razoável, quando não excelente ou prudente em casa, com minhas amigas e com meus namorados. Como existia uma disciplina interessante que presidia a natureza, julgava, graças ao professor, que a sociedade também deveria ser governada por leis que dessem possibilidade a todos existirem com certa desenvoltura. O professor de ecologia também insistia em que se observasse o respeito que a natureza possui para que tudo andasse em equilíbrio e, mais que tudo, me fazia ver o

quanto até nas situações de violência animal havia certo equilíbrio. Não me conformava, porém, que os leões sobrevivessem às custas de gazelas indefesas. Percebia o quanto as leis possuem seus limites. Conversava com Deus dizendo-lhe que aquilo não estava bem. Tinha ao Senhor como sopro forte e inspirador das coisas serem como são e que soprava também em minha alma e no meu corpo, o que mais tarde descobri serem da mesma unidade, bem a gosto do meu professor de filosofia que se entendia com Aristóteles: ambos são instrumentos fiéis um do outro.

Comecei em tudo isso a perceber que a vida se faz de constantes rompimentos e cada um deles pode doer muito. O que mais me doeu foi ter descoberto que Deus não é um pai de olhar atento sobre tudo, amável de seu jeito e saber que nascemos como nascem os animais. Também aprendi a conviver com os sustos e a pobreza de meus entendimentos. Aos poucos fui me tornando diferente das minhas colegas e de meus namorados. Amava-os, porém, por me entender tão pequena, buscava sempre mais. Por menor que seja a mão que se estende é melhor que a soberba de si mesmo, mas eles ficavam aí parados como se tudo já estivesse decidido. Notei muito cedo que se vai em frente com diferenças cada vez maiores, uns em relação aos outros e que amar não significa querer que os outros tenham nossos interesses.

Pela forma de minhas palavras, não estou sendo justa com a importância de minha família. Me dói lembrar minha mãe sofrendo diante da autoridade de meu pai. Acompanhava de longe os jeitos de eles conviverem. Fiéis um ao outro, mas de uma fidelidade para mim não suficiente. Bem que poderiam se expressar melhor, os dois seres que se amam absolutamente: meu pai e minha mãe. Via em minha mãe um amor tradicional, mas me parecendo de pouca densidade. Pensava, na minha ingenuidade, que ambos poderiam respi-



rar um amor tão verdadeiro e bem feito cada qual se apropriando da ternura quase ilimitada. Carrego este amor confessadamente justo e pouco exagerado, mas no meu entendimento, então, abaixo do que seria desejável. Mas quem sou eu para dizer o quanto as pessoas podem se amar. Agora compreendo que a ternura é como um rio que, às vezes, transborda e nas estiagens quase seca. Identificava minha família também com meu quarto, as gavetas, o assoalho, as portas e janelas e até as gramas do jardim. Em tudo minha família estava impregnada.

Num dia desses, vi minha mãe não mais conformada com a tibieza de sua intimidade. Começou tardiamente a dizer palavras duras e vi, então, uma razoável distância entre os dois. Os dias e as noites já haviam me amadurecido e resolvi ajudar. Longas conversas com minha mãe fizeram ver que o amor nem sempre se encontra no mesmo lugar ou na mesma altura para dois que se amam. Há uma fonte primitiva que jorra e exige muita habilidade para tê-la limpa e potável. Aí foi que entendi de forma quase definitiva: o que resolve os conflitos humanos e mesmo a felicidade são as virtudes. Certas forças em certos momentos são necessárias e sua aplicação torna melhores os seres humanos e suas relações. Às vezes a prudência, às vezes a disciplina, às vezes o perdão, às vezes a compaixão devem entrar como intercessoras na vida e, se estas velhas senhoras não entrarem em ação, tudo pode estar perdido. Pedi, então, que minha mãe tivesse paciência e que tivesse mais prudência nas formas de falar. Assim aconteceu. Minha mãe foi heróica e lutou bravamente para que a casa não caísse. Via meu pai ainda jovem e, para minimizar os efeitos de suas palavras ditas outrora, ouvia-o, às vezes, murmurar ternuras ao ouvido de minha mãe. Ela, porém, por muito tempo, ficou resistente aos seus apelos e ainda inconformada repetia que sua ternura havia chegado tarde. Ria com ela dizendo-lhe: A tua imaginação é maior e parece alucinada. Assim como teu marido

foi paciente durante anos, assim agora chegou a tua vez. De tempos em tempos, porém, repetia a mesma história de tanta dor feita por tão pouco, mas depois de um ano caminhavam ternamente, mas via meu pai pesaroso, olhando para o além. Me perguntava: por que está triste meu pai, agora que minha mãe o tem com tanta ternura?

Mas, na casa havia também meu irmão. Descobri por ele que também carrego um grande demônio. Dirigia-lhe olhares pouco complacentes quando meu pai ou minha mãe faziam-lhe afagos ou quando em torno dele houvesse mais expectativa que em torno de mim. Os olhos de minha mãe brilhavam mais com as histórias dele. Chorava muito, ocultando meus ciúmes. Meu Deus, o amor é gerado num ventre cheio de conflitos! Tiago tinha confiança em mim quando estava nos maiores apuros, mas logo a seguir ele desdenhava sobre o que eu sentia ou sobre os meus pensamentos. Entre nós dois era como em meu pai e minha mãe, havia estremecimentos e neles o céu e o inferno, por vezes, coabitavam. Com meu irmão havia uma reunião dos contrários. Por mais que se esteja numa família existem afetos tão mesclados e assustadores que nem sempre a tenho como um lugar de entendimentos: tenho-a num só dia como horda e como um lugar sagrado. Num só dia se reúnem em minha casa seres afáveis e, por vezes, cheios de ressentimentos.

Incomparável, porém, era a ternura que me fazia encontrar com meus avós. Sabia que, se meus pais se separassem, teria neles a proteção mais certa. Frágeis como eu, percebia que se cuidavam quanto se amavam. Iam envelhecendo como o outono faz envelhecer as folhas e eu ficava olhando como se dirigiam para a morte. Ainda os vejo caminhando debaixo dos pés de plátanos entre as folhas que caíam. Quando sentia que meus pais não estavam muito bem, ia até a casa de meus avós. Havia tal serenidade em sua casa que até o assoalho parecia um colchão de espuma. O ar dentro da casa tinha



um desvelo alegre que me cobria como uma manta. A mesa posta pela avó era digna de consideração. A madeira da superfície servia para apoiar meus cotovelos e nela as conversas desciam melhor que o pão de milho fresco e a manteiga. Aprendi perfeitamente que os lugares têm alma e que a amabilidade de meus avós concedia-lhes um sentido cada qual com sua dimensão. Porém, a alma da mesa tinha tal sensibilidade que me deixava um ser humano digno. Aí, bem aí, sobre a mesa eu me servia de esperança. E não havia nenhum fantasma que pudesse me amedrontar. Lembro que, quando muito pequena, depois de haver sonhado com meus demônios e com as labaredas do inferno lambendo os dedos do pé, fui buscar socorro e pedi para conversar com minha avó e que me escutasse aí na mesa. Chorei muito e disse que a vida para mim estava pesada. Disse dos medos que tinha de meu futuro, das inconstâncias de meus pais, das maldades do meu irmão e dos sonhos com meus diabos. Aí fui saber o quanto é bom ter uma avó. Falou pausadamente: minha pequena, meu anjo! A vida dá sustos pequenos, mas é nossa imaginação que os deixa assustadores. Às vezes, pequenos atos ou palavras viram fantasmas tão soturnos que assustariam até Deus, então, o que se passa com uma menina pequena e sensível?

Podia jurar ter visto um índio invadir meu quarto. Poderia até descrevê-lo agora! Apenas algumas sombras se moviam na parede e eu a jurar que me perseguiriam. Ela falava: nem teus pais são tão inconstantes e nem teu irmão te odeia e os diabos nada mais são que teus medos ou raivas. Poderosa é nossa cabecinha que nos alucina! E quando te sobrevêm os fantasmas, que se reúnem com as pequenas coisas, ponha em Deus tua cabeça. Se ele não te atender como deseja, ao menos você sabe que Deus é maior que todos os diabos juntos. E ponha delicadamente a mão no teu peito e diga: isso vai passar. Depois de tudo isso tem um remedinho de rir muito, exagerando o jeito que os diabos têm! Se ainda assim não saem,

insistindo em ficar, converse com alguém que te ama! Vou te contar de um sonho quando era pequena. Andava triste como ninguém. Sonhei também com um diabo. E o velho diabo estava tão triste que fui abraçá-lo. Choramos juntos e daí em diante todos os meus diabos não me assustaram mais. Rimos, então. Aí sobre a mesa eu vi a bondade esparramada como tomates maduros. Juro que vi os tomates ao pensar na generosidade de minha avó.

Do início de minha adolescência ainda tenho a dizer: era alegre em certos dias e, em outros, cheia de mau humor. Por vezes me sentia perdida. Chorava sem razão. Tinha uma mania de apertar os trincos das portas com mais força como se pudesse estar mais segura ou, por esses dias, recolhia as migalhas e comia delas pensando: é o que vai sobrar para mim. Depois, como o vento, passavam os temores e me alegrava novamente aprendendo a viver tendo a proteção da casa. Aulas sem graça, faça isso ou aquilo do meu pai e de minha mãe e as chatices de meu irmão.

Foi na primavera de 1965. Estava por fazer meus quinze anos. O silêncio da minha casa começou a pesar. Minha mãe estava de poucas palavras. Meu pai tenso e passava por mim distante. Não havia mais seu beijo quando ia para a escola. Meu irmão havia recolhido a bagagem de suas brincadeiras alegres ou mordazes. A mesa de minha casa estava quieta e os pratos falavam mais alto. Perguntei à minha mãe o que estava acontecendo. Ela disse simplesmente: Teu pai está muito doente! Reparei nele. Estava pálido e caminhava mais devagar. Dia desses, manhã de sábado: vi que chorava. Disfarçou, mas não deu para evitar a lágrima em seu rosto. Comecei a notar que os dias têm sua importância. Falei com meu professor de filosofia e ele disse que eu estava descobrindo a minha mortalidade. Olhou para mim e disse severo: a gente se sente imortal até o dia que descobre que se morre ou alguém que amamos pode morrer!



Comecei a sentir dentro e fora de mim que ela me cercava como um leão pronto para devorar. Deitei no colo de minha mãe e nós duas choramos sem falar. De fato, a morte é uma leoa voraz. É silenciosa e implacável. A presença de meu pai tornava-se triste. Mas, eis que meu pai tornou-se afável! Pediu pela primeira vez que eu o abraçasse. Encontrei uma folha sobre o meu travesseiro: Filha, você é muito amorosa e sensível!

Poucos dias depois encontramos meu pai desfalecido no jardim. Aí começaram as dores. Morfina e abraços já não eram suficientes. Vários dias no hospital! Não sabia que morrer poderia doer tanto. Dei graças a Deus quando faleceu! Mas não sabia que uma ausência poderia ser tão grande. Medí com exatidão o tamanho de uma perda.

Como as roupas que vestimos estão em nós esperamos não ficar nus e com elas nos acostumamos. Foi assim que aconteceu: me senti uma mulher nua! O vazio revelou a importância de meu pai! Nossos braços são tão naturais que não os percebemos, mas ai se os perdermos. Repentinamente notei a importância de tudo pela ausência de meu pai. Ao sentar na varanda via o jardim e o sol como nunca os vira. Pela primeira vez as cores encheram meus olhos e o sol aqueceu minha pele. Tomei um livro e as letras falavam mais alto. Uma borboleta amarela pousou em meu joelho e podia jurar que era a alma de meu pai. Minha teologia era parca, por isso avalei que pudesse ser ele do tamanho de uma borboleta. Sentava-me na aula e, particularmente nas aulas de biologia e literatura, entendia o valor da vida e da poesia. Durante os três anos seguintes a ausência de meu pai era uma presença grandiosa. Percebi pela morte dele que a vida só se dá quando podemos perdê-la. Amadureci em quantidades de leituras, pondo em tudo a docilidade da ausência. Vi então que a tristeza pode ser também uma virtude.

Nos meses seguintes ao seu falecimento, não sabia ao certo o que me acontecia. Hoje, porém, posso avaliar que a austeridade destes dias me expuseram nua diante da vida. A proteção desaparecera em boa parte, então a vida se apresentou oferecendo compensação. Meus pensamentos tornaram-se mais agudos e minha palavra mais bem posta. Aprendi até a diferenciar os risos bons dos forçados. Aprendi a ver melhor as nuvens, sabendo, quando escuras, se carregadas de água ou vazias. Aprendi rapidamente a conversar, valorizando melhor o que meu avô queria dizer! Aprendi que quando ele ficava ranzinza não estava pondo defeitos em tudo, mas queria ser ouvido. Assim, ao aconchegar-me a ele e ele não mais reclamava. Aprendi que as conversas de seu passado continham maior realidade que os feitos que havia realizado. Fui entender a velhice com a morte de meu pai. Aí estavam a presença da morte e a vontade de viver. Como as forças de meu avô estavam diminuídas avaliava ardentemente o seu passado. Vi com meus próprios olhos a relativa importância do presente. Como para mim o futuro tinha um grande significado, para meu avô o passado tinha o seu. Quando lhe confessava sobre os meus sonhos, ria feliz dizendo que é assim que a gente pensa. Quando ele falava do passado estimava o que dizia. Aprendi sobre a importância do reconhecimento.

A morte ensina a viver. Assim fiquei reconhecida por ter tido um pai cuidadoso e que, ao me deixar, só precipitou em mim a maturidade. Mesmo sendo ainda adolescente aprendi a medir meu fervor sem desperdiçar as horas. Mais que tudo, percebi que o afeto de meu pai, precocemente retirado, deu-me com mais intensidade a sua imortalidade. Assim foi que me inspirou meu professor ao dizer que a imortalidade de alguém não é nada mais que a carga amorosa e os entendimentos resultantes da convivência e de todos que nos antecederam. Estava eu, explicava ele, possuída da imortalidade de meu pai. Ao perguntar-lhe se fora isso que apenas sobrara de



meu pai, doeu-se todo ao perceber que poderia fazer que duvidasse de minha fé maior. Ao narrar-lhe sobre a borboleta pousada em meu joelho, riu-se dizendo que sua esperança era que ainda teria a minha fé e que seu avô, recentemente falecido, também poderia repousar sobre sua cabeça. Não riu, ao contrário, mostrou-se muito respeitoso ao me dizer que em sua eternidade havia silêncio. As palavras, então, é que formavam os seres. Disse que cada povo tem o seu céu. Contou-me então que havia lido em Borges sobre um povo estranho crente de um inferno reservado aos doentes velhos, maltratados, árabes e outros; o céu era reservado aos reis, rainhas, feiticeiros e todos aqueles que haviam sido felizes, duros e sanguinários. Finalizou: enquanto nada se revelar para mim, fico com as pedras, os amigos, o vinho e as horas das quais procuro furtar algum prazer como este de agora que você me proporciona.

Fui ter com minha avó para saber dela sobre a sorte de meu pai. Disse ela que se houvesse outra vida que se lhe devolvessem seus braços e seu coração. Mas, para quem fez o tamanho do mundo tudo era possível. Percebi nela tal naturalidade ao falar da morte como se estivesse a falar de minha tia-avó Clarice. Nesta mesma noite choveu muito e ao longe ribombavam os trovões. Eram so- turnos e tristes. Quase podia ouvi-los me falando sobre os misté- rios em torno da vida e da morte. Pela manhã resolvi pedir ao meu pai que descansasse serenamente e não me perturbasse mais com a memória de seu sofrimento, pois estava dentro de mim e já era suficiente carregar sua imortalidade. Disse-lhe ainda que o traria dentro de mim de tal forma que sua voz austera se firmaria em mim como sinal de prudência. Teria por seu passo rápido uma atenção constante e viva sobre o que devesse fazer. Aplicaria a sua fala certa e cuidadosa ao meu entendimento e aos meus parques e esforçados recursos. Disse-lhe: adeus, meu pai! Quero o seu constante perdão: não quero carregar os pecados comigo, pois já era demais tê-los co-

metido e, portanto, não faria sentido nem carregá-los e nem carregar quem, por acaso, me ofendesse. Nenhuma borboleta pousou mais sobre meus joelhos. Hoje distante os anos ele não é mais que uma memória distante.

Minha mãe foi ficando velha mais rapidamente e entendi porque a solidão mata. Ficou menos comunicativa por largo tempo, até que ingressou na Universidade realizando um curso sequencial em artes. As amigas que fez nesta retomada universitária valeram uma substituição das falas de meu pai. Namorou, mas seguramente meu pai ainda estava tão fortemente preso nela que homem algum poderia conceder mais diálogo que o falecido homem havia lhe concedido. Um dia me disse: filhinha, não tem jeito, minha alma ficou surda e só pensa tudo pelas medidas dos diálogos que tive com teu pai. Tenho desejos, acrescentou, mas não são suficientes para cumprir a tarefa de uma vida a dois. Teu pai me era o infinito e agora me aparecem umas figuras estúpidas. Prefiro a figura distante de teu pai que estes sujeitos sem expressividade. Vi, então, o quanto a morte de meu pai se desenhava triste em minha mãe e o quanto, mesmo que, nem sempre se tivesse cumprido um efusivo amor entre os dois, o passado tem desdobramentos imprevisíveis.

Tentei de tudo para também reforçar nela a sua importância. Se não cumpri de todo o seu desejo de ser uma mãe feliz e amenizar sua viuvez, fiz parte boa de sua imortalidade. Quando ela olhar o mundo que possa vê-lo com minha pequena participação. Ouvia, então, todas as suas conquistas como professora e seu novo projeto que se traduzia em devorar as artes tendo nelas encantamento. Apreciei seus esforços na revelação da geografia e, pela contação de suas histórias geográficas, aprendi amar os lugares e seus relevos.

Meu irmão ficou sério, muito sério depois que o pai faleceu. Tornou-se menos debochado. Senti que teve boa vontade, imitan-



do de alguma forma o jeito dele. Parece ter percebido que não se pode andar por aí sem tomar nas mãos a própria casa. Falei-lhe que estava admirada de como estava legal. Brincou dizendo que não o levasse muito a sério, afirmando: quem está diferente é você. Vê se não perde a menina que morava aqui em casa. Estava comovido, mas sabia muito bem esconder as lágrimas. Depois, ao encontrar um trabalho, começou, feito o vestibular, a cursar farmácia.

De minha parte, em razão de ter tido uma professora maravilhosa em Biologia, comecei a me interessar por esta disciplina. Para onde quer que olhasse, a vida se impunha soberana. Cedo comecei a pensar em ser professora e não me saía da cabeça a possibilidade de avaliar e apreciar as formas de como a vida se expressava nas pessoas. Não me atinha somente na matéria, mas na expressão da vida em toda sua extensão. Não podia entender-me, desde cedo, voltada em estudar friamente o corpo humano, mas de como o ser inteiro se pronunciava em todas suas almas e em toda sua história e sociologia. Passei, quase criança ainda, a ver meu pensamento movimentando meu corpo e meu corpo movimentando minha alma e não distinguia a ambos com muita nitidez. Ao me falarem de como a terra se movimentava solene em torno de si, fazendo o dia e a noite e de como era pequena, me senti quase abandonada, era então que percebia uma dor no peito. Havia uma professora que me dizia todas estas coisas acendendo uma luzinha. Na prática, demonstrava o funcionamento do mundo. Avaliava então que a terra, a idéia dela e os meus sentimentos comungavam juntos a mesma realidade. Era a palavra da professora que transformava todo meu ser, fazendo que eu de um momento para outro já não fosse mais a mesma. Me confessava parte pequena dela que soprava a verdade para dentro de mim ao mesmo tempo que as luzes da noite, ao se imporem, me deixavam um pouco triste. Afinal nem sempre se pode ter o sol. A professora brincava dizendo que a própria terra é solidária divi-

dindo o calor e a luz para todos. E para meu próprio espanto podia organizar tudo isso à minha imagem. Não fazia uma cópia da professora, mas suas palavras iniciavam em mim a organização de um entendimento que também era caloroso. Entendi, a partir de então, que o conhecimento não era uma realidade fria que me possuía, ao contrário, podia fazer-me terna e triste e, acima de tudo, solidária. Agradeço a vida toda a esta professora de biologia que me fez entender todas as minhas almas, todas elas importantes. O silencioso coração dependia dos meus sentimentos, que dependiam de minhas ideias, que dependia das falas da professora, que dependiam dos livros, que dependiam dos autores e estes dependentes da ordem e da desordem do mundo. Pensei, em minha parca filosofia que esta energia que perpassa todas as coisas poderia chamar-se Deus. O fio da meada que concede as disposições conjuntas e atravessa tudo com harmonia, posso chamar de meu Senhor. Assim passei a me entender, ao entrar na universidade, como parte de meu Deus.

Mas uma vez que me apresento com minha intimidade vou revelar entendimentos e episódios que possam dizer da corporeidade e inserção física, política, emocional e cognitiva e de outras formas que um ser humano pode dizer: eu existo. Por isso vou me apresentar mais um pouco, pois, mais que se queira, ninguém consegue se mostrar uma vez: nem a nós mesmos nos mostramos de forma inteira. Ninguém sabe ao certo de todas as coisas que nos movem.

Desde muito cedo tinha prazer em meu corpo e todos os tecidos do pensamento e dos sentimentos me envolviam alegremente ao receber toques de paisagens ou da mão humana. Tinha dezesseis anos quando tive meu primeiro namorado. Minha mãe ao vê-lo, um ano após o falecimento de meu pai, perguntou: o que você quer com este pentelho. Entendo agora que me aproximei de Víctor por vê-lo



humilde e bom. Não constituía em ameaça à minha integridade. Era delicado e seu primeiro beijo foi leve. Estremeci. Quando tocou em meu seio me senti quase uma mãe. Pensei, então mais seriamente naquilo que estava fazendo. Meu avô, que muitas vezes se fazia de surdo, depois de me ouvir falar com minha avó, disse: não vulgarize o que é mais importante. A ternura é o direito principal. Olhou-me nos olhos afirmando: já não tenho mais uma menina, ela já é quase uma mulher! A memória de meu pai, os conselhos repetidos de minha mãe, o olhar crítico de meu irmão, fizeram que Víctor, aos poucos, fosse saindo de minha vida, delicadamente como entrou. Gostei de haver brincado sobre a minha decisão de parar um pouco nesta estrada tão complicada que é o amor. Víctor disse: também eu ainda me sinto pequeno. Prometo ainda crescer. Riu com certa tristeza por não ter tido sucesso. Consolei-o dizendo para não levar a sério uma menina que não sabe ainda o que quer. E disse-lhe mais: você foi importante.

Não levei muito jeito para terminar o que mal havia começado. Quando já estava na universidade cursando Biologia, me entusiasmei por um rapaz moreno muito lindo. Até imaginei meus filhos, nesta mistura perfeita de jeitos e cores. Os primeiros encontros foram reveladores de dores antigas e raivas, escondidas nas palavras cortantes. Minha mãe ao vê-lo lançou um olhar que não conseguia esconder a decepção. Meu irmão foi mais estúpido: mana, com quem você está se metendo? Meu avô ficou perturbado, mas não ariscou nenhum palpite. Minha avó foi condescendente: pois é, filha, o amor não tem limites! Resisti diante de todos. Comecei a me perguntar se estava promovendo uma luta contra os preconceitos ou se estava me movendo em razão de laços de cuidado e de carinho. Não estaria sendo contaminada pelo desgosto em relação a esta peregrina avalanche de ódios de raças? Não estava defendendo uma causa? E a intimidade não lida bem com causas e a razão. Aí moram outros



argumentos. Fui levando adiante, me assustavam, porém, sua musculatura e seu jeito precipitado de ser. Teria eu suficiente paciência para com suas precipitações? Nunca me sentia muito à vontade ao lidar com extravagâncias. Gostava do inusitado, mas enquanto não fizesse parte de meu cotidiano.

Quando disse lá em casa que havia terminado com Fabiano, foi aquela alegria. Chorei de raiva por ter tanta dúvida em torno de quem desejava conviver. Por mais de um ano fiquei sem o contato físico de um homem. Minha boca estava morrendo de saudades. Meus braços já estavam cansados de apenas abraçar meus avós, minha mãe, meu irmão e minhas amigas. Já entendia que minha alma dividia a sorte entre eu e os outros. Mais ainda: precisava de algo mais substancial para dividir que não fosse apenas meu espírito. Havia uma intimidade necessária que somente um homem poderia conceder. Gostaria de perambular inteira dentro de um outro ser que me fosse espelho e sonho, que me fosse uma espécie de infinitude e que soubesse de meus pecados e tentações em constante perdão.

Quatro eventos aconteceram em 1966. Começo pelo mais doloroso a considerar o que representa a morte de um avô para uma neta que o amava com os melhores laços. Um homem sereno era este homem. Um ser humano admirável. Pequeno comerciante. Habilidoso como ninguém em realizar as cobranças dos débitos mensais de quem não pudesse pagar em tempo. Foi a primeira vez e, talvez, última em minha vida a ver quem soubesse conciliar negócio com amizade. Se rabugento, muitas vezes, com minha avó, com seus clientes um diplomata. Brinquei com ele dizendo: Vô se o senhor fosse convocado a aproximar israelenses e palestinos, acho que faria sucesso. Ria feliz de seu talento social. Ao contrário de minha avó: das coisas de família ela era uma sabedoria, mas, quando se tratava



de dívidas, ficava intransigente.

Comecei, porém, a perder meu avô para a doença. Minha avó, certo dia, veio me falar: Toninha, acho que teu avô está com uma doença. Se continuar assim, vamos perder tudo. Ele esquece de quem deve e quer cobrar de quem pagou. Está ficando perturbado dizendo que estão querendo roubá-lo. Já observo isso desde o ano passado. Era coisa pouca, mas agora quase se avançou sobre o Pedro, o melhor comprador e o melhor pagador. Disse ela, também, que estava ficando ciumento e irritadiço. As coisas se agravaram, a ponto de desacatar minha avó quando conversava com Alfredo, um jovem homem, fornecedor de verduras para o mercado. Disse para vinha avó que não tinha que estar conversando e trocando palavras agradáveis com um desconhecido. Com muita dificuldade conseguimos levá-lo a um psiquiatra, não sem antes ter conversado com ele. Nossas desconfianças se confirmaram rapidamente. Estava com uma galopante perda de memória.

O psiquiatra aplicou uma série de exames o que determinou um grande receio de que estivesse com diagnóstico de Alzheimer. Explicou o médico para minha mãe e para mim que provavelmente estivessem se formando depósitos de placas de proteínas inibindo a transmissão nervosa o que possivelmente acarretaria o não reconhecimento das pessoas e de tudo o que antes lhe fosse familiar e, nem tampouco, conseguiria saber reagir diante de seus sentimentos. Abateu-se, sobre nós todos, um grande medo, pois não haveria mais paz. Havíamos perdido, com sua doença, parte importante das nossas vidas. Assim aconteceu. Vendemos o mercado, o que causou uma cena constrangedora. Meu avô chorou quando foi para casa. Seus amigos foram em procissão até a sua casa para lá fazer uma festa numa tarde de sábado. Num lance de lucidez meu avô pediu para que o matassem. Depois ficou olhando para todos de uma ma-

neira tão triste que poucos resistiram. Até o seu Antenor disse: bem que Deus poderia ter inventado uma forma mais generosa de acabar com as pessoas. Disse-lhe que Deus criou leis frágeis para que ninguém se achasse imortal. Choramos quase todos.

Apreciei melhor sobre o ser humano: se é verdade que o organismo, particularmente o humano, constitui-se num sistema aberto e pode avançar de um estado para o outro de modo bem diferenciado, também é verdade que pode envolver de um estado para o outro de forma cada vez mais indiferenciada. Quando estes corpos amilóides, como desgraça, se precipitam sobre o sistema nervoso rebentam com a alma por mais educada que possa até então existir. Não fica pedra sobre pedra deste edifício humano. E não existe competência orgânica para a auto-reparação. Fica-se à mercê de restrições que causam um impacto ilimitado, provando-se mais ainda que não existe distância entre o corpo e a alma. A racionalidade se vai por causa de umas míseras proteínas que se exageram na multiplicação e se desdobram onde jamais deveriam se depositar. A alma feita de ondas e substâncias mal se configura. O máximo que se pode fazer é tomar esta antiga habitação e lidar com certa saudade concedendo sol, alimento e um carinho vigoroso por onde andavam pensamentos sábios, sentimentos estéticos, uma ética como uma casa boa e movimentos bem dirigidos. Os ouvidos e todos os demais sentidos não acendem a alma. A lamparina se apagou. Dia desses quando enxugava os seus pés vi uma lágrima em seu rosto. Podia jurar que por um momento passaram livres alguns impulsos do sistema nervoso e lhe concederam a compreensão de meu gesto. Depois tudo que seu espírito havia colhido voltou a estar quebrado e sem a mínima conexão. Nenhum arquivo trazia de volta o que fora tão amável e tão rico. Mas numa manhã de sol levei-o até o pátio, descasquei uma laranja, tirei-lhe a camisa para que o sol pudesse também ser gentil e depois massageei seus ombros enquanto



ele chupava, sereno, sua laranja. Havia em seus olhos uma sensação agradável e pensei em qualidade de vida. Enquanto eu aí tomava conta dele, avolumaram-se em mim diversas ideias e sentimentos. Via as pessoas mais penetradas por percepções brilhantes dentro de lutas ingentes para sustentação de suas vidas: via lá na universidade professores lívidos de tanto esforço em buscar seus dados para suas teses. Via outros de olhos fundos fazendo seus concursos para conseguirem uma vaga na instituição. Havia dores, dores inclementes também em suas casas, pois seus filhos e outros familiares não dividiam mais suas vidas. Uma das professoras me confessou que seu marido já não a tinha por muito tempo como mulher e seus filhos escondiam os livros dela a ver se lhes desse atenção. Todos eles brilhantes pensadores e, honestamente, buscando encontrar até de forma heróica um espaço social. Medi, quem sabe, indevidamente a qualidade de vida deles. Não seria a vida de meu avô, mudando o que deve ser mudado, mais leve, mesmo que apagadas as formas agudas do pensar? Suas espáduas magras recebiam os raios de sol e o tinha afetuosamente, pensando da melhor maneira sobre sua vida. E, neste silêncio, somavam-se, de outra parte, os momentos em que dele aprendi a simplicidade e a justeza de solicitar aquilo que me é devido. Já havia se passado alguns anos desde que meu avô não mais tinha um brilho em sua mente. Começou a ofegar, apertando seu peito, sentava-se com apoio e veio a falecer na primavera de 1966. As portas da mente começaram a se fechar em 1962 e seu coração completou a sua trajetória quatro anos depois. Choramos não mais tão entristecidos, pois as dores são diminuídas quando se resolve alguma coisa com a morte. Na verdade, meu avô já havia cumprido seus dias de solidariedade e quando estes se esgotam não se tem mais muito a esperar. Ficou a suave lembrança.

O segundo evento a me fazer diferente em 1966 foi a minha formatura. E o terceiro, meu primeiro contrato como professora de



biologia.

Minha avó, após esta despedida ficou depressiva. Fui diversas vezes à sua casa para ver se a animasse. Disse-me que não me preocupasse com as coisas que lhe iam no coração. Que não entendesse que estivesse triste. Havia nela uma espécie de paz que na verdade eu traduzia como tristeza. Por mais que eu pudesse tê-la como referência ou como um modelo de mulher, que agora a tomasse como uma mulher que assumia uma forma digna de ir embora. Disse-me que não se pode retirar o direito de partir ainda com certas forças, para que não se tenha a impressão que os últimos dias sejam apenas de exaustão. Ficávamos, então, conversando. Eu resolvi não insistir que lutasse bravamente, mas que, se fosse seu desejo, que se recolhesse sem as insistências impertinentes de quem ela amava. Assim aconteceu: ríamos da vida. Falei-lhe de meu novo amor. Brincou dizendo que investisse nele o mais que podia, afirmando: o ser humano é mais pobre que se pensa, com um pouco de entusiasmo ele passa a se sentir mais forte. E completou: e se houver um dia que tenha desejo forte por outro homem que fosse franca em confessar, pois traição não é desejar, mas carregar sozinha o amor que se quer calar. E não seja mentirosa de achar que o coração fica quieto sempre, principalmente quando se reprime a novidade, mas seja fiel ao falar enquanto seja tempo e ele possa despertar mudanças pela ameaça.

Casei em 1966, o quarto evento. João veio sereno e vigoroso. Aos poucos tomou conta do meu ser. Conquistou-me inteiramente por sua compleição humana. De um corpo de bons movimentos e de uma ternura irreparável, foi me inebriando. Não poderia ter sorte maior que essa de encontrar a outra parte de mim tão boa. O amor veio brotando como uma longa manhã e me aquece agora na minha forma adulta de mulher. A minha vida tornou-se tão dife-



rente a ponto de, às vezes, não me reconhecer mais. Em 1971 nasceu Bárbara e 1974 nasceu Vitória. Ambas, aos poucos passaram praticamente a ser o sentido de minha vida e não mais me reconhecia capaz de ver a minha vida sem a densidade dos três. Não saberia me reconhecer sem eles. Elas, aos poucos, ocupando quase todo o meu ser. Minha mãe, mais do que eu, passou a se constituir a amiga íntima das duas, lembrando o que dizia Saramago: a gente vai diminuindo e se põe a contemplar quem nos cerca, de modo especial, quem possui um verdor e neste liame impressiona bem ao coração saber-se, pela identificação, que já não somos tão miúdos assim. Talvez meu coração é que ficou menor. Minha avó ficou mais distante e minha mãe também. Talvez, tornar-se adulto seja isso mesmo: perder o passado e entregar-se inteiramente aos outros, mesmo que percamos o melhor de nossa intimidade. A vida é que toma conta da gente. Deixei de apreciar minha avó de tanto correr. Às vezes sobrava um tempo e me recolhia ao colo dela. Foi num sábado à tarde, estava conversando sobre o cotidiano, então, Bárbara e Vitória chegaram tão de repente e me viram deitada ao colo de minha avó. Bárbara externou a admiração das duas: manhê, você não acha que está grande demais para estar no colo pequeno da bisa? Aí eu disse que também eu preciso de colo, mesmo com todo meu tamanho. Vitória que, desde pequena era um pouco irônica, falou: a gente não chega para você? A minha avó aproximou as duas e encostou-as em seu peito, nada dizendo. Foi nesse advento de 1978 que ela faleceu. Aí, sim, é que doeu minha saudade. Um vazio tão forte a ponto de acreditar que sua alma fosse a minha e que meu corpo não poderia andar sem ela. Mas, João, meu homem, soube compreender que o amor tem muitas partes e que nem sempre se pode ter a que se quer. Por incrível que pareça, me sentia, pouco tempo depois, muito atraída e tão cheia de tremores de tanto prazer como se a vida quisesse se impor sobre o frio que a morte deixara. Ainda estive à noite com



ela. Disse que seu peito estava cansado. Falei-lhe de minha primeira intenção de mudar meu estilo das aulas. Entendeu perfeitamente o que lhe propunha. Você quer dizer que as suas aulas terão mais vida e que a vida de seus alunos vão se misturar aos livros? Beije sua testa e pedi sua bênção. Ainda madrugada senti um tremor passar pelo meu corpo. Eu disse, bem acordada: a vó morreu! Meu marido tomou-me em seus braços como que me protegendo da morte. De fato ela havia falecido. Seu peito cansado descansou.

Chorei muito. Era verdade que o trabalho e a casa me ocupavam muito, entretanto, senti agora que dentro de mim se fazia uma ausência imensa. Imensidão era o nome da ausência. Por muitos dias me senti vazia como se minha avó fosse minha própria alma e também meu corpo. Aos poucos a melancolia foi me abandonando e a presença de minha avó retornou em forma de lembranças e virtudes.

No dia em que a Bárbara fez 14 anos minha mãe faleceu. Janeiro de 1985. Já estava me acostumando com a ausência de minha avó quando minha mãe sofre um infarto e, sem dizer uma palavra, desapareceu. As defesas em torno da tristeza já me eram fortes. Olhei a morte de frente e já não sentia o mesmo pavor de solidão que sentia antes. De certa forma ela me havia vencido. Recebia os pésames como um ritual esmaecido. Os sentimentos que as minhas colegas de colégio e outros conhecidos me passavam pareciam um artifício desnecessário. Havia uma fortaleza de muros fortes e cheios de musgo revelador de tempos passados. Olhei para minhas filhas com desvelo e gratidão por ter ainda o que amar. Meu marido ao lado representava minha segurança maior. Havia nos três uma ternura ainda alegre. As duas pequenas choravam mais que eu. Talvez seja isso: os avós têm uma força mágica que os adultos não possuem ou já não entendem. Há sonhos perdidos no passado que somente os



netos conseguem avaliar. Os afetos humanos, compreendi, são mais importantes para a felicidade que tudo que estudei. Vi que a razão pode engendrar caminhos úteis e eficazes, mas pouco tem a ver com a alegria da vida a não ser que a ela se associam ações agradáveis em torno daquilo que conhece. Lia Espinosa o qual costumava dizer que ninguém conseguiu determinar a natureza e a força dos afetos. E foi assim que eu me impus, como este filósofo solicitava, a conhecer e tratar melhor os afetos. Fui entendendo que não existe outro modo senão agir de forma permanente sobre certas virtudes para moderar a tristeza com seus ódios e indiferenças e provocar certas virtudes da alegria. Pergunto hoje o que foi que se sucedeu em mim neste janeiro de 1985. A ausência de minha mãe, aparentemente deveria provocar quase um abismo, causou um sentido de ânimo resolutivo para o amor. Se a sua presença física era importante, parecia agora que ela me possuía não mais como uma figura exterior, mas se avolumara dentro de mim com toda sua determinação. Aposentada do trabalho, trilhara com ênfase uma nova perspectiva de estudos de literatura e contava suas histórias de Machado, de Nava e de Rosa com tais detalhes que as minhas crianças devoravam, palavra por palavra, a alma nacional. A alma dos pampas era dada por Borges e por Veríssimo.

Em certos momentos havia um silêncio tal que as ausências gritavam dentro de mim. Havia, por vezes, uma falta que me assolava. Parecia que João já não me era suficiente. Carregava vivos e falecidos dentro de mim e havia uma inconstante forma que desejava ver produzida. Escrevia, então, sobre a vida e todos os objetos, buscando uma comunicação mais intensa. Fui aprendendo o quanto as mínimas coisas podem intervir sobre o principal.

Entreguei-me a João tão alegremente que me confessava estar surpreso com meu novo jeito de ser. E nele operou-se o maior volu-

me de desejos e gratidão por meu modo mais intenso de revelar minha expressão amorosa. Minhas filhas que agora estavam com 14 e 11 notaram a diferença de meu jeito acolhedor e absoluto. Bárbara, certo dia, aninhou-se comigo na cama e me agradeceu. Não posso deixar de pensar constantemente sobre o jeito de João. O movimento de afetos que se pode tirar da natureza para mim foi surpreendente. Fiquei, movida pelos fatos, a acreditar que os movimentos afetivos intensamente expressos transformam a existência e ficou-me claro que participo assim, como todos, da divindade. Confessarei com devoção meu novo ato de fé. Os afetos e de modo especial aqueles, agora divididos com João, Bárbara e Vitória, tornaram-me mais responsáveis por tudo que me cercava e adiante vou revelar como minhas aulas se modificaram e como lutei para que minha escola pudesse ter um sopro de uma humanidade mais interessante. A graça de Deus começou a agir. Confesso-a, porém, particular, tomando de Espinosa a inspiração. Até pensei com Bernanos: afinal tudo é graça! O sopro que perpassa a natureza é o próprio sopro divino. Não assumo em nada a idéia de um Deus que esteja vigilante sobre nós e nossas limitações. Me sinto ultrajada ao pensar em pedir a Deus isso ou aquilo. Em sua onipotência resolveria o que nos aflige. Seria o mesmo que ao ver um terrível sofrimento recair sobre uma de minhas filhas, esperaria que elas gritassem por meu socorro. Não! Não confesso este Deus. Confesso-o enquanto imanente nas estrelas e nas estações com suas leis nem sempre constantes. Confesso o meu Deus em minhas preocupações e de modo especial na ternura e na solidariedade. Nada que existe merece desconsideração. As ciências por mais perfeitas que sejam e mais interdisciplinares que se encontrem não são suficientes para a realização humana. A ética de Deus é uma ética de relações comunicativas, onde ninguém possui razão inscrita. A verdade é uma verdade solidária. O amor e a alegria é que representam a maior vontade de Deus e que ninguém



fica fora do tumulto alegre da vida. A natureza divina se expressa de diferentes formas nas coisas finitas e mesmo nos sentimentos de infinitude humana e aí residem os seus modos de ser. E tanto melhor os modos de ser da natureza se apresentam quanto maior for a configuração unitária de tudo estar em consonância. A constituição de tudo se dá em processos de aberturas à renovação e a diferenciação. Ou, acaso, a natureza foi gerada de uma vez? Do mesmo modo o pensamento e os afetos existem para a incomensurável possibilidade de ser sempre mais. Assim a existência de todos os modos da natureza está entrelaçada e condicionada pelos encontros. Quanto mais protetores e amáveis, mais se revela a face de Deus. Mesmo o nosso corpo não pode ser entendido como duas substâncias divisíveis. Elas se reúnem numa só. Portanto, o pensamento e o corpo se qualificam mutuamente e são indivisíveis. Como a minha alma e meu corpo são apenas fisicamente indivisíveis, assim é como o amor que tenho por João, Bárbara e Vitória. Sinto o mesmo com meus alunos quando com eles comungo de entendimentos. Atinjo de igual forma seus corpos e suas mentes. Assim o indivíduo é uma totalidade nas suas partes e ao mesmo tempo parte em relação aos outros. Quando uma das partes sofre, sofrem todos. Assim entendo que uma instituição, de modo particular a minha escola, representa um modo de ser e seu modo de ser modula o modo de ser igualmente dos professores e dos alunos. Em tudo, porém perpassa a natureza divina com todas as possibilidades de ser e não ser. Deus, então, se uma vez o entendêssemos assim, não seria esta praga de desentendimentos e violências. Em tudo, porém, espreita o limite e a dor. Basta um vacilo que se impõe o sofrimento. A imaginação, então, me parece, aquela parte importante da mente que tanto pode nos fazer gerar a criação como a construção de pensamentos doentios, carregados de suplícios. Se a imaginação se debruçar sobre os desejos sem a devida orientação da vontade, pode haver sofrimen-



to que nada mais é que a tristeza vestida de diferentes maneiras. Não nego em mim que a tristeza possa carregar em si a correção da trajetória. Ao mesmo tempo que Deus tenha colocado o sopro da inteligência, pode haver sonolências, tonturas, delírios e outras formas menos favoráveis para a existência. Se a imaginação é mãe da invenção pode ser também alucinatória. Todas as forças nos foram concedidas para mantê-las em equilíbrio: isso, porém, é fruto de uma educação voltada para as virtudes. Por outro lado como somos unidades solidárias, somos penetrados pelas circunstâncias. Da mesma maneira existe uma unidade entre o passado e o presente. O rompimento com o passado desmancha a imortalidade. É exatamente isso que acontece com nossas cidades, o casario antigo é morto em razão de espigões e outras voracidades. Nisto comungo com Nava: morte! *Morte aos prefeitos, cuja carapaça lhes impede a percepção das paisagens impregnadas do passado das cidades que eles desgovernam.* Nelas existem amores carregados de grande extensão. Em tudo está Deus. Andar pelos caminhos da vida exige a penetração e a tomada das virtudes e muito daquelas que falam de nossas específicas propriedades. Assim como as cidades possuem suas almas impregnadas do passado, assim temos nossa alma que se anima com as virtudes antigas de nossas casas. Me parece, então, que Deus amaria ser reconhecido em toda sua extensão. Se não for assim, cada tempo e cada povo tomarão para si mesmo o Deus mais verdadeiro que outro, matando até em seu nome por acreditar que esta seria sua vontade.

Por me sentir assim estreitada na expressão da unidade entre todos e, de modo especial, por aqueles que decidimos nos aproximar mais, é que avaliarei mais efetivamente a minha presença. Que Deus me tenha naquilo que dele tenho de melhor e de menos recomendável. Comecei a dar de mim para que a alegria seja mais plena e que não deixe o tempo passar sem decidir sobre a felicidade de



minha casa.

E como diz Espinosa, ninguém até hoje determinou a natureza e a força dos afetos e, inversamente, o que a alma pode para moderá-los. Sei apenas que exercícios constantes e uma reflexão sobre o que é melhor podem determinar o tamanho humano. Não comungo, porém com Espinosa quando afirma que a natureza e seus afetos se apresentam da mesma maneira, como se o sistema nervoso agisse em todos de maneira uniforme. A Biologia me diz que existem movimentos semelhantes nos afetos, mas eles são largamente determinados por enzimas, produtos químicos que diferem de pessoa para pessoa provocando, em princípio as mesmas inclinações, mas em cada um esta alma biológica está carregada de maneira, mais ou menos, particular. Então, uns se inclinam mais naturalmente para a tristeza e outros para a alegria. Mas não é sobre isso que quero me aprofundar para fazer o bem em minha casa. Quero demonstrar vividamente que as circunstâncias dadas pelas minhas atividades podem fazer emergir maior ou menor felicidade entre aqueles que amo. Escolho uma noite em que estava acordada e João também e disse em meu ouvido a mesma inspiração.

*Assim como a escuridão cobre a noite
Assim como a claridade cobre o dia
Assim eu quero te cobrir com minha ternura.*

Encostei minha cabeça sobre seu peito e serenamente fui confessando a minha alegria por tê-lo como meu fiel escudeiro. Com ele não tinha mais medo. Depois que me casei, disse-lhe, os demônios fugiram de mim por causa de seus cuidados. As minhas angústias e meus dissabores eram menores por que ele me ouvia sem se importar com o incômodo de alguns de meus sentimentos. Ele era



para mim uma alma quase infinita e não podia haver nada melhor que ele mesmo, penetrando em mim de todas as maneiras.

Depois me calei quieta, mas logo a seguir continuei. Nada posso fazer e nada tenho dentro de mim da qual você já não faça parte. Em tudo já existe uma recordação tua, meu querido amor. Quando abraço a Bárbara ou a Vitória é a você que abraço também. Quando dou aula me sinto perpassada por você. A tua bondade me atinge toda. Depois dormi.

Assim, sucessivamente, dia a dia repetia carinhos conhecidos ou inventados, começando inclusive a escrever sobre seu jeito cuidadoso para que houvesse um reconhecimento sobre sua expressão e que não fosse esquecida mesmo na medida em que estivesse envelhecendo. Falando desse jeito, parecia que, pela proximidade, também me confortava saber que podia me identificar com sua forma de ser. Disse-lhe, por diversas vezes, que ele era minha virtude. Vendo-me desta maneira, minhas filhas começaram a reverenciá-lo também, tornando-se ele mais afetivo com elas a ponto de estranharem o pai tão diferente.

Comecei a olhar para minhas filhas de forma menos austera e mais próxima e vi que os resultados começaram a surgir tanto no rendimento escolar como no cuidado pela casa. E pensava, entretanto, até onde posso ir com tais decisões?

À distância olhava para minhas filhas e vendo-as algumas ideias perpassavam meu corpo. O que me fazia tão preocupada com a sorte delas? Tremores me possuíam quando sofriam e, ao pensar no futuro, anuviava-se meu rosto e, outras vezes, sorria, pensando tê-las em minha companhia pelo resto da vida. Queria marcá-las com minha austeridade e com minha doçura. Não receava de endurecer sobre a limpeza da casa e em tudo que a escola exigia. Tinha e



tenho que a amável dureza face à disciplina pode torná-las atentas para com tudo que fosse delas e dos outros. Tinha a impressão que as virtudes brotam no ser humano com a repetição de atividades em torno daquilo que se deseja. Não poucas vezes conversei sobre o perdão, ouvindo-as sobre suas mágoas. Não poucas vezes insistia para manterem a amizade mesmo que suas amigas não fossem sempre agradáveis. O aprendizado da amizade tem seu preço. Muitas e muitas vezes íamos até à casa de Leocádia e do seu Pedro, velhos dependentes. Aí levávamos frutas para suas filhas que se desvelavam dia e noite para que os dois estivessem bem. Não tinha semana que não fazíamos uma leitura para ambos. Aprendi por minha avó que se tornar bom não se aprende de ouvir, mas de fazer. E quando tomando nas mãos os velhos acamados, víamos uma lágrima de gratidão nas faces enrugadas, era, então, que via que a sensibilidade se aprende pelo contato. Mais que tudo via a necessidade de atender cuidadosamente as duas filhas que zelavam pela vida dos dois. E posso me orgulhar pelos resultados colhidos. Por ver a angústia das cuidadoras, minhas filhas se solidarizavam e fizeram questão de dividir suas amizades. Me emocionei muito quando pediram se podiam ficar o dia todo na casa do seu Pedro, pois a filha Luíse iria visitar o seu filho em Porto Alegre. Como seu Pedro já estava acostumado com as duas, ficou mais fácil o cuidado. Me confessaram depois que sentiram constrangimento em trocar as fraldas do velho. Ficaram abatidas em razão do velho pedir desculpas de não mais controlar seus esfíncteres. Consolei-as como pude em torno do sofrimento humano. Mas, apesar de fazer de tudo para que estivessem bem consigo mesmas, não eram poucos os momentos em que estavam acabrunhadas num canto. A Bárbara um dia disse ao João: viver dói!! Dói sim, disse eu, mas também em tudo pode haver alegria por saber que podemos olhar destemidamente. Continuei: se de um lado dói, seja de saudades de quem tivemos e perdemos, seja por

ver de perto o sofrimento, por outro lado, podemos tirar o melhor do sol da manhã e de todas as coisas que ele ilumina, bem como do amor que temos. Apertei-a contra o meu peito. Vi que chorava comovida. Era dezembro, o tempo em que a saudade também se abate sobre mim, mesmo com razões de sobra para estar contente.



Sobre minha vida de estudante e professora

Para firmar melhor posição sobre a vida que estou levando não posso deixar de falar de algumas professoras, de um professor e mais duas ou três colegas. Como aluna eu digo: a escola poderia me dar ainda mais, mas sou-lhe agradecida!

Ensino Fundamental

Não lembro ao certo quando reuni as letras, formando palavras e, com elas frases, as quais, a partir de então, começaram a me tumultuar. Agradeço aos céus a quem me concedeu o prazer das leituras.

Gostaria de me ocupar das quatro primeiras séries. Mesmo se não tivesse seguido meus estudos, já me bastariam estes quatro anos para ter o suficiente. Aprendi e, avidamente, comecei a devorar textos de pequenos e grandes livros. Lá estavam eles como casulos e voavam, logo a seguir, para dentro de mim. Ler tornou-se como tomar para mim as almas dos outros. Se minha mente era pequena, com a graça dos outros e todos os movimentos de tempo e de lugar, de vida e de morte, de desejos e de vontades, de causas e efeitos, de quantidades e qualidades, comecei a ampliá-la fogosamente. Os livros se tornaram para todo meu ser, semelhantes ao vento para meus pulmões. Precocemente, também, tive desejo de me pronunciar a respeito de tudo.

Pensei de oferecer o que vai na minha alma, como um preito,

e escrevi para as duas professoras que me fizeram descobrir e amar as letras. A primeira me deu o momento mais precioso quando me descobri lendo e que podia conversar sozinha com os escritores e, a segunda, me fez amar a literatura. Carrego em mim retalhos de poemas que de tempos em tempos insistem em conversar comigo e eles conversam com minha alma que é meu corpo e com meu corpo que é minha alma. Neles procuro um pouco de paz ao descobrir o sofrimento humano e de quanto é feito o esforço para diminuí-lo. Há que se fazer uma caminhada constante e indomável para diminuir este purgatório. Por vezes, a paz me sobrevêm com tanta delicadeza que me sinto alegre por existir. Bem, venha a paz, por misericórdia divina, como reza Dante, porque de encontrá-la, sozinhos, nosso engenho é incapaz. Então me aprumo nos versos inspirados de divinos seres humanos, que por menores que sejam são o suficiente para me animar. Brinco com Adélia Prado reunindo minha intimidade carnal com desejos primários e impudicos.

*Não quero chá, minha mãe,
quero a mão do frei Crisóstomo
me ungiendo com óleo santo.
Da vida quero a paixão.
E quero escravos, sou lassa.
Com amor de zanga e momo
quero minha cama de catre,
o santo anjo do Senhor,
meu zeloso guardador.
Mas descansa, que ele é eunuco, mamãe.*

Às vezes sento com Cecília Meirelles e vou fazer as Compras de Natal. São as cestinhas forradas de seda, as caixas transparentes os estojos, os papéis de embrulho com desenhos inesperados, os



barbantes, atilhos, fitas, o que, na verdade, oferecemos aos parentes e amigos. Pagamos por essa delicada graça da ilusão. E logo tudo se esvai, por entre sorrisos e alegrias. Durável — apenas o Meninozinho nas suas palhas, a olhar para este mundo. Um menino de gesso sobre o qual faço minhas poesias e sonho também com o infinito e até me sinto soberba como Augusto dos Anjos a arder o meu supremo e extraordinário ser na hiperculminação definitiva.

Mas, no mais das vezes, me sento à mesa e contemplo as pequenas coisas da terra assim como fazia Clarice Lispector. *A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa.* Mas, sei que nem sempre me sinto assim como Clarice. Às vezes fico num canto como uma abóbora sem sentido e me acostumo por aquilo sobre o que não poderia haver costume, mas constante renovação. É então que passa por mim Marina Colassanti e me faz ver que *a gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E por não olhar para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E porque à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.*

Para escapar ao limite chamo as memórias sonhadoras de Ronald de Carvalho e me sinto exatamente do tamanho do Brasil e as palavras se repetem

*Nesta hora de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
faíscas
cintilações
Eu ouço o canto enorme do Brasil!*

*.....
guindastes que giram,
rodas que batem,
trilhos que trepidam,
rumor de coxilhas e planaltos, campainhas, relinchos, aboiados
e mugidos.*

Dentro desta convulsão brasileira de políticos ladrões que se repetem sem grandes invenções, vem Augusto dos Anjos para me tirar a paz.

*Eu sei que há muito pranto na existência,
dores que ferem corações de pedra
e onde a vida borbulha e o sangue medra,
aí existe a mágoa em sua essência.*

Para meu consolo surge Augusto Frederico Schmidt e com sua fonte lavo o meu rosto febril



*Ouço uma fonte
É uma fonte noturna
Jorrando.
É uma fonte perdida
No frio.
É uma fonte invisível.
É um soluço incessante,
Molhado, cantando.*

Sento, então, no colo de Augusto Frederico e rezo com ele em sua pequena igreja: Eu quero louvar-te, pequena e humilde igreja desta cidadezinha que está morrendo. Eu quero agradecer-te a compreensão que me deste das coisas humildes e eternas.

Ando de um lado para o outro e me pergunto por que as saudades vêm tantas em mim se tenho tanto em minha casa? Ouço silenciosamente as pombas de Raimundo Correia

*Vai-se a primeira pomba despertada ...
Vai-se outra mais ... mais outra ... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada ...*

*E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...*

*Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;*



*No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...*

E quando me aborreço com a falsidade de tanta gente que esconde a verdade e me dizem palavras sabidamente mentirosas fico ainda com Raimundo e cito-o para mim mesma.

*Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!*

*Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja aventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!*

De fato, ao olhar-me penso: mesmo uma paixão fugaz deveria ser revelada ao companheiro para que não ficasse sufocada a verdade como uma coisa estranha. Por isso eu digo que os amigos, aos quais não se oculta nada, podem consistir tão razoáveis quanto um terapeuta. Isso mesmo, para não incorrer numa loucura na qual se guardam fantasmas aviltantes e não se ficar como Ismália de Afonso de Guimarães

*As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...*

Por vezes eu quero paz e uma paz solitária, mesmo sabendo



que a solidariedade seja a única salvação, pois Deus se revela nos outros e na solidão ficam apenas as lembranças de todas as ordens. Quero, então, contraditoriamente, uma paz mais ampla. Uma paz infinita onde tudo pode ter um sentido chamado imensidão. Quero a paz em minha casa, quero a paz dos pobres que se contentam comendo uma melancia. E lá vou eu infante mergulhando na sorte de um Deus incompreensível, mas necessário, tendo a companhia de Pessoa

*Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu no colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.*

*Tomo Ferreira Gullar neste mundo, tantas vezes fugidio
Pervago em um mundo estranho.
Mas em meio à estranheza
do mundo, descubro
uma nova beleza
com que me deslumbro:
é teu doce sorriso
é tua pele macia
são teus olhos brilhando*



*é essa tua alegria.
Olho a árvore e já
não pergunto "para quê"?
A estranheza do mundo
se dissipa em você.*

E deito, em devaneios, deixando a tarde rolar dentro de mim

*Hora minha, inestimável hora.
Amável como seio e aconchego.
Minha doce tarde, onde o tempo pára.
E faz dobrar sobre mim, suavemente,
Toda a natureza.*

*Fica terno, por um instante, o tempo.
Infinito torna-se o ser de toda coisa.
O amor nesta infinitude-hora, se desdobra,
Mostra sua face, se debruça
E conversa com minha alma.*

*Hora nossa, em que cai a tarde e oferece
A calma mais serena, a saudade do passado
E do futuro, apenas, a certeza de existir.
Recolhendo-se o tempo, numa hora só,
Sem voltar nem ir: Infinita hora!*

Creio ser suficiente esta homenagem e a estendo para algumas outras professoras que tornaram muito melhor a minha vida. A sabedoria mostra que é preciso aprender a decifrar mapas para dar forma para a nossa estrada. Elas me proporcionaram os cenários e tornaram aprazível o meu caminho. Assim ficaram memoráveis.



Uma das professoras de história insistia em dizer que a história é que dá conta de quem somos. Um dia uma colega disse não entender do que estava falando. A professora Francisca olhou-a, severamente, e disse que se ela, como mulher, podia dizer o que estava dizendo, foi por que um dia alguém duvidou que somente os homens, os reis e os amigos do rei poderiam falar. O silêncio pertencia às multidões e sempre eram as mulheres que deviam ficar quietas. A história foi cruel e alguém se levantou para que você pudesse falar sem medo. Minha filha, disse a professora, se você pode falar e livremente dizer o seu pensamento, foi porque alguém ofereceu seu pescoço para que tanta gente pudesse andar de cabeça erguida. Veja, Noêmia, quantas pessoas foram erguidas na forca porque diziam que não é justo o sacrifício da escravidão. Quantas mulheres choraram nas fogueiras antes que nós pudéssemos confessar o Deus que bem entendemos ser o melhor. Estava, então, na oitava série. Vim para casa e chorei de gratidão por todos aqueles que gastaram tantas horas de suas vidas até convencer que somos mais ou menos iguais. Quando cheguei em casa abracei minha mãe de tanta alegria por saber que ela era uma mulher muito considerada como professora e sua imortalidade feminina fora conquistada na marra. Abracei nela todos as mulheres que choraram sozinhas pelos cantos sem que alguém tivesse dito que eram importantes como os homens. Abracei meu pai quando voltou do trabalho, apreciando seu trabalho porque sabia que seu nome de trabalhador era o que tinha de importante porque haviam posto todos os homens como reféns dentro do trabalho. Foi por esses dias, com a professora Francisca, que entendi que somos o que humanidade conseguiu fazer de nós: o tamanho que nós temos. Perguntei, então, qual será o tamanho que ainda vou ter?

Antes, porém de entrar no diálogo memorável de minhas professoras não posso esquecer o que significaram meu pai e minha

mãe e minha avó nesta interlocução escolar. Fico hoje pensando o quanto somos movidos pelo reconhecimento. Cada gesto meu no aprendizado escolar tinha o seu momento de admiração. Minha mãe se encantava lendo meus versos ingênuos sobre as coisas, os dias e os lugares. Não esqueço de apreciar o que dissera sobre um pequeno texto que eu fiz sobre a Estradinha que ia de minha casa até à escola.

*No caminho de minha casa
Tem flores, pedras e, também,
Medram sonhos no caminho.*

Fiz um tema muito importante na disciplina de história, ouvindo meu avô sobre as lutas que tivera e quais as esperanças que ainda sustentavam sua vida. Me valeu o reconhecimento da professora. Falou: bem que tinha a impressão que a história da humanidade se aproxima dos sonhos de cada um. O que teu avô falou é um retrato de todas as lutas e os sonhos da humanidade. Dia desses convidou meu avô para falar para meus colegas. Quando terminou de falar percebi uma lágrima que descia de sua face. Parecia que tudo que fizera e pensara tinha um novo tamanho. Entendo hoje que fora mais importante dizer o que aconteceu, do que, propriamente, a importância dos feitos realizados. As narrativas consideradas e aplaudidas fizeram tanto bem que não cansou de dizer que valeu a pena fazer o bem. Aí foi que eu percebi porque fiquei também contente por ver meu pai olhando com carinho para meus cadernos. Tinha a seguinte impressão: tão importante quanto o que tinha por aprender eram os olhares de meus pais e de meus avós.

Aprendera de forma contundente, na disciplina de história, o quanto é importante ser reconhecido sobre o que se é ou sobre o que se faz. Se não for assim, existe um aniquilamento mortal. Mercedes,



menina de traços negros, foi me confidenciando de suas dores carregadas dentro de sua família: Antônia, te garanto o seguinte: é muito sofrimento quando falo com meu avô. O quanto foi difícil poder usar uma roupa decente. Sei de mim o quanto me olham com desprezo, mesmo quando mereço um olhar de consideração por dizer algo bem dito ou fazer algo bem feito. Palavras duras de se ouvir são aquelas que minhas colegas falam: aquela...não se dignando referir meu nome. Quantas vezes ouvi as vozes diminuírem o tom quando chegava. Quantas vezes ouvi silêncios acusadores, dizendo-me de minha presença inconveniente. Então, Antônia, chego a concluir: os males que a história fez não conseguem ser afastados; ao mesmo tempo vejo a dificuldade de me ver como uma pessoa importante. Deveria ser mais que as palavras e os olhares dos colegas, mas me vejo presa como um animal acorrentado. Abracei-a com a ternura que o momento me oferecia. Tomei a decisão de estar com ela muito de perto enquanto estivesse na mesma escola. Me causou surpresa quando minhas amigas mais íntimas me perguntavam seguidamente: o que deu em você de gostar de Mercedes, como se fosse natural deixá-la de lado. Parecia uma imposição esta de não se envolver com quem não fosse em tudo semelhante. Aos poucos minhas amigas foram se acercando dela e descobrindo o que até então era ocultado. Comecei a agradá-la com pequenos mimos para aumentar a boa vontade que tinha para com ela. Convidou constrangida a que fôssemos em sua casa. Fui. Ao entrar vi que a pobreza dói e mais doía ver a dor de Mercedes por se ver tão pobre em sua casa. Sentei na soleira de sua porta para dizer que aí é um bom lugar e, a seguir, fomos até à mesa e tive vontade de chorar por ver um lugar tão tosco. As vozes do meio dia mereciam um lugar mais bonito.

Falou-me que seu pai estava juntando, fazia tempo, uma economia para construir outra casa. Disse-lhe que meu pai lidava com material de construção.

Naquele ano de 2002 pedi um presente para meu pai e foi grande a sua surpresa quando solicitei se não tinha como facilitar a compra do material de uma casa. Meu pai disse que sim! Encontrei uma forma delicada do pai de Mercedes ir até à loja de meu pai. O orgulho da pobreza é muito sensível, isso eu sabia por causa de sua filha.

Quando a casa ficou pronta aprendi outras coisas que tem a ver com meu entendimento sobre o que é viver bem e ter uma vida carregada de bem-estar. A alegria, então, tem tudo a ver com nossos lugares. Vi com o professor de filosofia que é possível revelar uma vida melhor se pudermos incentivar os afetos alegres. E estar em bons lugares é uma forma de a gente se tornar melhor. E dizia ele: quanto mais bonitos lugares tivermos para frequentar, possivelmente mais alegria podemos tirar de nossa vida. Contou-me, então, meu professor que disse tivera uma experiência singular: acompanhara sua avó numa excursão! Disse-me que estava devendo à sua avó um presente, pois cuidara dele durante uma longa doença da sua mãe. Surgiu uma viagem para lugares diferentes e de paisagens convidativas. Sua avó que andava meio acabrunhada depois que perdera um filho, merecia um carinho. Sabe, Antônia, quanto mais avançávamos nos lugares, mais eu via minha avó se modificando. As paisagens se convertiam em sua alma a ponto de achar que elas agora redefiniam seus sentimentos. Avaliei com Espinosa que os afetos que vemos claramente superam aqueles que vemos mais distantes e já confusamente. Daí compreendi que é possível entender a geografia como uma disciplina terapêutica. Imediatamente associei o que havia visto em Mercedes às palavras do professor. A geografia por causa de Mercedes e por causa do professor começou a ter um significado muito bom! Na universidade avaliei melhor o quanto me fizera bem a geografia. E comecei a tratá-la com grande reverência e mesmo com certo calor. As aulas não mais eram uma



descrição sem sabor. Via os lugares como espaços que aceitavam minha vida. Cada um deles passou a ser como um ninho e lembravam um pequeno ninho de tico-ticos. Aqueles fios trançados no chão e ele chocando seus ovos estavam carregados de uma certeza inconsciente da reunião da terra com a vida. Comovia o cuidado do pequeno casal em torno dos filhotes aí no chão e quando eles cantam tristes ao entardecer, antes das chuvas, carrego uma certeza: a saudade animal traduzida em seu canto. A geografia passou a me parecer não somente uma espécie de imaginação poética em torno dos lugares e o que os humanos dele fizeram, mas a indicação concreta de como somos tecidos pelo solo, ar e água. Mesmo que a renovação seja constante pela intervenção agressiva do homem, acima residem ventos amenos ainda não respirados e sobre o solo caminhos mais perfeitos. Não me conformo em olhar como olham alguns geógrafos que descrevem tudo como se nossa alma e nosso corpo aí não tivessem sua substância.

Hoje entendo ainda melhor uma professora de geografia quando dizia ser a história e a geografia como a alma e o corpo. Foi a partir de então que tomei com cuidado estas duas disciplinas e até aprecio algumas ideias não mais como figuras retóricas, mas como representação da própria realidade. Parece a mim certa evidência de a terra ser o corpo, tendo sua anatomia e fisiologia e sendo a alma das comunidades conforme a própria geografia. Ambas história e geografia tendem a se conformar de tal forma que se confundem. Os lugares distantes possuem uma história pequena e avassaladora em razão de seus repetidos costumes. Ao contrário, lugares de fácil acesso e por onde perpassam comunicações constantes percebe-se uma história exuberante. Lugares de solo rico e de transporte facilitado promovem-se com facilidade. Os lugares não são apenas os mapas onde as comunidades se transformam, os lugares é que definem também novas ideias que perpassam as comunidades e as

comunidades fazem crescer pessoas inquietas. A Grécia nasceu de um lugar com evidentes traços de comunicação e assumiu novas inspirações em razão de sua vizinhança com o Egito. Fico até a jurar que a geografia não somente é instrumento fiel da alma, mas sim a sua essência. Assim como os sentidos nos fazem próximos de todos os pensamentos e sentimentos comunicados, assim as estradas, os mares, os ares transportam a renovação das comunidades. Me alegro, particularmente os burgos em sua efervescência: o contraste com os velhos feudos. Os caminhos das cruzadas trouxeram a alma árabe onde se escondia a alma grega, esperando mais uma chance. Nasceram os pequenos lugares mais livres e do alto se defendiam, buscando agilizar suas mudanças em contato com outros lugares.

Me via satisfeita quando, em setembro, comia as primeiras amoras ao lado das jabuticabeiras cobertas do verde-marrom. A comunicação direta da geografia entrando em meu corpo e minha alma. Assim quando ouvia histórias feitas de lutas sobre campos abertos, sabia que elas e eles se completavam. Mais ainda me dava com os pequenos lugares e as pequenas histórias. As matas faziam os lenhadores e as roças faziam os agricultores. A ecologia com seus animais tornavam meus livros cheios de parentes. Olhava condoída para o urutau. Me penalizava de vê-lo encimar os paus envelhecidos. A história de todos os animais me precedeu e agora não podia deixar de avaliá-los como devedora de respeito e, mesmo, devoção. Estava, por vezes, vazia de mim a ponto da ternura dos pássaros me possuir e por sucessivos momentos semelhantes, pelo ouvido e pelos olhos, me via penetrada por certa infinitude. Assim como me parecia, já na escola haver, mesmo que obscura, uma espécie de solidariedade única entre tudo, assim nada mais seria eu que um pequeno rio que escorre suave e, quase sempre com certo rumor, na direção do mar que seria o responsável por desejos imensos. Os seres humanos se constituem, então, para mim, de acordo com o



espírito das comunidades e de suas histórias maiores, ou mesmo em seu poderoso e mais constante cotidiano, tributários das terras em que pisam. Os tempos e os lugares seriam uma só e mesma coisa. Eu, Antônia, sou uma pequena unidade neste drama unificado.

Começo com a professora de Geografia, a Somaia. Foi quem solicitou como tema de casa que fosse descrever o meu corpo, a minha casa e o meu quintal. Fui falar com minha avó: ela me confidenciou dizendo que meu corpo tinha uma história muito bonita. Falou da origem de meu pai e de minha mãe e por que era loira e tão meiga. Descreveu o caminho da arqueologia de meu corpo e nunca pensei que meu corpo tinha uma história tão longa. Falou da história de uma bisavó que havia conhecido. Transportes e sofrimentos haviam se trançado até chegar em mim. Quando foi chegando nos meus avós ela se aprumou comovida e uma lágrima rolou. Teus quatro avós eram uma fortaleza. Não vou falar de mim, mas da avó por parte de teu pai. Era uma pessoa frágil de saúde. Mal se continha de pé e, por muito tempo, compensava o seu corpo pequeno com uma austeridade de montanha. Teu avô, no início do casamento, começou a beber. Ela endureceu com ele e um dia quebrou-lhe na cabeça uma garrafa de cachaça, dizendo que não daria seu corpo para um bêbado. E foi morar sem ele. Recolheu seus filhos, dizendo-lhe que fosse vê-los quando pudesse caminhar sem cambalear e quando pudesse dizer palavras agradáveis e abraçar seus filhos sem passar vergonha. Que ele a teria novamente quando fosse abraçá-la sem o bafo horrível. Ele chorou e esperneou, mas somente quando pode caminhar sem vacilos, falar com exatidão e abraçar sem vergonha, é que entrou na casa dela novamente. Te conto estas coisas para que você saiba, minha neta, que a dignidade exige temperança. Meu marido, minha neta, andou querendo se meter fora de casa e fiz ver a ele que não aceitava dividir a promessa dele com ninguém. Foi um santo remédio. Se é verdade que homem tende à infidelidade, sei lá

se por educação ou instinto, ele aprende a ser fiel quando a mulher se dá valor. Buenas, minha pequena, você veio me dizendo que teu corpo é o melhor lugar de geografia. Não entendo, mas acredito. Quando tua mãe estava grávida, você foi crescendo nela com se dela fosse nascer uma estrela. Puxa! Se existe um lugar que foi amado foi teu corpo e desde que nasceu, ele foi se enchendo de pequenas histórias. Mas, como você pode descrevê-lo, eu não sei. Minha Toninha, como você vê teu corpo? A tua geografia física foi bonita e o que tu estás fazendo dela só tu podes dizer.

Passei horas pensando sobre a geografia de meu corpo. Espaços íntimos e de tal forma meus, que sei de seus segredos e o que meu criador de infinitas falas me concedeu. Espaços de meu corpo administram as suas reservas e recebem as divulgações e todas as cargas que se avizinham de mim. E quando esta universidade de constituições se associam às outras que traduzem minhas motivações alegres e tristes, fico então a me encantar e a infinitude parece ser irreversível. Tenho as vias de comunicação de meu corpo e por elas as cores, os sabores e os tons do mundo convergem soberbamente. Quando surgem palavras e outras imagens, então, meu espírito se amplia de tal forma que os outros me governam. Sinto minha geografia coberta de proteção e dela cuido com unções de óleos, cremes e perfumes. Sua presença merece consideração. Pequenas montanhas e pequenos vales se desenharam em meu corpo, pronunciando-se em favor da vida. Agradeço aos espaços mais volumosos que amaciam meus acentos. São redondos e sei que estas montanhas, como irmãs, são também sensíveis e me encantam os encantos dos olhares. Há uma geografia que se desvela em histórias e se revelam aí dramas, comédias e me constituem nos mais pequenos atos do cotidiano.

Também apreciei a provocação da professora para que expu-



séssemos as impressões em torno da geografia dos meus pequenos lugares como a casa e o pátio. A geografia de minha casa é de modo especial a melhor reserva de inspirações. O assoalho de madeira se me dá com uma solidária passagem sobre ele. Por mais que lhe agradeça, range seus dentes. Me desdobro em agradecimento por esta geografia de madeiras mortas. Sei que a vida que tinham soava mais livre e bela quando soprava o vento ou quando os pássaros diziam ternuras em suas copas. Agora as noites de seu lugar são silenciosas. Aprecio meu quarto como os lugares ermos onde poucos têm acesso. Tomo meu quarto como minha toca primitiva e, de fato, aí refluem todos os animais que deixaram em mim seus mandamentos. Penetro nele que recolhe meu corpo para descansar e, por vezes, minha alma, com ele, se põe a rir e chorar. Na casa existem fronteiras e lugares proibidos. Quando numa noite penetrei distraída no quarto do pai e da mãe senti que minha invasão constituía mais ameaça a meus pais que a invasão dos bárbaros. Me senti uma huna invasora. A diferença apenas foi que me envergonhara de minha distração. Também se carrega no seio da casa segredos que todos sabem, mas há grandes interditos sobre eles. Existem lugares e disso já expus, como a mesa, onde se desdobram as palavras e a alma toma jeitos a partir de consensos, silêncios, convenções, ameaças e revoltas. Aí se tecem contradições e verdadeiras dialéticas familiares.

Por estes dias meu professor de filosofia dizia que os estudiosos têm avaliado a consciência humana como um mito muito onipotente, mas ela tem sido fustigada fortemente pela ideia de um inconsciente carregado de forças obscuras que somente alguns psiquiatras têm o poder de penetrar mediante técnicas muito especiais. Neste ponto ele alterou a voz com certa comoção e disse que a nossa consciência tem muito a retirar do diálogo e somente aí ela pode se conformar com seus potenciais. A consciência, dizia ele, sozinha, é

louca e seus pensamentos são incertos e sempre incompletos. Dizia mais: por outro lado, a consciência não é tão restrita a ponto de ser prisioneira do inconsciente. Se ele possui forças de fustigar a consciência, o inverso me parece verdadeiro. E de modo especial, continuava, esquecemos que a nossa vida é um drama solidário e, a todo momento podemos nos mover em diversas direções. Finalizou: e de modo especial esquecemos o mundo dos encantos, imaginações e das poesias com suas energias particulares capazes de demover-nos de fixações. Não somos como mulas que empacam. Os outros podem perfeitamente nos comover e carregar-nos de forças melhores que aquelas que transportamos. E, portanto, nem a razão particular nem os instintos e os sinistros são os únicos capazes de nos orientar. Ri comigo ao pensar que a consciência de uma casa mora na sala e o inconsciente no porão. Em tudo existe uma alma e seus segredos. A minha casa compreende todos aqueles que me habitam, tendo neles a construção de meu ser.

Ainda que eu não entendesse completamente meu professor de filosofia, avalei melhor o quanto existe de solidariedade em minha vida em torno de tudo que possuo e me atinge. Mas estava preocupada em descrever o quintal, a terceira dimensão de meu trabalho de geografia que a estas alturas já me confundia com a história.

O quintal de nossa casa tem árvores nascidas da vontade de meu pai. Ele fez a história daquela pequena mata. O lugar e sua configuração instruíam o que meu pai devia pensar e fazer. De nada adiantaria ele querer plantar tamareiras. Mais uma vez se afigurou dentro de mim a compreensão da geografia orientando a história e esta àquela. O quintal estava nu, dizia meu pai, e plantas rasteiras cobriam seu dorso. Dezessete anos depois podia ver as verdes pitangueiras e araçás se erguendo. Uma palmeira estava entre as jabuticabeiras. As gramas humildes aliviavam os passos. Aí estava



o exemplo da vontade humana, construindo o espaço. Os bancos, entre as árvores, serviam de lugar onde aliviava minhas tensões. À noite, não poucas vezes, olhava o céu e as estrelas, constantes e quietas, contavam as vidas que haviam passado. Me dava ao luxo de gastar horas avaliando meu futuro, e horas considerando meu passado. Não chegava à conclusão alguma. Sonhava com as águas que eventualmente pudessem estar descansando em lençóis sob meus pés. Temia que pudessem se contaminar, tamanha era a falta de cuidado que via nas ruas e nos pequenos rios. Torcia para que fossem profundas, e, solitárias, estariam melhor que em companhia humana. Certo entardecer, num cochilo mais fundo, vi um forno erguido entre as árvores. Uma velha senhora insistia em retirar pães e mais pães. Um menino ao lado cheirava-os e lembro de sua frase: vó, que cheiro bom tem os pães novos. A velha respondeu na hora: assim é a juventude. A vida se encarrega, porém, de devorar seu cheiro e sabor. O menino achegou-se até ela e consolou-a em seu pessimismo. Assim não, vó! A senhora me alegra muito fazendo os pães para todos nós. A minha vida e de todos nós deve muito para a senhora. Obrigada, respondeu a velha. Num tremor me acordei e não havia nem forno, nem velha e nem menino. Ao narrar este sonho para minha mãe, falou que, quando ela fora menina, lá havia uma casa antiga. Falei com minha avó sobre esta história e ela confessou o que minha mãe já havia falado, acrescentando que nos fundos da casa antiga havia um forno. Mas, pensei que meu sonho do quintal pudesse ser para mim o mundo em miniatura, desde as estrelas e tudo o mais que a terra produzia. Dos animais dentro de mim, carrego tantas determinações que somente as ideias e as virtudes podem controlar, da flora, o silencioso trabalho de meus órgãos e, das folhas, me considero como as que estão exuberantes na primavera e também como aquelas que caem no outono. Tudo a seu devido tempo.



O último trabalho encaminhado pela professora de Geografia traduz de forma vigorosa a idéia dos vínculos entre história e geografia, entre corpo e alma, instâncias da mesma realidade: a minha cidade. Hoje apresento com mais clareza meus pensamentos sobre a configuração interdisciplinar de todas as coisas, comparados aos primeiros passos de meu entendimento. Minha cidade ainda carrega com nitidez a alma dos tropeiros, fruto da geografia dos campos abertos. Mulas tantas existiam nos campos de Santa Fé e me dizia a professora de história que eram os jumentos que sobraram de Potosi e se reproduziam na Argentina. Foram trazidas para Minas Gerais para dar conta dos ouros e outras riquezas. Passo Fundo era o lugar de passagem. Esta é minha cidade onde ainda se proclama sem pestanejar a bondade de todos, pois que viajantes não possuem maiores pretensões além de estarem bem acompanhados, levando sonhos. Aqui ninguém, por conta de vastos horizontes e de uma história de nômades, está se julgando o principal. A alma dos que migram é mais aberta. Fui assim descrevendo minha cidade, pois também me tinha e me tenho como alguém de passagem. O seu nome, indicador de travessias, passo fundo, e a rua principal estão para não impedir ninguém de ir e vir. Me sinto bem nascida por que é fácil conviver em lugares assim. Em tudo aqui, também, se revela a alma humana, alguns carregando virtudes e, por se ter pela passagem tanta liberdade, vêm os bêbados, os loucos e os ladrões. Minha cidade tem uma universidade conquistada por decisão de seus habitantes, uma vez que não possui o vício da proteção política. Então, eu penso que um dia a minha cidade poderá ter formas mais adequadas de se governar que a estreiteza quase absoluta de obedecer aos critérios de impostos centralizados, de legislações interesseiras, e de uma justiça preguiçosa. Portanto, espero um dia poder caminhar mais livremente. O que me assustava quando menina, hoje me apavora. Um povo inculto elege de acordo com os desejos de seus coronéis.



Me sinto mais uma vez como uma folha que cai. Isso, porém, não arreda de mim a idéia de estar no meu lugar, mais ou menos, como a paineira da minha vizinha que, em flocos, leva sementes. Se tantas vezes me sinto avassalada, tantas outras me sinto responsável por dias mais convenientes para todos. Me sinto parte da alma virtuosa desta cidade cuja geografia é suave e sua história feita de decisões locais. É isto que posso esperar de minha história, que se engrandece pela geografia alimentada em vastos campos.

Assim como a história e a geografia tiveram sua influência orgânica sobre a compreensão de mim e dos outros, assim a biologia. Se as primeiras me diziam com ênfase quase exagerada de como o ambiente com seus eventos, falas e lugares produziam a minha existência, uma das professoras de biologia conseguiu fazer amar e compreender a estrutura física de meu ser e produzir um respeito quase devoto pela vida. Com ela meus músculos, pelos com sinais de minha arcaica origem, ossos, sentidos, sexo, outros órgãos, sistema nervoso e endócrino, passaram a constituir definitivamente parte integrante de minha existência e nenhum animalzinho ou plantinha passaram a ser indiferentes. Compreendi através da biologia a subida alegre e dramática da evolução e a dinâmica da vida e da morte. Compreendi a fragilidade e a fortaleza das leis que governam a herança e as circunstâncias como moduladoras. Não sei esquematizar a biologia por que ela não se revela em partes. Sua unidade me comove e quando, passado longo tempo em que as células cumpriram sua missão, parece que silenciosamente começam a pedir pela hora da morte. Começa então o ardoroso processo de não se entregar para o inevitável. Funções outras entram para minimizar o resultado da dinâmica da morte. Fico dividida entre todas estas formas de ajudar a viver, mas de modo especial não posso perder este imenso diálogo, mesmo que passageiro. Divido, com a matemática, a grandeza e multiplico, com ela, os milhares de espécies por tantos

lugares onde habitam e me comovem as expressões da vida desde as mais rudes até as mais complexas como esta de pensar. Mais que a simples biologia, a professora conseguiu fazer ver em constantes avisos sobre a solidariedade e respeito por tudo que se move.

Marcou em mim uma das aulas. Ela parecia deslumbrada com as ciências naturais e, em especial, com a história física do homem e sua ecologia. Disse que em cada um se destacavam as marcas visíveis de sua sexualidade e que seria a primeira unidade de estudo da sétima série. Afinal isto é um encanto. E não há necessidade de risos marotos, pois a vida se multiplica e, além de tudo, concede o prazer como recompensa. Cada um de nós foi fecundado, gerado e nascido e espero que todos tenham sido feitos ternamente. Se não foi assim, pouco importa, importa que estamos aí e vamos conhecer como se dão as maneiras e o funcionamento de nossa amável intimidade. Afinal a vida é coisa de valor. Ela vale por si mesma e não se aquieta sozinha. Por isso vamos falar também de amor e de respeito. O sexo é bom, mas vamos abraçar a vida com cuidado. Está bem? E como primeiro exercício vamos perguntar em casa qual a memória que os pais têm de quando e como nasceram. Qual é a história do nascimento de quem amamos? E vamos trazer para a sala de aula o jeito de cada um ter nascido. Nós temos a nossa importância. E começo contando para vocês como eu fui gerada e como nasci. Sou filha do segundo casamento de minha mãe. Ela vinha de um casamento difícil e estava começando com meu pai. Ela disse que foi uma surpresa. Não fui planejada. Isso na vida é comum: nem sempre esperamos nem o pior nem o melhor. As coisas se precipitam. O melhor então aconteceu para mim. Minha mãe disse que esse novo amor dela estava tão bom que ela se distraiu e, pronto, lá cheguei eu! Todos nós rimos com a observação da professora. O meu nascimento não foi fácil. Nasci de parto cesariano. Aí a professora explicou o que é parto natural e o cesário. Disse que é cesário por



que um imperador romano assim nasceu. Minha mãe teve infecção hospitalar e vieram, então, outras explicações interessantes. Mas, depois, diz ainda minha mãe, me comportei bem. Não dei muito trabalho e desde os primeiros dias me acostumei com a mamadeira. Minha mãe havia feito cirurgia nos seios por isso fui criada sem este carinho. Minha mãe disse que a ternura dela para comigo não faltou nenhum dia. Para compensar a falta de seu leite, conversava comigo muito tempo, balbuciando sons agradáveis para não achar ruim a mamadeira. Meu pai se viu muito feliz por ser meu pai. Por ter recebido tanto e achar bom saber como foi o meu nascimento, gostaria que vocês fizessem uma pequena redação sobre a história de vocês. A nossa vida é única e é bom saber dela. Cada um vai ler sua história e vamos aplaudir. Houve um momento de tristeza quando o Cláudio disse não saber de nada sobre seus pais naturais. A professora minimizou a tristeza, dizendo que ele era tão especial que, por certo, os pais que escolheram era porque o desejaram muito e hoje têm orgulho dele. Depois daquele dia algumas meninas se aproximaram mais de Cláudio, como se pudessem protegê-lo tardiamente.

Pois bem, nesta unidade de reprodução e embriologia, desenvolveu atividades práticas para nos tornarmos melhores. E, de fato, nós nos tornamos melhores. Bem que disse a professora Édina: o nascimento de cada um é como sete de setembro para o Brasil e o que conta é o que fazemos da vida que temos e é bom saber que podemos pouco sem o auxílio dos outros.

Assim sucessivamente a professora foi levando adiante a articulação entre as unidades. Em tudo devíamos fazer algo de prático e ela referendava tudo em favor da qualidade de vida. Me lembro ainda de como desenvolvemos atividades para proteção. Aprendemos a desenvolver práticas de cuidados com a pele. Ela seguidamente repetia que a pele é nossa casa mais próxima e por ela sentimos o



prazer de viver. Ela é a primeira fortaleza e merece nossa apreciação. As árvores têm sua casca e nós a nossa pele. Protegê-la é um ofício necessário. Ela nos indicava também por quais caminhos se faz uma musculatura resistente e os ossos consistentes.

Particular interesse foi demonstrado na unidade sobre respiração, circulação e digestão. Ela fez que compreendêssemos como esta trilogia anda junto, demonstrando que todas elas sempre são solidárias umas com as outras.

Me prendi de modo especial ao sistema nervoso e endócrino. Fiquei fascinada por entender que deles é que provêm nossas idéias e que sua estrutura comporta todas as inspirações e emoções. Meu Deus, disse um dia para a professora, como é possível esta preciosa matéria, feita de elementos químicos e proteínas, produzir aquilo que é nosso espírito. Minha alma, assim compreendi, é feita de carne e de sangue. Ela reside em um lugar tão delicado e tão bem conectado, fazendo-me comparar sua estrutura como a alma que governa o mundo, reunindo tudo numa solene configuração.

Vimos, ao final do ano, que, para além do corpo, existe a necessária economia das coisas vivas e de seus ambientes. Entramos nesta floresta viva e aprendemos a cuidar das águas, do solo, do ar e o quanto podemos fazer para que a vida tenha as boas condições de estar bem. A professora ainda resolveu fazer um seminário de estudos sobre o aprendizado feito em todas as aulas de ciências, incluindo os anos anteriores. Ela afirmava com muita convicção que isto era para a gente saber quem se era e, quem não sabe quem é, não sabe para onde ir. Levantava a voz com muita autoridade afirmando para que ninguém pusesse muita dúvida sobre sua iniciativa: falei com minhas colegas de todos os anos de ciências e isto já é costume em nossa escola. O que se aprende sobre a vida faz parte de nossa alma e quem não sabe cuidar de sua vida, vive mal e esta escola ama



demais a arte do cuidar. Este seminário faz bem para o corpo e para a alma. Não dá para perder. Alguém tem alguma objeção a fazer? Ria com todos. O Ezequiel, muito crítico e corajoso, levantou a voz: professora, onde fica a democracia tão falada nesta escola? A professora riu, respondendo: Ezequiel, Ezequiel, tem coisa na vida que não dá para optar. A escola decidiu fazer isto com todas as disciplinas. Se entendesse que não fosse bom para nós seria a primeira a me opor e discutir com vocês. Mas se alguém tem algum argumento que possa ser posto em oposição a esta proposta da escola, pode falar. Será levado para a direção que discutirá com os representantes das turmas, com os professores e os pais. Todos aceitaram e a professora começou a dividir os grupos para revisão dos conteúdos programáticos dos anos anteriores. Não esqueço jamais da correria que se fez nos grupos. Valia tudo! Era como uma gincana: ninguém queria perder. Os professores ajudavam na composição das frases, os pais davam opiniões e os livros das primeiras séries foram vasculhados; quem não tinha tomava emprestado. O trabalho era apresentado também para outros professores. Admiravam-se das falas solenes. É claro, sabiam que éramos mediados por outras cabeças. Aprendíamos assim a criar melhor a nossa fala. A nossa sétima série não podia perder. Hoje, ao narrar tais lembranças, é certo que uso termos ainda mais apurados do que aqueles da escola fundamental.

Bem me lembro: queria tanto que fosse dado para o meu grupo falar sobre o solo, mas nos foi dado o ar. Respirei fundo e lembrei-me de um poema ou texto que me veio tão ágil como se fora o próprio vento. Ou acaso, não será a alma de todas as coisas que repousam em mim? Um instrumento delicado este de captar a brisa das coisas e por vezes sua tempestade a ponto de não saber se eu aconteço nelas ou elas em mim. O poeta é desconhecido e do poema então ressurgem alguns sopros. Eu quero ar. Preciso de ar. Não passo sem ar. Por favor, Deus, dê-me ar. Penso no ar. Sem ele toda a



palavra é muda todo riso é silencioso, igualzinho ao da Gioconda. O ar é sutil, é discreto, está em toda parte. O ar é silencioso – mas é o pai do som. O ar tem um ar de superioridade. Não é à toa que tudo começou com um sopro do Verbo. Antes havia o silêncio eterno e Deus, em seu desconforto, achou de criar com seu próprio vento, a respiração da terra. Soprou sobre o mar e vieram os peixes diversos. Soprou sobre a terra e brotaram as árvores grandes e pequenas. Sem ele, nada de lembrar, amar, escutar, olhar, odiar, andar, falar, sarar, entrar, respirar.

Assim abrimos a nossa reflexão da memória colhida na quinta série sobre o ar. Rimos e gritamos. Voltamos sobre todos os colegas e soprados sobre eles com muita devoção. E recitamos: que por muitos anos o sopro esteja com vocês. Que vosso corpo possa respirar livremente. A alma sem o ar também perde sua ternura e sem ele não podemos estender nossos braços e tudo mais que possa nos alegrar se perde na eternidade desconhecida.

Já não pensávamos tanto no que fazer e deixamos fluir nossos pensamentos livres como o ar de uma larga montanha. Para provar da importância do ar falamos em coro. Fechem a boca e o nariz. É a morte que chega em cor azul-escura como uma feia tempestade. A seguir perguntamos:

- Quem segura o avião no ar e a pomba que voa?
- Quem sustenta a nuvem da chuva?
- Quem faz balançar a árvore e leva sua semente?
- Quem faz crepitar o fogo?
- Quem faz levar a música e a poesia?
- Quem faz o vapor se elevar e regar nossas flores?
- Quem sustenta a aurora todas as manhãs?



Hermeto, o pequeno Hermeto, medroso quase sempre, olhou corajoso na direção de todos os colegas e ergueu mais alto que podia uma cruz e disse: foi do alto dela que Deus sentiu falta de ar e depois morreu. Disse ainda: se Ele tivesse um pouco mais de ar não teria morrido. Preservai, senhores, o ar. Não sujai o ar tanto assim. Limpai do ar as fumaças cheias de chumbo! Não estragai o ar dos outros. Portanto, irmãos amados e irmãs queridas, alegremo-nos um pouco com a vinda do ar limpo.

Quando chegou a minha vez, me julguei importante por falar do nosso trabalho: Foi por causa do ar que surgiu a palavra. E também em nosso grupo assim aconteceu. A palavra é o ar com diversos sentidos. O ar não tem cor e nem é pretensioso. Não se nega ao pulmão da criança e sofre por não se dar no peito do fumante. Choram os velhos quando chia o peito por falta de ar. Tristes ficam por que a alma do mundo não os atinge mais com ternura e desvelo.

Não julgueis erradamente que seja o ar que anda nervoso nas tempestades. É o calor que o precipita. O ar é puro e por ele ouvimos nossas canções. Sem ele haveria tão grande silêncio e tal tristeza que não mais que a morte haveria por toda a parte. Deixai o ar em sua harmonia. Sua composição de tantas substâncias é sábia. Deixai o nitrogênio e o oxigênio comandando a bondade do ar. Sem o oxigênio não acenderíamos as velas das festas e nem poríamos energia em nosso corpo. Sem o nitrogênio as plantas não cresceriam. Não perturbeis o coração do ar.

Plantai flores, senhores e senhoras, o ar cheio de aroma atrai a alegria e diziam os índios da Amazônia que todos os fantasmas maus se afastam com o ar cheirando a flores. Deixai o ar quieto para que possa amavelmente fazer chegar os sons da natureza. Este pedido me faz lembrar do índio sioux que dizia ao homem branco: não há um lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum

lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas ou o bater das asas de um inseto. Mas, talvez, seja porque eu sou um selvagem e não compreendo. O ruído parece somente insultar os ouvidos. O ar é precioso para o homem, todas as coisas compartilham o mesmo sopro – o animal, a árvore, o homem. Ficai quietos para que não se torne rude o vosso coração e Deus possa falar ao vosso ouvido a respeito de seus sons e de suas criaturas. Protegeei o ar para que ele não se perturbe. Cantai com Caetano:

*Da força da grana que ergue
E destrói coisas belas.
Da feia fumaça que sobe
Apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas.*

E tanto quanto a atmosfera, nome deste grande volume feito pelo ar, é a portadora da chuva, a sustentadora de voos, ela é responsável por nossa proteção. Sem ela cairiam os meteoritos incendiando nossas casas e florestas. Como ficaríamos sem a proteção dos raios fortes do sol? Ele nos aquece, mas quem controla o fogo do sol é o ar com seu precioso ozônio.

Se o ar se perturbar pode carregar calores extremos e fazer com que as geleiras vertam suas águas sobre os mares, então, também estes se perturbarão. Tende a bondade com ele, pois também o ar foi responsável por nossa história.

Quem veio ao Brasil foi somente por causa dele: quem levava as caravelas e os grandes barcos dos primeiros imigrantes? E com certeza, também era ele que acusava quando o açoite assoviava e



fazia sangrar o dorso nu do escravo.

*Sem o ar tudo se termina
A fonte, a flor, a madrugada
O pássaro, o campo verde
A chuva no telhado.
Secarão os olhos
E a luz da estrela
Não mais se encantar.*

Veio o grupo dos meninos, falando em rompante, mas mal controlavam a infância de suas vozes. Falou Pedro: há um espírito que habita o coração do ar: é Deus que caminha, ora ligeiro, ora tranquilo. Sempre se repete parecendo ser igual. É dono do ar e do tempo: é poderoso: tem a eternidade pela frente. Tem todo ar do mundo, neste seu ar de autoridade.

O que mais admirável, na opinião do grupo responsável pelo ar, foi a idéia de seguir à risca o que as professora Édina nos afirmava muitas vezes: os filhos não podem pensar de os pais não participem, eles devem aprender a se tornarem melhores com os filhos. Ninguém é tão grande ou tão educado que possa crescer sozinho. Também os professores devem ser educados pelos alunos. Quando uma professora fica falando sobre um tema e os alunos ficam distraídos olhando para todos os lados, a professora não cresce como professora e tende a não dar uma aula que a deixa feliz. Ser educado, dizia a professora Édina, é ser feliz naquilo que pensa, sente ou faz. É pelo olhar dos alunos que o professor consegue ser melhor. Assim pensando, entendemos que nosso grupo estaria educando a professora Édina. Eu sempre havia pensado que quem educa são os mais velhos, então percebi a importância dos filhos e dos alunos na educação de seus pais e professores. Mediante esta inspiração

resolvemos convidar a professora a também participar da aula, solicitando que fizesse sua tarefa e faríamos uma avaliação do seu tema que deveria ser realizada com seus pais e seus avós. Ela alegremente aceitou o desafio. Deveria, pois, realizar a seguinte tarefa junto aos seus familiares. Como na sua casa o ar era cuidado? Quais os cuidados que existem em sua casa para o bem-estar do pulmão? Quais as maiores falhas no cuidado para com o ar?

Aquilo que para nós estava para ser mais uma brincadeira foi uma demonstração muito viva de como se realiza a educação. Seu exemplo foi forte e cativante. Simples e contundente. Apreciei de fato que os alunos e os filhos podem ser educadores.

Dois dias depois, a professora falou sobre as pessoas de sua família com quem avaliou o ar. Este é meu pai com quem falei e passou uma foto de seu pai. O que ele fala é bom saber. Quando lhe perguntei de como o ar é cuidado em nossa casa, ele respondeu: sempre procurei ter um ambiente limpo e ninguém fumou aqui dentro. O que mais me anima são as caminhadas para ampliar os pulmões, retirando do ar o que tem de melhor. Sua mãe e eu podemos nos orgulhar do ar que vocês sempre respiraram. Quando o ar estava ou está carregado por algum problema, fazendo acontecer uma respiração mais difícil, nós buscamos sempre não deixar este ar pairar muito tempo sobre nossas cabeças. Você sabe disso, minha filha. O nosso quintal e a pequena chácara estão cheios de árvores e de flores. Somos fiéis aos ares e acredito que presto a Deus uma homenagem fazendo que o ar possa ser respeitado. Você sabe, minha filha, o quanto eu falo sobre os gases que estragam nossa atmosfera e mesmo já revelei o medo que tenho por que o ar não é respeitado. Não entendo a política Americana que tanto quer a preservação da Amazônia e não assinam o tratado de Kioto. Aí a professora explicou sobre o tratado e a vergonha de ter nos EUA um exemplo tão



feito. Respondo assim a última questão. Os maiores problemas são a poluição do ar e os desmatamentos sem medida. Falo assim por que sem as matas perderemos os rios, fazendo elevações do aquecimento atmosférico e disso resultando chuvas exageradas e possíveis catástrofes ainda não bem avaliadas. A seguir ela trouxe inúmeros recortes de catástrofes dos mares, dos rios e da terra sem os devidos cuidados com o ar. Sobre um recorte com águas invadindo casas e com pessoas com rostos crispados pelo pavor falou: por certo imagens assim serão frequentes. O ar desgovernado por ondas de calor vai tirar do mar mais vapores e as chuvas com ventos fortes se precipitarão sobre as casas de forma incontável. Choraremos, então, tardiamente, sobre o nosso descuido. Ao longe poderão se ouvir o soturno som das águas volumosas rolando e o acompanhamento de sons mais profundos dos trovões e bem mais assustadores será o rumor fragoroso dos ventos. Então pediremos piedade e, talvez, nem Deus poderá nos atender. A estas alturas rolou uma lágrima em seu rosto. Para disfarçar sua dor disse: cuidemos do ar! Amanhã falará o grupo do solo.

Ficamos quietos de surpresa. Não imaginávamos de como se portaria como aluna, obedecendo-nos.

Na sexta-feira, o grupo responsável pelo solo começou a falar de uma maneira brilhante. Diversas foram as imagens de satélites. É que havia o costume da Prof. Édina solicitar a colaboração dos pais na organização dos temas. Já havia a virtude da solidariedade familiar no aprendizado. O pai de Priscila e a mãe do André eram professores de Geografia e de artes.

Mostraram as partes do solo como se revelassem o corpo onde se realiza a alma humana. Começaram com as pedras e lá vieram com as rochas de todas as formas, desde as frias até as incandescentes. E recitaram em prosa e verso os diversos valores das



pedras. Uma a uma desfilaram elas em desenhos e algumas delas trazidas nas mãos pelos colegas. As rochas sedimentares causaram boa impressão e uma delas, o basalto, era a base da casa do meu avô. É uma rocha que empresta seu jeito de ser às casas e aos muros. Depois trouxeram a argila como filha das rochas argilosas. Me agradou sua natureza boa e solidária. Nunca perguntaram, porém, para a argila sobre sua bondade e sua plasticidade. Ao meio dia tomei nas mãos o meu prato de porcelana e ao passar a mão sobre ele soube de sua longa ternura. Olhei as paredes de nossa casa e aí os primos das argilas: o cimento e a areia. Pensei ainda: então tudo se desmancha em nosso favor. Também trouxeram os seixos e os cascalhos, os mais democráticos e sem preconceitos, pois que eram filhos de todos os tipos de rochas e não conseguiram se consolidar. Aí pensei sobre a diversidade das coisas e das pessoas. De fato, tudo se transforma. Bastam as circunstâncias que nada fica a mesma coisa. Tomei as diferenças com respeito e a minha amiga negra, vi nela um seixo exuberante e eu um seixo menos roliço e menos adequado à alegria daqueles que passam. Mais deveria eu me burilar com as correntes da vida para ser ainda melhor e serviçal. Poderia servir de voz às águas que sobre mim passariam. Quando, então, trouxeram fotos das rochas metamórficas: o Pão de Açúcar e o Corcovado e lá estava para mim mais uma lição. Elas tinham sido outra coisa, mas, pela forte pressão, elas perdem sua natureza original. Mais uma vez aprendi que os impactos na vida são salutares. Só nos tornamos melhores quando sofremos alguma forte pressão. A rocha sedimentar, então, pode se transformar em mármore ou em diamantes. Foram nos reveladas pelo grupo: as esculturas da Pietá e de Moisés. Aí chorei ao ver a mão humana completando a natureza. Em tudo, em tudo mesmo, não há como fugir: em nenhum momento somos mais a mesma coisa. Me transformei e me propus tirar melhor proveito de todas as circunstâncias. Poderia não me tornar um diamante, talvez



um mármore, daí retirar de mim um ser humano razoável. O grupo de colegas nos mostrou alguns instrumentos primitivos saídos da pedra. Machados, facas, pontas de lança e as pedras em memória dos mortos. Ainda resultou disso a melhoria possível de tudo, e, de tudo pode-se buscar novas estruturas com novas finalidades. Isto que refiro quem nos fez ver, por perguntas, foi a professora Édina. Parecia-me também que o tempo e os diversos espaços, em suas disposições, fazem que sejamos tão diferentes e, com o tempo, possamos ser tão desiguais, onde jamais sonhávamos chegar. E, ao final de longa jornada, nos transformamos em seres tão diferentes que mal e mal nos reconhecemos. Então, pensamos com nossos botões: como é que pude pensar assim ou fazer isso ou aquilo? Não mais tenho boas as lembranças das palavras mais profundas que Édina utilizou para falar de rochas e de grutas. Pareciam que me soavam assim: nossa primeira morada, nossa gratidão com devaneios antigos de existir numa grande proteção: as grutas. Ali, por muitos séculos, organizamos nossos sonhos e aí no meio do fogo foram divididas as primeiras palavras. Aí fomos os verdadeiros filhos da rocha. Quantos pavores foram domesticados e, pela palavra, no crepitar do fogo, foram levantadas nossas defesas. Entre os diversos brilhos das pedras se expandiu nosso pensamento e foi aí que desenhemos, nas paredes, nossos mais fortes desejos. A humanidade se revelou dentro das rochas. Quando nos acalmamos pela imaginação, pouco se pode duvidar que foi em razão do primeiro aprendizado dos poetas reunidos nas grutas, dizendo: sol, água, vento, terra e de suas bocas surgiam os fenômenos mais belos que a realidade. Esta é nossa imortalidade: carregar dentro de nós a história desde o balbucio que soava grandioso no eco das pedras até o discurso mais justificado nas grandes convenções. Sou muito agradecida a estes anônimos seres humanos que foram nos dando a possibilidade de falar e nos comover com os pensamentos uns dos outros. Esta é mi-

nha contribuição para este grupo. Agora podem continuar. Assim nos falou Édina.

Levantou-se Eusébio entre os demais meninos do grupo e falou da origem do solo. Comoveu sua fala bem alta sobre a formação mineral e orgânica do solo. Aprendi mais uma vez sobre as transformações recorrentes. Apontou vivamente sobre a diversidade dos impulsos da natureza e sua criatividade. O tomate me fez lembrar da professora de literatura, citando Manuel Ribeiro: ele via coisas humanas nas frutas: Bons corações pulsando nos tomates e dedos rubros nas cenouras. E eu tendo já uma certeza. Ao comer, mesmo distraída, me tornava agradecida pelos animais mortos, pelos líquens e pelas rochas diluídas em todo este exercício de milhões de anos para que dele nascesse os entumecidos tomates se rasgando todos em sua pele fina: tudo em meu favor. Vendo assim sua formação continuo a pensar em Ribeiro, pois que do solo recebo:

*As forças, a alegria, a plenitude
Que brotam dum excesso de virtude.*

E quem há de poder negar: ao devorar meu tomate, não absorvo o mesmo mineral que compusera o corpo do burrico que levou Deus ao andar nas ruas de Jerusalém.

Mas estou preocupada comigo e os colegas aí se esfolando para explicar o solo.

Numa rotina poética iam falando das lavouras, das pastagens e dos jardins e de todas as serventias do solo incluindo o dorso emprestado para a construção das casas. E vinham os meninos mostrando os perfis do solo: O fértil, o fofo, o permeável, o ácido e o



pobre, desgastado de tanto dar sem receber. Falaram ainda mais: de tudo que nasce do solo, desde os alimentos das sementes, dos legumes até as árvores robustas do Pará e as raquíticas, retorcidas no sertão. Perguntei para a professora a razão daquele solo ser tão pobre e por que se retorciam os arbustos daquele jeito? Explicou fácil, dizendo que as rochas desfeitas nem sempre possuíram uma história tão rica de materiais orgânicos. Os tempos das formações são diferentes.

Os meninos a seguir falaram com grande propriedade sobre a conservação e melhoria do solo: adubações diferentes, irrigações, plantio direto, drenagens, rotações de cultura e falaram também dos engenheiros da vida: bactérias, fungos, minhocas, formigas e outros pequenos animais que dão conta de melhorar o solo.

E vieram os colegas das águas:

Seiva bruta submersa nas águas, ainda não dividida. Rios de vida querendo se encontrar. Matéria indeterminada em busca de presenças bem feitas. Mares brutos com terras não divididas. Turbilhões e silêncios ainda de sons nas gargantas mudas. Mas eis aí o hidrogênio e o oxigênio garantindo a reunião inicial, condição principal para que a alma do mundo se pronunciasse em formas definidas.

Seiva da água que fará todo ser existir com sua constituição. Em toda a palavra e em todo amor persiste a água, origem principal. Ventre antigo que não cansa de molhar a composição da vida. Água que se move retamente na terra, alimentando a planta e a boca daquele que fala. Reunida à luz do sol, faz levantar vapores, levando sobre a terra o refrigério e o verdor. Concede sementes e alívio ao caminhante. O dorso da água emprestou a superfície para as caravelas e com o vento em solidariedade aqui chegaram tanto o amor

como a morte.

Depois veio o grupo dos cuidados da água: tratamento, gastos exagerados, doenças nas águas. Aí vieram com o sofrimento das águas e dos peixes. Traduziram em suspiros e gritos as dores das águas. E para completar ouvi entre sussurros e música o elogio à água como escultora do mundo. A terra sem forma e sem beleza. Vieram as águas e a deixaram em formosura. Vieram os diversos padrões de montanhas e os vales cheios de fertilidade. Vieram as planícies e o leito dos rios sulcando a terra e trazendo a beleza das cascatas, levando peixe ao pescador e água ao moinho: o pão nosso de cada dia. Formaram-se em desenhos alegres os riachos das matas e das aldeias. Junto aos desenhos ouviu-se o som terno das águas que falavam, ora em múrmura voz, ora entre sons profundos em sua autoridade de imensidão.

Falaram das águas profundas descansando entre lençóis. Me encolhi com certa tristeza em sabê-las quietas esperando a oportunidade de servir. Tão solitárias e escondidas. A preciosidade oculta, a economia bondosa no aguardo de sua vez, mas ameaçadas.

As revisões sobre a sexta série foram deslumbrantes: a vida estava em jogo. Não vou me ater em suas classificações e subdivisões, pois não me cabe discernir, mas apenas qualificar e sentir o prazer do principal. Deduzi das apresentações dos colegas curiosidade intensa: mais que isto, um instigante senso de estudo sobre a formação da vida. A paciência quase eterna da vida me animou a querer mais sensatez nos movimentos e perspicácia nas circunstâncias. Que milagre perpassa a natureza em ser tão admirável nas suas formas! Espaço afetivo que instiga, por todos os tempos e todos os lugares, alternativas para suas complexidades. É neste momento que me invade um sentimento religioso. Por mais que o professor de filosofia tente dizer que Deus mora nos espaços de nossa igno-



rância eu me rendo a esta força e a esta inteligência vigorosa que se multiplicam, ensaiando novas perspectivas. E vejo dentro de mim, como num sonho lúcido, a matéria dos elementos andando entre as águas. Mas o que faz que se reúnam de forma tão organizada e determinada? Que milagre é este da virada espetacular entre a matéria e a vida? O que é isto que engendra uma espécie de auto-governo impresso no interior dos vírus e das bactérias e, mais nítida a sensação de milagre, quando surge a célula? Que caminhada solene é esta? Como se dá este passo da matéria recriando-se: que mão foi esta de dar este poder sendo ela aparentemente simples? Mas é a eventualidade que decide ou existe uma alma que paira no ar orientando os seres a constituírem suas identidades? E lá vai ela ordenando a adaptação, constituindo células para armazenar informações, movimentos, sentimentos e inteligência a serviço de suas criaturas. E sai dos mares e se avolumam os animais no espaço firme.

Passo memorável aquele em que não há mais necessidade da realidade para ser conservada, como se ainda existisse em forma de espírito. A palavra surge e tudo fica sendo visto mesmo na ausência dos fatos e das coisas. O mundo passa a ser compreendido em suas naturezas. Ecoam cantos e, no homem, o mundo é recriado. Tamanho é o jeito dele, de ser percebido, inventado e comunicado que os maravilhados filhos costumam dizer: quem poderia ter feito tamanha maravilha? Não mais se calam e é constante o clamor àquele que pôs a diversidade deste governo próprio. Deus foi criado e chamam-no de Pai, o Criador e diante dele se prostram reverentes, acreditando que esta alma que reflete todas as coisas passará de sua própria condição terrena. Constrói-se sobre a vida a mais exuberante criação de ir além de tudo que existe, pela ciência e pela fé.

Alguns pensadores entendem que a imortalidade se pronuncia dentro do limite da linguagem e da qual nos apropriamos com

todos os significados constantemente renovados. Assim a alma seria a concessão de nossa força humana inserida na singularidade que perpassa uma cultura trazida por séculos de pensamentos que se multiplicam, a exemplo da própria natureza. Não faço minha estas idéias, embora tenha a grandeza dos discursos e a renovação constante da memória, por certo inconclusa, mas sempre irmanada. Assim sendo, a alma humana seria apenas a continuidade do esforço da matéria, da flora e da animalidade buscando se pronunciar cada vez melhor. Tenho em questão a alma como a conspiração da matéria em constante consciência de sua insuficiência, dos primeiros sinais ainda não disciplinados da vida que aos poucos foi convergindo para as plantas e os animais. Carrego, então, esta linguagem incisiva de ser onde a palavra se constitui como parte de minha imortalidade. Tenho a mim e meus óvulos como desejos de se revelar em filhos, que por sua vez tendem a aperfeiçoar todo a filogenia precedente. Apenas sou uma nota que, espero não seja, sem nenhum significado. Talvez seja eu uma pequena parte importante da caminhada ascendente desta história da biologia. Louvo ao final a glória das algas marinhas, do celacanto, dos primatas, dos hominídeos, do homo faber, do sapiens e de todas as aves do céu. Louvo as sementes e os insetos, as formigas e os vermes, a abelha laboriosa e a mosquinha com dois dias de vida. Desde então me senti possuída pela euforia da vida que se expande e pede minha colaboração a cada hora. Me dói, entretanto, a morte como parte intrigante e integrante desta caminhada cuja direção final não ousou avaliar.

Ensino médio

Ao entrar no segundo grau, hoje dito ensino médio, me de-



parei com uma realidade para mim aviltante. Havia um grito de guerra na voz de cada professor: o vestibular. Havia um devaneio eufórico e raivoso ao mesmo tempo. Eufórico por que a escola não podia deixar de exaltar seus brios e suas conquistas já feitas com outros alunos. Me senti um verme em busca da terra prometida, onde jorraria em seu interior, maravilhas incontáveis somente dadas aos vitoriosos. Raivosos eram os discursos contra quem não quisesse partilhar desta história épica. Os professores já não viam em seus alunos simples seres humanos em busca de bem-estar. Eram guerreiros e os aprendizados eram as armas. Aprendi de tudo, em fórmulas e versos. Decorei períodos como se deglutisse arame farpado. Mesmo a pobre biologia foi dividida aos pedaços e não mais interessavam os exercícios dos cuidados. Tudo havia se transformado em entendimentos rígidos: as classificações e as divisões como se fossem soldados alinhados e prontos a devorar as questões que eventualmente surgissem. Sonhei, apavorada, inúmeras vezes, como se saísse da caverna com tacape na mão. Meus seios muitas vezes eram protegidos e estreitados por armaduras e eu a lutar contra inimigos de rosto invisível. Meus golpes não surtiam efeito e, na iminência de minha morte, acordava suando às bicas. Ao questionar minha professora de biologia sobre tais exigências, ela retrucou dizendo: você está fora da realidade! Me senti um ser humano perdido e insuficiente.

Embora tendo esta visão burocrática do conhecimento, avancei em minha solidariedade com a natureza. A professora Édina havia inscrito em mim o poder mágico das ciências naturais. De modo especial, ao me defrontar com os estudos da física, me vi participante de suas implicações comigo, embora pudessem fazê-la aproximar-se mais de mim e dos cuidados. Vi de perto a Mecânica, quando estudei objetos a partir de seus movimentos e também as condições que os provocam; a Termodinâmica, ao estudar o calor,

o trabalho, as propriedades das substâncias, os processos que as envolvem e as transformações de uma forma de energia em outra; o Electromagnetismo, nele analisei as propriedades elétricas, aquelas que existem em função do fluxo de elétrons nos corpos; a Ondulatória pela qual espiei a propagação de energia pelo espaço; a Óptica me ajudou a compreender os objetos a partir de suas impressões visuais; a Acústica me ofereceu a compreensão dos objetos a partir das impressões sonoras; e mais algumas outras divisões menores. Por fim firmei um certo conhecimento sobre a física quântica e a teoria da relatividade. Foi, então que avaliei o quanto existe de imprecisão em todas as determinações naturais e o quanto convivem comigo tão simplesmente. Avaliei, porém, que todos estes fenômenos foram estudados sem sequer aproximá-los de minha vida. A velocidade, a energia, o calor e as ondas: em todos os fenômenos a minha vida está implicada e explicada, mas, este sentido ético da natureza, passou ao largo. Nem sequer a estética de meus estudos foi revelada.

A mãe da física, assim me esclareci, é a química, ela é que gera a intimidade dos fenômenos. Nada existe sem ela. Amei de coração todas as substâncias que me compõem e admirei-me das reações que revelam o constante movimento em meu interior. Avaliei que, mesmo meu pensar e sentir e tudo que flui em minha alma, é um fenômeno físico também, mas, dado graças às reações químicas. Estas reações ocorrem continuamente em todas as células de meu corpo. São os meios pelos quais as estruturas corporais são construídas e as funções corporais executadas. Após uma reação química, o número total de átomos permanece o mesmo, mas, por causa do rearranjo que ocorre entre os átomos, existem novas moléculas com novas propriedades. Vi na química a própria intimidade de meu existir. Pena foi que os professores não conseguiram imprimir esta intimidade e este tempero afetivo e estético em grande parte de suas aulas.



Minhas ideias, nestes três anos, foram desnecessárias para os professores. A professora de ciências do ensino fundamental me havia instruído sobre a divindade de todas as coisas. Havia que me nutrir desse alimento. A natureza e seus modos de existir passavam por um raio X e eu estava olhando de perto toda ela. Foi por estes dias de exames radiológicos que resolvi tirar o curso de licenciatura em Biologia. Seria professora. Considerei esta decisão com minha mãe, que ficou contente. Disse-lhe do meu propósito em dar um novo sentido ao aprendizado de meus alunos. Não ficaria somente classificando um mundo de virtudes que a natureza poderia oferecer aos meus alunos. Uma pintura de Munch, na qual se revelava uma mãe cuidando uma criança doente fez com que pensasse sobre meu dever de professora em torno da educação. Assim estava a educação neste segundo grau: uma criança doente. A criança estava daquele jeito: havia um cuidado que não curava. Estavam as professoras em torno das crianças doentes, trazendo uma maneira burocrática de ver o mundo. A natureza estava para ser descrita e não cuidada. Pensava-se que seria suficiente a razão sem os devidos costumes a se debruçarem sobre todas as coisas. Apreciava entender a formação do mundo e sua devida explicação: era para mim também uma espécie de solidariedade esta de explicar, mas insuficiente. A educação estava sem forças, pois que seus exercícios deixavam perceber um perfil humano sem higidez. Me comove a minha própria fragilidade, pois sentia que poderia haver a outra parte escolar, perdida entre os escombros de uma ética sem modulações. Haveria de encontrar.

*Carrego comigo a reflexão de Ernesto Jacob Kheim que diz:
Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver.
Câmaras de gás construídas por engenheiros formados.
Crianças envenenadas por médicos diplomados.
Recém-nascidos, mortos por enfermeiras treinadas.
Mulheres e bebês queimados por graduados de colégios e uni-*

versidades.

Assim, tenho minhas suspeitas sobre a educação.

Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos.

Seus esforços nunca deverão se transformar em monstros treinados.

Ler, escrever e aritmética só são importantes

Para fazer nossas crianças mais humanas.

Ao pensar o que Jacob pensa,

Cismeimei também com a educação.

Cismeimei de ver o que dela fazer, pois que a razão,

Por mais sagaz que seja, por mais primazia que tenha,

Não se faz suficiente sem convivência.

Cismeimei com a educação, por ver alunos de oito anos de escola

Roubarem sem pudor,

Por ver alunos com a violência à flor da pele,

Com suas casas carregadas de aflição e

Com palavras toscas na direção de quem pede amor.

Alunos tantos, meninos eu vi, olharem com desprezo seus avós.

Vi a dor de filhos desconsolados com seus pais de alta informação.

Então cismeimei com a educação e seu destino.

Com este pensar resolvi ser professora.

Queria a virtude desenhada na alma de minhas crianças.

Teria assim as formas possíveis de um tamanho humano

Capaz de ser feliz e pintar na alma a devoção alheia.



Na Universidade

Durante os anos de minha formação universitária, recebi a informação agradável da anatomia, histologia, genética, programa de saúde, zoologia, botânica, fisiologia, paleontologia, enfim disciplinas que eu adorava fazer. Faltou-me, porém, o sentido maior da ética e de como produzir efeitos positivos sobre meus futuros alunos. Colhi da anatomia e fisiologia respostas de como se dividiam as partes de um corpo e de suas relações, mas, apenas pouco mais que as formas desenhadas em formol e os maravilhosos desenhos. Os pobres mortos que estavam aí, emprestando seus corpos, aí estavam como a solidão e as tragédias que lhes haviam sido impostas.

Os cuidados amáveis de todas as coisas passavam ao largo em nome da ciência. Aprendi o significado da vida em estudos da filosofia, da psicologia, trazida por colegas, professores e por outras leituras. Conversando com minha amiga Natália, do curso de filosofia, expressou seu entendimento sobre o que estava acontecendo em torno do ensino. Em rápidas palavras, disse: “a resistência em relação ao aprendizado ético nas universidades é coisa antiga. As virtudes voltadas para a vida foram se perdendo desde que o ocidente acreditou ser a razão a nova esperança de salvação. A racionalidade começou a estar a serviço do poder e da economia, sendo a vida jogada para debaixo do tapete. As Universidades não se preocupam em assumir o sentido das virtudes. As prosas das universidades são auto-suficientes e assépticas, limpas de qualquer aproximação de sentidos. Aprendemos nas licenciaturas a produzir mentes brilhantes, se é o que conseguimos fazer, e esquecemos que educar seria traduzir e praticar formações humanas responsáveis pela convivência e proteção. Nós alunos ficamos quietos como ratos, pensando que aprendemos o necessário. Os hábitos em torno das virtudes não

contam”.

Em certos dias me reunia com um grupo de colegas da pedagogia. Argumentavam sobre as possibilidades de a linguagem instigar melhores níveis de desenvolvimento. Assim me aproximei cada vez mais da ideia de poder renovar o estoque da minha educação. Entendemos que sobre as demandas dos conteúdos escolares, da sala de aula e da comunidade, existem solicitações éticas. E focamos nosso pensamento e nossas decisões sobre as atividades sistemáticas nestes espaços para a criação de virtudes interessantes. Tanto quanto seres humanos competentes, queremos seres humanos agradáveis aos olhos de todos.

Assim como narro o início de minha carreira, revelo a intimidade de minha casa e o meu interior. Sonhei que via a lua nítida no céu. Era também azul e por vê-la tão nítida e alta senti um pavor íntimo: que caísse sobre mim. Alguém soprou em meu ouvido: não a olhe tão vivamente, por mais alta e distante que esteja ela pode ameaçar. Pensei comigo, pelo sonho tido, qual seria o medo que havia dentro de mim? Seria minha ternura cambaleante? Mas tinha em João a ternura necessária e bela, o que haveria de temer? Tinha fé em minha pedagogia e dois objetos preciosos a serem lidados: meus futuros alunos e o livro de ciências, o que haveria de temer? Porém, mais sabe a vida do que eu.

Veio-me, em outro momento, clara a minha infância. A proteção e o amor caíram sobre mim como se dobram os salgueiros sobre as gramas. A suavidade e a imensidão se faziam na intimidade de meus seios. Bem que Aristóteles avaliava o pensamento nascendo do peito. Quisera guardar inteira a lembrança e que não pudesse abandoná-la pelo esquecimento. Sempre que na vida viesse a tristeza pungente, traria de volta o meu ser aí constituído, tomando raízes na minha casa. Via, como se vê a luz, a necessidade um do outro.



Poderia dizer constantemente: eu vi a grandeza humana, pois que em vão alguém se exercita sem a ternura recíproca.

Meu tempo de professora

Meus dias de espera levaram tempo, até que veio a notícia de ter alcançado o objetivo: ser professora. Entrei na escola como quem entra para realizar uma boa tarefa. Me percebia como o narrador do país de Tlön o qual, no livro sétimo das narrações de um país fantástico de Borges, diz sobre um espaço social, político e diferente. Acreditava na existência de um lugar onde se pudesse ser melhor. Aí haveria pradarias férteis e até as montanhas gerariam colheitas abundantes. Os políticos ladrões seriam condenados à morte, pois não poderia haver crime maior. O costume de enganar as populações era tão abominável que o último criminoso havia sido enforcado em praça pública fazia 102 anos. Seus familiares choraram não de compaixão, mas de vergonha. Aí as disposições de todos eram feitas essencialmente de solidariedade e os mais velhos eram carregados de eroticidade até dois dias antes da morte. Ninguém se queixava de pobreza porque a riqueza era sinal de desigualdade, o que todos detestavam. A morte era desejada, uma vez que era certeza de uma vida honrada e sem suor, após a partida. Todos tinham um pouco de inveja do falecido ou da falecida. Assim ninguém desejava que fosse feliz após a morte, uma vez que todos tinham certeza de bem-estar daqueles que partiam. Este país, assim imaginado e sonhado, havia sido criado muitos e muitos anos passados. Borges me inspirava a que pudesse ter um país semelhante. Sabia, porém, que uma geração não constrói um país nem implanta um costume, mas pensava no meu pequeno poder de professora e no país que pode-

ria organizar com meus alunos. Saberria eu fazer cicatrizar feridas das quais a alma humana é capaz de trazer desde criança? Saberria eu dizer palavras tão fortes a ponto de fazer meus alunos tomarem uma direção melhor? Seria capaz de solidarizar-me com colegas da escola a ponto de criar uma comunhão de comportamentos favoráveis à fortaleza feita de solidariedade e o cuidado? Me sentiria como uma árvore que deveria ser ainda maior e apresentar raízes fundas e um tronco hígido? Essa árvore seria capaz de estender seus galhos para muitas direções e sob suas sombras amenizar a estrada dos caminhantes? Poderia ser o pássaro das manhãs que anuncia a hora de levantar? Poderia ser a vila abundante de novidades para não perecer a inteligência diante da repetição que cansa?

Enfim, os primeiros dias de aula e em duas escolas.

Ciências, sétima série. Teria, na primeira escola, vinte e cinco anos pela frente e talvez 200 turmas ou mais que passariam por mim e eu por elas. No primeiro dia olhei para a turma de quem vou registrar alguns fragmentos, animando-me de vê-los agitados. O que teriam para mim? Veio-me precipitadamente uma ideia que havia lido: a estranheza diante das formas existenciais e sociais, em função da ausência de significativas representações, pode dar lugar ao conhecimento, aos laços sociais e ao cuidado ainda não convencidos. Sou convidada a redefinir uma proposta pedagógica, até então, estreitamente dominada pela formação de uma visão de excelência cognitiva. Por consequência dessas convenções a serem refeitas, poderia chegar a uma expressividade humana desejada em toda a extensão da vida? Os discursos incompletos da família, da escola, das empresas, enfim da cultura e da sociedade e, mais particularmente, do Estado e da economia, podem ser aprimorados por uma decisão pedagógica? Poderei provocar condutas de boa moralidade e estética, a partir de espaços curriculares, sala de aula e co-



munidade? Era isso que eu desejava. Queria, então, uma pedagogia mais envolvente com as questões éticas, tendo o currículo intencões evidentes de cooperação, de qualidade física, de desenvolvimento afetivo, de intervenções voltadas ao afastamento de sofrimentos pessoais e de patologias grupais.

Já havia me feito diversas questões tais como: qual a importância dos conteúdos do corpo humano para a vida deles? Quais as ações práticas a serem incluídas fora da sala de aula? Como desenvolver oficinas em torno da qual eles representem, imaginem, escrevam e, mesmo, vivenciem uma experiência que torne mais viva a compreensão e a importância do tema em suas demandas morais? Pode o conteúdo ser levado para casa em forma de tarefa ou leitura para que, através de temas da casa, os familiares possam opinar ou realizar em conjunto a tarefa? Já sabia que a qualidade de um conteúdo escolar tem a ver com o desenvolvimento de hábitos de cuidados pessoais e coletivos. Tudo passou de relance, mas eles estavam aí, meninos e meninas, adolescentes que teriam um tamanho humano proporcional ao aprendizado que poderia imprimir juntamente com ele. Chamei pelo nome e o que esperava de cada um, avaliando meu projeto de saber que é nosso corpo e o que de bem podemos fazer com ele. Senti que o tom sincero de minhas palavras caía bem na maioria deles. Alguns, porém, manifestavam comportamentos de irritação e outros de indiferença. Dos trinta, dez ao menos, estavam aí carregados de inconformidade com o que lhes acontecia. A vida deles não estava boa.

Reafirmei o propósito de começar não pelo estudo da célula, mas pelo ambiente e assim poderia avaliar melhor como viviam e a melhor forma de aprender com eles.

Vamos começar nossa aula sabendo, em primeiro lugar, de nossos ambientes. Como vai nossa casa, como vai nossa sala?

Mal havia terminado de fazer as questões, levantou-se André: fessora não é o nosso corpo que vamos estudar? Respondi: certamente e a começar pela célula, mas já que temos algo tão precioso como o corpo deve existir num bom lugar. Assim de nada vale a gente estar de corpo inteiro se ele estiver em lugares mal feitos. Tudo pode ser simples, mas deve haver cuidado. Imagina, André, você ter uma água boa em copo sujo! Vamos ver, então, por primeiro, onde moramos, para depois dar lugar ao nosso amado corpo. Tomei, de Kheim, algumas perguntas.

Vamos, meninos, cuidar também do corpo de quem amamos. Saltou José: o Luiz tem uma namorada, prô! Ele deve cuidar também do corpo dela? Brinquei: de modo especial, se estiver casado com ela! Rimos juntos. Quando falo em cuidar estou falando em primeiro lugar de nossa família: a coisa mais importante que temos. Então os nossos lugares devem ser bons não somente para a gente!

Escrevam em seus cadernos as seguintes perguntas que vocês vão responder com quem mora com vocês. Que todos de casa participem! Fessora: estou morando com minha avó. Minha mãe fugiu! Que pena que saiu de casa, respondi, você parece um menino bacana. Ela não sabe o que perdeu. Mas, tem uma avó! Também tive uma avó muito querida!

Tomem nota e respondam as seguintes questões perguntando em casa:

Os cheiros em sua moradia são agradáveis?

Os sons são interessantes?

Você sente-se feliz nesse ambiente?

Você ajuda nas decisões que afetam aqueles que moram em



sua casa?

O que eu poderia fazer para tornar melhor a minha casa?

Agora vamos ver de perto como está a nossa sala:

Nesta sala, o ambiente é bom?

O Tertúlio levantou a voz: se o Fabiano não estivesse aqui, seria melhor!

E você Tertúlio? O que faz para a sala ser melhor?

Sabe meu rapaz! Se teu nome é de gaúcho forte, não significa que pode dizer palavras duras! Olhei para o menino Fabiano e vi nele toda a tristeza como se estivessem tirando seu coro! Escuta Fabiano! Não leve em consideração o que foi dito! Eu penso o contrário do Tertúlio. Tenho também, certeza que, se o Tertúlio pensar melhor, ele muda de opinião! Não mudo não, fessora! Olha, Tertúlio, quem não muda de opinião é cego da cabeça por que não pode ver nada! Você não é cego! E depois vou ter uma conversa com vocês dois juntos! Agora vou dizendo! O respeito faz bem e não custa nada! Me acheguei em Fabiano e sorri todo sorriso que tinha! Vamos ver melhor a nossa sala!

A sala era muito pobre e austera, menos que a dignidade dos meninos e meninas merecia.

Bem, vamos ver de perto o que podemos fazer para que nossos corpos estejam bem aqui dentro! Depois, sim, vamos estudar tudo o que nosso corpo tem, da cabeça aos pés!

Ela sempre está com as paredes mofadas!, afirmou Elias. E quem pode limpar o mofo, perguntei? A Gertrudes que ganha para isso!, respondeu a Gladis. E não venha me pedir para limpar! Então,

vou ter que fazer sozinha? Quem me ajuda? Dois meninos levantaram a mão! O Cassiano e o Valdomiro, o colorado doente! Quem é capaz de trazer algum quadro bonito? Vou ver o que posso fazer disse o Péricles, cheio de vontade! Bom! Sábado de manhã vou trazer tinta, pincéis e pedir para a diretora se podemos limpar e pintar! Às oito horas vou estar aqui!

Mas quando falo em ambiente eu quero dizer também: como vamos lidar uns com os outros! Se é importante para os olhos ter um ambiente bonito, é melhor ainda ter um ambiente onde todos podemos respirar com alegria e paciência!

Mal havia terminado a frase quando Júlio acertou o Tertúlio no meio da testa e os dois rolaram pelo chão. A turma, com os meus gritos, conseguiu apartar as duas feras. Mal se compuseram, então, disse que isso era coisa tão feia que mal servia para dois cachorros rot-weiler. Que eu estava com vergonha que isto estivesse acontecendo na primeira aula. Terminamos o período, mesmo antes de começar a saber que ambiente era que queríamos para nós. Isto fica para a aula seguinte! Ficam comigo o Tertúlio, o Fabiano e o Júlio. Gostaria que a irmã do Júlio ficasse também. Havia simpatizado com a Edvirges, sentindo nela uma cúmplice nesta história de ajeitar a vida daqueles deficientes morais. Conversamos e, os quatro ficamos olhando-nos em silêncio durante um minuto. Não vou levar para ninguém o que aconteceu. Vocês já não são crianças e sabem o que é melhor. E gente amável sabe pedir desculpa quando perde a cabeça! Não é na paulada que se defende um amigo, Júlio! Tertúlio, pede desculpas para o Fabiano e o Júlio para o Tertúlio e ninguém vai saber desta violência! O que te parece, Edvirges? É o certo, respondeu! Assim foi feito, sem muita boa vontade! Saí da sala e tudo me dói! Educar dói, quando o respeito é parco e curto!

Levei tinta e meu pai pediu a um pintor para dar uma mão no



domínio dos rodos. Antes de terminar a manhã, já havia terminado a pintura. Com a sugestão do pintor e da diretora, ficara um ambiente amistoso e alegre. Outras turmas e outros professores aprovaram que se fizesse o mesmo em outras salas e meus alunos deram as tintas sobre o manejo do rodo. Tudo se ajeitou com o dinheiro da coordenadoria regional e com o auxílio de alguns pais. Mas o que valeu foi a participação dos alunos. Os corpos dos meninos, desde os olhos até o sistema nervoso, tinham o que guardar de bom e, assim, suas almas, dadas em corporeidade, poderiam sentir, falar e agir um pouco melhor. As cores, pensei, são ótimas educadoras. Não é preciso dizer que algumas meninas trouxeram figuras e um quadro para deixar mais interessante a nossa sala. Sentimos muito quando, no dia seguinte à minha aula, uma das paredes apareceu toda riscada. Deixei por conta deles a responsabilidade de dizerem o que havia acontecido. O Fabiano que havia sido estimulado a ser melhor, falou em tom de decepção: não é possível aceitar que nós façamos mal a nós mesmos. Não sei quem fez o serviço, estragou o que é de todos nós.

Por estes dias tive um sonho. Muitos meninos e meninas abriam e fechavam suas bocas. Pensei comigo: eles não sabem falar. Notei, porém, que estava surda para suas vozes. Acordei agitada e interpretei: será que não sei avaliar o que querem de mim?

Mas bom foi o resultado das questões que Dorotéia, Júlio, Anita, Sumaia e a maioria trouxeram. Julguei boas as respostas dos alunos. Daqueles que não as trouxeram senti que, em sua maioria, não corresponderam em razão que em suas casas não havia um ambiente de comunicação. Tão pequenos e já sem proteção. Falavam sem constrangimento: o pai não está em casa e a mãe estava cansada; o pai disse que as coisas da escola são da escola; minha avó não quis saber do que eu dizia; o que a professora quer saber se tu tá feliz aqui

em casa? Havia tristeza em suas conversas. Alguns escondiam seus próprios pais do abandono.

A discussão sobre o ambiente foi vital para as memórias de suas casas. Mostraram que um corpo se sai bem com boa proteção. Cada um dos meninos e meninas sentiu suas importâncias em razão do humor e das opiniões que aconteciam na reunião dos seus. Aproximei o que tinham visto com o ambiente de uma célula. Cada pequeno corpo dentro da sala pode fazer a sua parte.

A seguir fomos ver de perto as células. O encanto avassalou-me por primeiro quando desvendi com eles seus segredos. Dei tanta ênfase e eles se demonstraram entusiasmados como se a célula fosse ter nascido pela primeira vez. Fiquei sem dúvidas sobre uma inteligência inerente à natureza.

Quando Alexandre perguntou: como nasceram as células, fiquei pulsando por dentro porque a história da vida se resumia aí. Ao mostrar imagens dos átomos e suas diversidades e de como se reuniram em moléculas, compreenderam que o mundo é inquieto e aprecia suas particularidades. Nada fica sozinho, bastando a energia dos primeiros tempos da terra para formarem redes de proteínas, de aminoácidos, de vitaminas, onde o carbono, o hidrogênio e outras elementos químicos não resistiram em sua solidão. A felicidade dos elementos é a união. A vida se manifestou pela primeira vez depois de bilhões de anos enquanto a terra esfriava e se reuniam as moléculas formando a primeira célula. Assim tudo começou. Assim que ela nasceu, não se contentou de ficar a sós. Mostrei de como nela se resumia a vida. Comecei falando pelo núcleo que detinha toda a informação. Descobrimos sua função, confirmando ser aí o lugar da inteligência da célula. O lugar onde a célula não se enganava. Das células inquietas, novas células surgiam e novos seres se animavam. Uma poesia cada vez mais diferente. Surgiram os tecidos



que trabalhavam também em ordem perfeita e com células também diferentes. De Humberto, surgiu nova pergunta. Estava preocupado em saber quem dizia às células para serem diferentes e cada qual fazer o seu papel. Quem ensinou a elas serem atentas umas às outras? Perguntou mais. Quem deu a ordem para estarem capacitadas para as funções de pensar, de sentir, de ver, de ouvir, de conversar? Quem é que leva adiante o jeito de tudo? Resposta difícil, mas que todos saibam que a vida é solidária e não fica quieta e sempre quer mais e mais se comunicar. Esta energia é Deus, esta energia é a natureza que busca ser de mil maneiras. Este movimento ascendente e cada vez mais complexo chega em nós e se transforma no espírito que faz que penetremos na alma pela palavra. A seguir mostrei a eles uma página da internet: reunimos as composições da água, sais, glicídios, lípidos, proteínas, vitaminas e ácidos nucléicos. Em respeito às nossas células acertamos pesquisar melhor quem eram os tais de polímeros e monômeros. Outro grupo resolveu saber melhor o núcleo, mais outro foi ver de perto as partes componentes de toda a célula, outro a vitamina. Ainda mais um, os tecidos e suas células tão diferentes. Também teve o grupo responsável pelas proteínas e suas várias funções. E não estavam contentes por que não haviam entendido as funções do RNA e do DNA. Havia, porém, em todos, um sentimento de admiração pela quantidade de células que possuíam. Fiquei de me haver com a importância dos cromossomos e seus necessários cuidados. Assim prosseguimos na aventura das células.

Entrei, então, com o cuidado para que pudessem ter longa vida.

Combinamos que trouxessem suas opiniões de como cuidá-las, fazendo ver, também, quais os perigos pelos quais elas passam. Havia uma espécie de comoção em saber que se as células eram tão

solidárias, como não seríamos nós uns com os outros? Firmamos posição revendo a consideração de que a versatilidade das células obedece amavelmente os apelos do ambiente. A proliferação da vida em correspondência às virtudes das células revelou-se como uma solicitação para que também fôssemos gentis e flexíveis com o ambiente. Os tecidos e suas funções nada mais eram que formas de conversar com o mundo. O que é isso que faz a solidariedade andar solta no ar?

Me sentia como Semiónovitch, o herói de Makarenko, em seu Poema Pedagógico. Queria ele promover a revolução socialista e mostrar que uma pedagogia nova poderia dar um sentido mais coletivo ao ser humano. Queria entregar-se com fé a mais uma possibilidade humana. Acreditava que a bondade e generosidade teriam lugar, bastando construí-las nos corações, mais ou menos como conduzia seu cavalo Malich em direção à cidade. Eu estaria do mesmo jeito dele sem, porém, toda sua convicção e crença de uma revolução. Apenas acreditava que seria possível caprichar um pouco mais nas relações e na conservação da vida deixando às células o tempo de seu específico fracasso. E até lá poderíamos tocar a vida com virtudes mais sofisticadas e belas que aquelas próprias dos animais. Poderiam amar sentindo-as alegremente, poderiam fazer poesia sobre as suas células frágeis, poderiam olhar o alimento e o movimento, tendo respeito pelo tempo que fora concedido às linhagens de seus corpos. Amariam, então, de igual forma o corpo e a alma tendo uma corporeidade menos abandonada. A sonoridade do mundo e sua relevância estavam aí concentradas.

Fiquei um pouco triste porque meu sonho, distante daquele de Semiónovitch e sendo de menor proporção. Mas invocava-o da mesma maneira: *“éramos pessoas das mais comuns, e tínhamos uma infinidade de toda sorte de defeitos. E na verdade nem conhecíamos*



direito o nosso serviço; nossa jornada de trabalho eivada de erros, movimentos inseguros, pensamentos confusos e pela frente uma névoa interminável, na qual com muita dificuldade divisávamos fragmentos dos contornos da futura vida pedagógica”. Estava eu, pequena mulher, do mesmo jeito, ou pior ainda. Muitos outros acreditavam com ele na mesma proposta. Nada do que acredito é indiscutível, a não ser que a vida e todas as suas formas é objeto curricular. Assim mesmo vou permanecer ativa em torno do que acredito. É preferível uma idéia amável que ter idéia nenhuma. Iria marcar com meu sinal os meninos e as meninas e suas famílias. Pretendia estender o mesmo às minhas colegas. Mariana, Helena, Dinorá e Augusta seriam também minhas amigas e eu, sem elas, não iria muito longe da escola. A física do meu poder seria pequena, mas queria que pudessem estar deslumbradas do mesmo jeito.

Vieram, também, as respostas dos alunos em torno dos cuidados e dos perigos pelas quais passam as células em todas as linhagens e divisões. A fala deles contemplava uma diversidade grande de preocupações que perpassavam em torno da genética, do alimento, do movimento, do stress, da cooperação e comunicação, da fé, do perdão, da alegria, da amizade, do encantamento. Assim, pois, vislumbrei com eles a célula protegida, os tecidos respeitadas em sua solidariedade orgânica. Na célula, apreciamos toda a vida humana indicada na memória do núcleo, na proteção da membrana, na energia da mitocôndria, na reprodução, na digestão, na defesa, na sensibilidade, na solidariedade e no diálogo com a o ambiente. Olhando sua finitude e morte, Alberto questionou: por que tanto esforço para o pouco tempo? Ficou sem resposta.

Nos dias que se sucederam temi não completar todos os conteúdos, porquanto as provocações éticas emanadas das sugestões dos alunos foram muitas. Haveria que proteger tanto as células

quanto elas nos protegiam. Sobre o que fazer, era a minha pergunta constante.

Aprofundamos a genética, o alimento, o stress, as virtudes, de modo especial, a virtude da comunicação.

Os grupos já haviam apresentado os resultados de suas pesquisas sobre as partes constituintes da célula. Foi um elegante teatro da vida. Apresentações singulares da grandeza do pequeno universo auto-organizado. Trouxeram algumas ilustrações comoventes, outras mais pobres. De todo o jeito que os retratos da intimidade celular fossem olhados, havia um sentimento de respeito por cada uma. Foram momentos de um aprendizado quase devoto. Depois disso, eles voltaram à normalidade, como se nada tivesse acontecido. Na verdade somente a repetição torna efetivos os hábitos. Ainda fiquei devendo às rochas, aos rios, aos ventos e a tudo que não se move por conta própria: os elementos que não conseguiram se organizar, mas, que estão à disposição da permanência e sustentação das células. Guardei, somente para mim, os códigos da informação celular, semelhantes aos códigos da linguagem simbólica. Assim como as informações dos ácidos nucleicos vão perdendo a capacidade comunicativa, de igual maneira, as linguagens vão perdendo seus sentidos com o passar do tempo.

A seguir, por duas aulas, trabalhei a genética. Com minha maior aplicação, fiz de tudo para compreenderem de como os cromossomos transmitem as características de pais para os filhos e que não somente as aparências externas são transmitidas de pais para os filhos, mas como as células reunidas, com composições diferentes nos tecidos, transmitem tanto a sorte da longevidade delas, como sua brevidade. Me perdi um pouco quando mostrei que a alma, engendrada pelo corpo, também se transmite. Causou muito interesse saber que as células de alguns tecidos podem ser reproduzidas mais



vezes que em outros tecidos. Assim, alguns deles têm maior longevidade que outros. Veio uma questão muito pertinente. Quer dizer que alguns tecidos envelhecem antes que outros? Exatamente, falei. Entretanto, sabendo deste fato podemos cuidar um pouco mais se soubermos disso. Por isso, sabendo a história de nossa biologia familiar, poderíamos ter alguns cuidados maiores. A Maura, sagaz como sempre, falou: agora entendo minha mãe: ela disse que eu tenho que me cuidar mais do açúcar por que minha avó sofreu de diabetes. Profel, disse a Letícia, minha avó morreu de câncer de pele! Isso pode acontecer comigo? Entrei com muita vontade explicando que é bom saber sobre os limites de nossa família. Está certa a Maura em se cuidar com o açúcar e a Letícia da exposição excessiva ao sol. É assim, vejam, não dá para exigir demais de nossas células! Um pouco de economia não faz mal para ninguém. Vocês viram também que as células trabalham em harmonia com o ambiente, retirando dele o necessário. Nós temos a responsabilidade de dar alimento bem balanceado, se não as células ficam guardando os alimentos em forma de gordura, fazendo o coração, o pulmão, os ossos e outros órgãos trabalhar mais que o necessário e, assim, envelhecem com maior rapidez. E também o exercício físico deixa as células prontas para agirem com vigor e exatidão, ficando em condições de trabalhar pelo tempo que a natureza lhes deu. Se não for assim, elas envelhecem antes do tempo e perdemos parte de nossa vida.

As circunstâncias da vida me fizeram falar sobre a melhor maneira de pensar, fazer e sentir a sexualidade. Andréa, Luiz, Roberto, Ane Lise, Roberta ainda me comovem ao lembrá-los, falando e entrevistando seus pais sobre a sexualidade. Com transparência mostramos as duas células iniciais e a comoção me devora por descobrirmos em conjunto que todo o segredo cabe em duas minúsculas células. Falamos com certa emoção sobre o ato sexual e todo o magnífico envolvimento de dois corpos se entregando. Então, vi-

mos de perto que a vida e suas invenções concedem ternura e cuidado. Nada é gratuito e descobrimos que a nossa sala é o espaço apropriado do cuidado e quem sabe cuidar de cada um, saberá ter sua casa carregada de zelos. Os movimentos amorosos da entrega física não podem ficar isolados como se do prazer não emergisse a ligação profunda dos sentimentos, dos pensamentos e da história. E mais que tudo meus alunos descobriram que eles também têm tudo a ver com as cerimônias amorosas de seus pais. Compreenderam que a alegria da sexualidade não é independente do bem-estar que podem conceder. Mais ainda: vimos adiante, a realidade de um corpo quando não estiver mais fortalecido. Quando seus pais tiverem mais de 70 anos a realização deles poderá ter grande destino, mas isso se deverá, também, aos cuidados.

Eles viram as lágrimas em meus olhos, quando dividi com eles o que é a vida pequena contra o meu peito. Disse-lhes com profunda sensação de ternura: quando os meninos tiverem o cuidado de João, então, poderão sentir no próprio peito a felicidade de fazer seus filhos felizes. Se na sala de aula eles tiverem a bondade suficiente de alegrar seus colegas, por certo sentirão muita alegria quando encostarem uma criança perto do coração. Falei: o coração de todos nós vibra pela história de amor que já se tenha praticado. Fui probara nas falas sobre o prazer e elástica na geração. Sobre a intimidade do encanto e do orgasmo, pensei, a natureza é pródiga. Entendi que o fremir alegre de corpos não cabe em sala de aula.

Discutimos sobre o parto cesário e o parto natural. Chamamos uma enfermeira e um ginecologista para falar sobre a conduta mais prudente e os respectivos riscos em cada um deles. O médico trouxe filmes bem nítidos sobre diversos partos e o cuidado em não se tornarem um serviço burocrático da medicina. Terminamos: cada um de vocês vai ver de seus pais como foi o dia em que nasce-



ram. O que os pais pensaram e sentiram quando vocês nasceram?

Carolina, depois que o médico lhes mostrou de como se nasce, com todos os cuidados pertinentes ao momento, veio ao meu encontro em silêncio e vieram lágrimas. Disse ela: não sei quem é minha mãe e nem sei o que sentiu quando nasci. Abracei-a, então, ternamente, tendo, mais ou menos, os mesmos sentimentos de quando tive Bárbara e Vitória. Disse-lhe que se não sabe dos sentimentos de sua mãe, que soubesse dos meus sentimentos em relação a ela. Disse-lhe que, por certo, a mãe carregou-a porque a queria e desejava. E que ela soubesse que ela poderia contar comigo. Encolheu-se como um feto, aquela garota graúda. Chorei também ao envolvê-la em meu corpo.

Confesso hoje que nunca pensei que um tema, muitas vezes, visto com tanta vulgaridade, teria o efeito tão generoso sobre meus alunos. Na reunião subsequente a estas aulas, sobre a sexualidade e reprodução humana, diversos pais vieram ter comigo e vi de perto o quanto eles mesmos possuíam uma crença tão limitada a respeito da vida. Pediram que repetisse a aula para ver se eu não estaria incorrendo em grave erro. Foi profundamente terapêutico o efeito que lhes causei ao falar sobre a importância das circunstâncias em suas relações. Discutimos sobre a ternura e atingimos até o âmago do amor de seus pais, avós de meus alunos. Então, confirmei em meu coração que muitas pessoas podem viver mal tendo tudo para viver bem. De fato, os eventos não têm luz própria. Gostaria de medir um pouco o que pode a escola. Meses depois desta aula, no festival realizado para os avós, veio uma velha senhora e disse que aprendera com seu neto sobre as circunstâncias da sexualidade e estava triste por saber tanto, tão tarde assim. Olhei-a demoradamente e com palavras sossegadas disse-lhe que talvez sua sexualidade sem prazer pudesse estar expressa no amor de tantos filhos. A alegria que teve

em ver tantas vidas se multiplicar em seu ventre poderia qualificar sua vida, mais que a sexualidade de pouca ternura. Consolou-se sem muita convicção, pois desprendera, gota por gota, seu suor sem muito prazer, apenas tendo o dever com parca recompensa, pois que lhe avaliavam pouco pelo tamanho de seu esforço e sofrimento. Acreditava piamente que Deus teve nela pouca alegria e que, pelos seus orgasmos frustrados, os céus não lhe devolveriam o prazer.

Mesmo eu, por esses dias da sexualidade e a reprodução humana, tive boas iniciativas com João. Ele disse que jamais esqueceria a ternura que nos envolvera. Brincou comigo pedindo para assistir minhas aulas de ciências.

E por esse tempo, Gabriel, o aluno que vivia com seus avós, perdeu seu avô. E porque era um menino estimado, a maioria de seus colegas foi se reunir para dizer que estavam com ele. Na aula que se sucedeu ao falecimento quiseram saber sobre a morte. Falei dela com tristeza, pois detesto tê-la em minha boca: assim é a natureza, cada espécie tem um relógio biológico. Já vimos que cada tecido tem um tempo de vida e mesmo alguns deles estando bons, a morte ruge em torno de nós. Vertemos lágrimas de saudade. O que conta é a vida e o que dela fazemos. Aqueles que têm fé, assiste-os a esperança: que levem consigo a sua alma, carregando o que colheram. A travessia nessa vida é breve e não se pode perder a alegria, o encantamento e a bondade. Vimos como ela nasce e agora vocês estão vendo como ela se rompe. Agora que Gabriel perdeu seu avô, sejamos cada um de nós quem poderá ter o cuidado para com ele.

Depois de alguns dias eles já não estavam pesarosos, mas foram marcados pela brevidade de tudo. Gabriel falou que seu avô fumara muito e morreu de câncer no pulmão. É verdade, disse, o cuidado é necessário, mas mesmo assim não se retira a morte de nossos ombros. Apenas podemos afastá-la de nós por um tempo



maior. Depois, nos próximos dias, mostrei a alegria de estar com eles, para que não estivessem tristes enquanto vivêssemos lado a lado. Bruta como uma cilada e horrível mais do que se imagina é ela que retira o resultado de todos os esforços e a única forma de rivalizá-la é viver intensamente até que venha com seus dentes famintos. Para compensar e iludir-nos fomos passear e colher as diferentes formas que a natureza oferece para mostrar a sua exuberância. Preparamos um teatro e provocamos um festival de brincadeiras. Rimos o mais que podíamos.

Comecei com exercícios, ao trabalhar o sistema nervoso, não sem antes poetar sobre quem nos oferece as cores e os sabores, quem nos alcança a razão e o amor, quem nos patrocina a condição humana de pensar em Deus e ter esperança, quem nos concede o temor e a esperança na realização do futuro. O meio fiel da alma que nos qualifica: o sistema nervoso. Preferi insistir em mostrá-lo com práticas interessantes, desenvolvendo a compreensão dele com atividades de cunho moral e estético. Decidi trabalhar com extrema ternura as regiões encefálicas dos sentidos, do pensamento, da fala, dos sentimentos e da motricidade. Ele que nos faculta duas claras distinções: chorar e rir. São as partes preciosas de nossa alma. Se é ele que carrega a virtude humana e orquestra todo o movimento humano, pensei em desenvolvê-lo com amabilidade. Tomá-lo-ia com reverência de quem faz um carinho a quem se ama.

Para compreender as células que me tornam humana, reuni o amor com seus esmeros, os conhecimentos com seus meandros, o canto com suas melodias, o gesto com sua delicadeza. Queria, da mesma maneira, que eles fossem agradecidos por tanto esforço da natureza, entendendo que elas possuem funções específicas, todavia, não conseguem trabalhar isoladas. Que ao menos por isso, conseguissem aproximar todos os colegas de si mesmos e, assim,



estender o aprendizado da solidariedade por aqueles que lhes forem mais íntimos. Que sofressem de igual maneira quando esmorece a parte deles que são os outros.

O meu primeiro apelo foram os sentidos. Trouxe diversas figuras coloridas em árvores e flores, em gente de sorrisos e lágrimas, de ar cansado e de ar voluntarioso. Depois trouxe um cérebro humano de plástico e quadros do sistema nervoso e localizamos onde é que as figuras todas eram elaboradas com a colaboração da visão. Pedi que pusessem suas mãos na região occipital de suas cabeças e assim entendessem que é aí que o mundo lhes é pintado. Solicitei que escolhessem uma das imagens e mostrassem a seus pais e pedi que fizessem com eles o que havia feito. Pedi que olhassem bem o rosto de quem eles amavam em primeiro lugar e sentissem a sua imagem bem formada.

Fabiano, ao narrar sua experiência sensorial, pediu que seu pai olhasse para ele, como ele o via e por onde ele estava vendo, o que sentia e o que pensava. Foi o suficiente para adiantar o ensino do sistema nervoso e senti muito não ter material didático que pudesse mostrar a fonte dos sentimentos e por onde fluem nossos pensamentos. Reuni um material da escola e outro do Google e tentei mostrar o mapa de nossas emoções e dos nossos pensamentos, confirmando que nada acontece sozinho.

Havia muita distração naquele dia, razão pela qual a nossa aula ficou sem graça. Veio-me novamente o sofrimento do educador russo, Semiónovich, com seus meninos esfarrapados. Justo a ele, precisando de meios belos e efetivos para realizar o cotidiano de sua colônia, davam-lhe sobras que mais inspiravam vergonha que dignidade. Para o trabalho do campo deram-lhe uma égua negra, barriguda, histérica e preguiçosa e para o transporte uma eguinha de pernas tortas e baixa que tropeçava a cada passo. Semelhante era



minha realidade pedagógica: necessitava de meios belos e efetivos para mostrar o encanto do corpo humano e tinha em mãos o que daria, no máximo, para mostrar o sistema nervoso de um crocodilo.

Pude, entretanto, realizar belos exercícios com a demonstração do pensamento e dos sentimentos. Poemas e cantos foram trazidos para que soubessem e fizessem acontecer o que de melhor possuíam. Todos eles se exercitaram nos sentimentos para com seus familiares. Fomos a um asilo, onde a maioria dos residentes tinha alguma demência. Mostrei-lhes como funcionava a perda triste do pensamento. Mais que tudo, afirmei-lhes que a escola, em razão do aprendizado, ajuda na qualidade do pensamento e na longevidade boa dos sentimentos. Disse-lhes, porém, que os sentimentos de ternura são as últimas perdas que se tem e quando fôssemos até a casa dos idosos que fossem esmerados na ternura. Que não tivessem vergonha nem medo do sofrimento em relação ao abandono. Acredito que alguns deles tenham sido profundamente afetados pelo estudo e, principalmente, pela bondade. Ficaram tão sensibilizados que gastamos toda próxima aula explicando o universo dos mais velhos e como os sentimentos e o pensamento podem ser afetados pela falta de comunicação. O melhor exercício foi expresso nas comunicações estabelecidas com seus familiares. Disse-lhes que a linguagem também deve ser qualificada. Por exemplo, se levassem aos seus pais as explicações sobre o sistema nervoso, melhor seria falando com palavras bem pensadas. Entretanto, não importaria tanto o conteúdo quanto o movimento que nós fazemos uns na direção dos outros. Um dos segredos da vida feliz é estar desligado da solidão.

As discussões e aprendizados sobre o desenvolvimento dos sentimentos envolveram até meus sonhos. No desenrolar de um deles anunciou-se o meu próprio sentimento de dificuldade de levar em plenitude a decisão de fazer uma escola diferente, tornando



meus meninos e meninas mais interessantes. Lendo o educador russo, assustou-me sua capacidade de lidar com meninos esfarrapados e levá-los à virtude da solidariedade, corrigindo ladrões incapazes de lidar com suas vidas. A minha aventura de ser não tinha florestas nem primaveras exuberantes como na Rússia. Sonhei, então, que participava de uma excursão entre matas e rios. A única pessoa sem qualificação para tal aventura era eu. E pusemo-nos a caminho. Era eu quem não tinha o passo seguro entre águas, tocos e raízes. Apenas fazia contar uma ou outra história para alívio da caminhada. Não tinha, porém, o poder de tornar o passeio cheio de graça. O silêncio dos outros e suas conversas me desagradavam e me faziam, logo a seguir, silenciar também. Mas a caminhada continuava e tinha, ao final dela, a volta.

Sonhei por estes dias que João já não tinha mais o temor que lhe abatia e os vazios existenciais próprios de toda criatura que já viveu boa parte de sua vida. Então, tive-o como um deus grego em minha intimidade e senti forças maiores que os anjos que voam e auxiliam os homens em suas tribulações. Me senti poderosa, tendo-o como meu maior protetor. Já não mais temia a sorte de minha casa nem os possíveis fracassos de minha pedagogia. Andava com as inspirações tão simplesmente como quem toma, em suas mãos, um cacho de espigas de trigo quando balançam em novembro. Ouvia a água murmurar nas fontes, quando, então, disse para João: já não mais teremos sede. A água foi feita de manhã e ainda carrega consigo a limpidez do orvalho. Os sentimentos discutidos e avaliados de forma concreta pelo sistema nervoso aguçaram também os meus.

Os desejos podem estar multiplicados e ao, mesmo tempo, escondidos. Nada do que penso, do que faço, do que amo está desligado desta intimidade exuberante. Os meus sentimentos estão irri-



gados pelas convergências afetivas do dia a dia, de festas e tristezas tidas em reciprocidade. Minha alma não é de hoje. Ela está inserida em João e em tudo que faz parte de minha história. A minha alma convive com as sementes que me habitaram e com o perdão de meus pequenos pecados; ela se exercita no amor do mesmo espelho: nossas filhas. A ternura em mim não se deposita em minha conta, está carregada de investimentos recíprocos. Se um dia, qualquer que fosse tal dia, eu não sobraria mais inteira, os pedaços ficariam presos com quem convivi. A intensidade perduraria infinitamente. Assim nem minha imaginação conseguiria avaliar os resultados de minha morte. Contudo, persigo a vida com a fome de uma garota que correu o dia todo sem ter posto um pedaço de pão na boca. Viva minha alma nos sonhos de João, o que vende e compra materiais para casas novas. Enquanto seu sonho é mais vivo e mais concreto, os meus sonhos continuam mais intensos, mesmo que mais incertos.

Fazia madrugada, a grande madrugada. Aprendi também sobre as grandes madrugadas: aquelas que revelam ideias e lembranças trazidas de longe. Trouxe-me a imaginação carregada pela memória: minha avó. Chorei sozinha sobre os lençóis limpos. E me perguntava: o que tem a vida de ressuscitar os mortos. E veio-me ela tão divina e ampla. Coloquei-me ao seu lado, tão pequena e incapaz. Disse-me apenas: fique um pouco comigo ainda. Depois a seguir: pode ir. A saudade doía em todo o meu corpo como se ela fosse um ser vivo que me devorava. Como a ausência de uma velha senhora pode doer tanto!? Ao acordar, vi de perto a solidão permanente, por mais que João estivesse abraçado em mim e me possuído ternamente.

É redundante dizer, mas os sentimentos se ampliaram em torno de meus alunos e fui vendo-os um a um com suas diferenças e detalhes. Eram nítidos seus perfis e minha memória retinha-os sem



dificuldade.

O que me faz narrar, de alguns deles, é a absoluta necessidade de dialogar. Assim como as células têm seus diálogos intensos mediados pelo sangue, pelos vínculos, humores e fios carregados de notícias, também estou eu dependente deste torvelinho dos outros. De modo especial com Alda, com Carolina, com João, com Bárbara e com Vitória, faço meu exercício íntimo. Deles retiro minha confissão pública. Mais que narrar é confessar a possibilidade da alma ser mais neste transe de esforços esmerados. João foi quem me solicitou a que pudesse revelar a face humana, e, por vezes, trágica, de minhas crianças crescidas. Faço-o em seu nome, ele que me tem dado o poder e a ternura necessária.

Carolina, aquela que se pusera em meu colo como um bebê desprotegido, sentia, em seus olhos, uma solicitação permanente como se ela não fosse suficiente para sua vida. Faltava-lhe o lugar onde pudesse repousar sua intimidade, havendo nela uma necessidade absoluta do desejo alheio. Em tudo se lhe revelava a urgência de aumentar sua densidade. Era como uma canção incompleta, uma semente carente de água, terra e sol. Tendo um corpo lindo e forte, em tudo lhe contrariava a vontade fraca, quase pusilânime. Bem adequada para entregar-se com facilidade a qualquer preço ou fugir de uma proposta mais exigente. Aí estava alguém que tinha uma alma pequena. Via nela uma frágil corruíra. Forcei a que apresentasse um trabalho. Suava frio. Olhava-me com pedidos de piedade para que não lhe expusesse sua fragilidade. Mal começara, agradou, ao gaiato do Fabiano, ver a situação delicada de Carolina e não poupou: cuidado que ela vai desmaiar! Aproveitei e mostrei em público o quanto ela era quieta e o quanto eu gostaria de ter a capacidade dela. Saíram as primeiras palavras esganiçadas e eu aproveitei dizendo: vejam como Carolina preparou bem o seu tema! Assim, fui



aos poucos e, por ações constantes, fazendo com que pudesse acreditar que é possível ser mais. Os temas da casa foram revelando seus pais adotivos e com eles construindo aprendizados para si e para os outros. Ao final do ano, revelou-se uma voz entre todos, exigindo que fosse ouvida. E falou como se, a menina sem convicção, tivesse desaparecido e uma mulher forte já se anunciava em sua voz que se lhe saía própria. Foi o meu maior prêmio. Valeram-me as vezes que a olhei confiante quando erguia seu dedo medroso. Valeram-me as vezes que pedi para silenciarem com o propósito de que fosse ouvida. Uma crença certa foi nascendo, como uma criança robusta: há que se ter tenência nas ações para o nascimento de uma virtude.

Jamais esquecerei de Alda a menina mais feia deste mundo. Tão feia era a Alda, que doía aos olhos vê-la. Mas o que tinha de compassiva, generosa, inteligente e de palavras férteis, fazia qualquer um ficar ao seu lado. Diferentemente de outra pequena, toda bela, que quando abria a boca fazia qualquer um ficar triste. A Alda causava estranheza até o momento em que se punha a falar. Aí se lhe desdobravam as palavras, uma a uma, com tal suavidade e destreza, que seu rosto perdia a indisciplina estética. Sua alma fazia brilhar os seus olhos e iluminavam-se os olhos alheios. Não tinha vergonha de sua feiúra. Transcendia tal claridade, ofuscando-se a acne e sua boca fina. Anos mais tarde a encontrei carregada de filhos: três. Havia ficado mais cheia, ocultando-se muito suas linhas de pouca disciplina. Mais bela ainda tornara-se a palavra. Surgiu seu marido cheio de desvelos: os esmeros do amor. Falou-me dela, alegremente, e não cansou de dizer que estava contente de haver conhecido a professora de quem Alda tanto falava. Desejei sorte a seus dois sardentos e vermelhos filhos e à sua amável e feinha filha, ainda assim, mais belos que a mãe. Em tudo aí estava a sorte melhor da humanidade: uma iluminação que transparecia nos cuidados e nas palavras bem ditas.



Fabiano, um ser humano que tinha tudo para se dar bem com a tirania, insensível ao sofrimento alheio, feria tão profundamente a ponto de não perceber os efeitos da dor, marcando o corpo humilhado. Sabia ferir, havia um talento para o mal. Uma raiva inteligente o dominava. Percebi logo o quanto inibia a turma. Está aí uma fera que poderá estragar uma casa toda e toda vizinhança. A reciprocidade não lhe acompanhava os passos. A minha raiva para com ele podia ser um impedimento na sua educação. Um dia, após ter ofendido a Rafaela, fazendo-a calar-se, muito envergonhada, pedi o favor que ficasse um pouco comigo, quando todos saíram. Fui tão firme que permaneceu na sala, mesmo contrariado. Ao estar sozinha com ele perguntei: gostaria que alguém lhe capasse? Não entendeu minha pergunta grosseira. Gostaria que alguém lhe tirasse seus testículos, seus ovos, rapaz? Não deixei que respondesse. Fui incisiva: pior que isso você está fazendo com os seus colegas. Você tira os bons sentimentos deles! Você acaba com a felicidade daqueles que poderiam ser seus amigos! Posso pedir um favor? Assustado pela minha agressividade, disse que sim! Diga umas palavras boas para seus colegas quando sentir que dá para fazer isso! Não esconda o anjo que você tem! Olhei-o, comovida! Queria que sentisse meu amor também! Associei meu desagrado às suas agressões e agora associava meu agrado à possibilidade de ele mostrar um sinal de bondade.

Em duas aulas seguintes, apareceu com ar sombrio, como não sabendo o que fazer da vida. Encontrei-o no corredor, perguntei se estava bem. Baixou a cabeça e pediu que não contasse nada a seu pai de como era na sala. Respondi: nós podemos nos entender bem, sozinhos. Sorriu satisfeito. Perguntei sobre a razão de não contar a seu pai. Respondeu: ele vai me matar. Disse mais uma vez que podia contar comigo e repeti o que havia dito de como ele podia tornar-se bom para com os colegas. Avaliei Fabiano com seus traços perversos.



sos, como um resultado de seu aprendizado familiar. Possivelmente seu pai praticasse o medo sobre os seus, assim como ele praticava a violência sobre seus colegas. Ao encontrar, dia desses, seu pai no supermercado, falei de Fabiano e de como ele merecia toda atenção por causa da competência dele. Estava cercando o menino de bondade por todos os lados a ver se fizesse o mesmo. E fez. Notei que, aos poucos, usava alguns termos amáveis o que causou um clima melhor para a participação de todos. Entretanto, dia desses saiu com uma expressão tão humilhante em relação a Alfredo que senti calafrios e muita tristeza. Ao sair se desculpou comigo. Chamei Alfredo que também saía. Olha Alfredo, o Fabiano quer pedir desculpas. Assim aconteceu. Saí da sala sabendo que os demônios tentam retornar. As ciências, pensei, necessitam também da bondade. Não há biologia solitária. Nem subjetividade sem a intervenção decisiva de um educador. Podemos apreciar nossas virtudes por conta da reflexão, todavia, as ações repetidas, sob o olhar dos colegas e dos professores, é que tornam meus alunos melhores.

Não é justo falar somente das tendências comprometedoras da personalidade e das dificuldades de meus alunos. Tento imitar Steinbeck em seu livro *A Leste de Éden*: mais que mostrar a figura detestável de Kathi, mostra o maravilhoso Samuel Hamilton. Falo, então, de Alfredo, uma espécie de pastor ou sacerdote carregado de graça. Um belo ser humano. Mistura de raças, esbelto e forte. Embora não fosse dado às matemáticas, derretia-se na leitura. Falava nobremente. Escolhia naturalmente as palavras e elas lhe saíam suavemente da boca. Nas solicitações de ações como visitar os asilos, conversar com avós, ajudar uma casa da periferia, limpar a sala, mostrava-se solícito e o fazia com esmero. Faz-me acreditar que a natureza tem parte no destino do caráter, até mais do que se crê. Fácil é educar uma voz talentosa, fácil é educar alguém que se inclina naturalmente para a bondade. Parece haver uma biologia

que se inclina para a maldade como parece haver uma biologia para a bondade. O pai de Alfredo havia, fazia tempo, se retirado de casa e foi viver com uma mulher extremamente irresponsável. Haveria assim um exemplo de péssimos resultados, mas a origem do bem tem seus segredos. A biologia, ou a alma, com todas as suas formas, fluem diferentemente em cada vivente. A sala de aula pode ser um laboratório para constante inspiração, mas somente ações efetivas e vigorosas podem dar um sentido e fazer emergir comportamentos desejáveis. A virtude, então, pode não ser muito criativa, necessita de repetição. No caso de Alfredo, parecia que a virtude, qual fosse ela não importa, parecia ter nascido com ele. Ao olhar para ele, despertava em mim uma alegria de poder conviver com uma expressão quase perfeita da espécie humana. Conheci sua mãe, triste, por saber-se abandonada pelo marido. Consegui dizer-lhe que seu filho era o que de melhor já havia conhecido. Ela sorriu, ainda triste, parecendo revelar sua inferioridade. Consegui dizer, muito sem graça, que era um grande prazer tê-la conhecido. Ela me fazia bem e sua presença fazia bem para todos, naquela reunião de pais. Ela, por sua vez, mostrava-se semelhante a outra aluna, a Ane Lise.

Uma garota de 14 anos, mais silenciosa que uma abóbora e mais triste que um urutau. Bem que na idade-média havia a crença de haver possessão demoníaca quando a melancolia se evidenciasse com muita força. Arrancar-lhe um sorriso, mesmo que fosse similar ao de Mona Lisa, era um feito extraordinário. Pensei comigo que o direito à ternura e à alegria deveria ser direito tão importante quanto eram a moradia e o pão. Em alguns se faz necessário o freio dos impulsos, noutro o estímulo. Em ambos os casos a razão é mediadora da identidade, podendo-se, pelos hábitos, fazer algo melhor que simplesmente deixar as inclinações agirem por conta própria, ou, deixar os costumes se instalarem de qualquer jeito. Acreditei que podia interferir na tristeza de Ane Lise. Como morava perto



de minha casa, resolvi pedir carona de sua companhia. Aceitou e fomos caminhando e conversando. Chegando em sua casa, pedi um copo de água e ficamos conversando qualquer coisa. Fiquei constrangida de entrar na alma dela. É quase como entrar na casa de alguém sem licença. Cerquei-me de cuidados e perguntei o que havia com ela, que parecia tão triste. Baixou sua cabeça e mais triste aparecia. Disse-lhe que podia compartilhar de sua angústia, quase permanente. E foi forte a minha dor ao responder-me que seu pai havia falecido quando tinha dez anos e, que vivia com sua mãe e seu padrasto que bebia muito. Quando chegava bêbado batia em sua mãe e havia tentado molestá-la. Fiquei petrificada por abrir a caixa preta de sua trajetória e via um desastre ameaçador acontecendo e outro prestes a acontecer. Havia profunda perturbação entre nós e uma pergunta: o que fazer? Perguntei se isso acontecia somente quando ele bebia. Respondeu-me positivamente. Disse-lhe que ia pensar sobre sua situação. Fui ter com um advogado e com um pastor. A melhor resposta veio do pastor, que, daquele dia em diante, começou a cercar a casa do homem que bebia. Somente com inúmeras visitas foi possível trazê-lo para sua igreja, oferecendo-lhe então, uma experiência junto aos AAA. Cercado por todos os lados de reforços e de falas exemplares sobre seu alcoolismo e com temas da casa voltados aos cuidados, certifiquei-me mais ainda sobre a educação da virtude. Ane Lise começou a realizar uma tarefa de educação de filha para pai. Somente após oito meses revelou-se a certeza de melhoras. Ane Lise voltou a mostrar uma face aliviada. Anos mais tarde, encontrei-a com um filho pequeno. Agradeceu à Igreja e à escola que lhe deram proteção. Para mim aflorou-se uma certeza: professor algum conseguirá dar virtude a quem quer que seja sem parcerias bem vigorosas. Riu-se Isabel Bamberg minha amiga e colega: pois, pois, dona Antônia, para segurar os pecados de nossas cidades, só Deus mesmo! Repetiu uma velha frase de sua



história de herança alemã. *Nur Got kant uns helfen!*. Somente Deus pode nos ajudar. Brinquei com sua fé dizendo: e mais uma assembleia de pecadores e pastores para ajudá-lo. Aprofundei um pouco mais, rindo da condição humana: e o que podem a imaginação e o sonho! A generosa ilusão, também, faz os homens e as mulheres andarem olhando para frente! Mais que tudo pode a comunicação, pela qual abastecemos a vida.

Voltando de uma das minhas andanças pedagógicas em torno de Ane Lise, encontrei João abatido, num entardecer carregado de chuva. Disse-me que houve uma situação delicada na empresa. As tintas vieram equivocadas. Uma das auxiliares confundira as solicitações. Isso lhe valeu um grande prejuízo, por não poder atender diversos pintores que, descontentes, buscaram outros tinteiros. Somando-se a isso, houve calote por parte de um dos compradores. Disse-lhe brincando: parece que Jesus tem razão, os diabos não vêm sozinhos. Abracei-o com funda ternura. Queria com meus gestos minimizar o sentimento de frustração. Como fazia sempre, em meu dia de folga me dirigi até à loja. Fui ter com o responsável pelo calote e encontramos uma saída razoável. Me convenci mais uma vez: o diálogo é a melhor força. Telefonei para dois dos pintores vendo o que podia ser feito para atendê-los melhor. Com isso ajudei-o usando toda a minha força feminina. Esta reciprocidade de cuidados foi uma provocação amorosa de grande repercussão. Entendi que o amor, para o homem, tem formas diferentes de acontecer. Sentiu-se estimulado ao amor, mais que poderia imaginar. Chorei comovida em seu ombro por vê-lo tão reconhecido. O poder para o homem parece uma instância importante. Por bem menos e por gestos menores me rendo muito mais.

Se tenho do que me orgulhar em minha militância pedagógica, confesso, por outro lado, de meu grande fracasso educacio-



nal. Certos ambientes não concebem uma boa relação para algumas pessoas. Pois bem, fui convidada a trabalhar na disciplina de ciências numa outra escola a qual já referi. Tinha, de quinta à sétima série, todas à minha disposição. Desde o momento que me adentrei na escola senti um ar, como se ali não fosse o meu lugar. Se me habitasse qualquer tipo de superstição diria que um espírito do mal rondava as minhas salas. A primeira reclamação veio da diretora, muito austera e com palavras de poucas tonalidades. Os pais estão dizendo para que ensinemos seus filhos e não para que eles, pais, aprendam as lições de uma professora. Não se passaram dois meses, foi quando discutia sexualidade e a reprodução humana, que a casa começou a ruir. As queixas foram duras em torno das formas alegres e convidativas sobre a sexualidade. Estaria estimulando a sexualidade na adolescência. De pouco adiantou dizer que fora Deus que dera o prazer associado à sexualidade e não eu. Em nenhum momento havia deixado de aproximar a ternura e o cuidado à sexualidade. Vi também que havia transgredido as regras proibitivas da auto-estimulação. Passei o resto do semestre ministrando, burocraticamente, as aulas sobre genética humana e os cuidados preventivos. Percebi que, em tudo que vinha de mim, não haveria correspondência institucional. Fiquei uma professora triste e tristes se tornaram minhas aulas. Tudo se concluiu mal. Foi quando o presidente do círculo de pais, apontou-me como sendo incapaz de tratar do corpo humano e que eu havia sido grosseira ao repreender um dos alunos. Respondi-lhe: não admito que qualquer um dos alunos seja desrespeitoso com outros colegas ou comigo. Falei-lhe até com tranquilidade sobre sua fala agressiva. Então, provoquei a maior dificuldade para mim, ao dizer que ele mesmo estimulava os alunos à falta de respeito. Como já havia derramado a sopa acabei de jogar toda panela de uma vez. Falei com voz calma: estou de público pedindo demissão. Peço desculpas se minha pobre pedagogia



não serviu para os alunos desta casa. Respeito a filosofia da escola, mas não vou conviver mais com essa violência e essa soberba que vai no comportamento de certos alunos e de certos pais. Falei para a diretora que dia seguinte deixaria os resultados do semestre. Fiz feio e senti como ninguém a rejeição. Dei a mão a todos da mesa diretora daquela reunião e fui para minha casa.

No caminho de volta nunca desejei tanto o assoalho e as paredes de minha casa. Abracei João com toda sua bondade. Aos poucos a ternura foi me invadindo. Minhas filhas chegaram junto de mim. Chorei um pouco e recebi o necessário. E no quarto nunca me entreguei tão absolutamente. Aprendi, então de forma dramática, o quanto os lugares com seus ambientes educam. Não sei se alguns deles servem a vontade de Deus. Naquela escola não conseguia saber de sua vontade.

As aulas da minha escola iam bem. Ao pensar a perspectiva para inauguração de virtudes é que pensei de não ficar sozinha. Ao falar com Joana e Tábata solicitei suas parcerias para ampliar a força de influências para o cuidado de si, dos outros e da natureza. Elas também entendiam que a solidariedade faz bem. A primeira lidava com a literatura e a segunda com as artes. Bem que poderiam contribuir com as relações do sistema circulatório e respiratório em suas disciplinas. Dizia para Tábata que havia arte a ser descoberta em ambos. Um coração quente e pulsante e um pulmão com sua estrutura poderiam dar conta de inspirações e de ternuras. O emaranhado dos vasos poderia definir curvas multiformes ao atravessar um corpo. Que se pode fazer com as cores de ambos, pondo sombras e luzes, símbolos e círculos? E de fato o tema gerou interesse sem medidas e desejos de cuidados, pois que as crianças zelavam com as mãos sobre seu sangue e sobre seu ar. Com Joana não foi diferente. Versos tantos foram trazidos em poemas e textos que um de seus



alunos riu-se todo ao dizer que já bastam tantos corações. Provei, ao iniciar minhas aulas, sobre estes sistemas, que Deus tinha um pulmão infinito e um coração não menor. Seu sopro concedeu alma ao homem, luzeiros ao céu, gramas ao campo e pássaros e animais às florestas. E sabe-se que seu coração é bom, pois que fez um pulmão para respirar, os vasos para nos alimentar e um coração para pulsar. Dividi em duas partes o sistema cardiorrespiratório. De um lado a compreensão anatômica e fisiológica e de outra os cuidados individuais com os familiares. Adejamos sobre as coronárias e daí para os vasos. Mais uma vez, vimos o alimento das células e o lixo de sua excreção. A função trabalhosa das artérias e das veias. Tudo isso se faz em silêncio cada uma delas em sua afeição natural pela vida. Ficamos assim por duas aulas vendo as válvulas tri e bicúspides e seu trabalho incansável. Olhamos de muito perto a eletricidade fazendo a contração dos músculos e os átrios gentis com seus depósitos momentâneos. Foi dada mais atenção à pressão arterial, pois que dela resulta grandes sofrimentos se não tiver a exata consistência. Fomos vendo parte por parte. Chegamos com atenção nas formas da anatomia e fisiologia pulmonar e sua preciosa comunicação com o coração. Vagamos alegres entre os alvéolos. Tudo isso foi visto com denodo, pois que a ternura requer esmeros para sua revelação.

Quando Tábata mostrou-me os desenhos dos pulmões e dos corações vi o imaginário magnífico da criação. Há uma imensidão que se revela no amor. Corações inspirados em Picasso e outros em Van Gogh. Em sua maioria eram simples como os desenhos infantis. Comoveu-me um deles profundamente. Tinha um centro elíptico do qual emergiam fontes vermelhas e azuis. O quadro revelava a vontade primitiva da natureza de alimentar e limpar. Flutuavam os vasos em forma de fontes. Embaixo escrito:

*Pena que sua voz é baixinha
E nem todos podem ouvi-lo!
Só os amantes possuem o poder de escutar
A doce e meiga voz do coração.
(Magda Almodovar)*

E um deles, entendendo o sentido do cuidado em torno desta preciosa bomba:

*Quem me dera conceder a sorte
De cuidados tantos! Que eu possa devolver
Em forma de atenção
O sangue que me concede a vida
Ó coração!
Ó coração!
Tenhamos longos e serenos dias!*

Diversos outros alunos faziam versos ou textos avaliando a alimentação, a solidariedade, o exercício, o álcool, o fumo, o stress e outros fatores na doença e na saúde cardíaca. Chamou a atenção um pequeno excerto do texto de Alfredo ao falar do pulmão: não sabia da grande amizade entre o coração e o pulmão. Não sabia que eles trabalham tanto por mim! Como é grande o poder do sopro em abandonar o que já foi útil e captar, com esforço, o oxigênio para dar energia para eu fazer tudo que é preciso. Meu Deus, dê-me a força para ajudar meu próprio peito para que tenha saúde. Que eu tenha tanto respeito por ele quanto ele tem por mim! E o menino completava sobre o fumador



*Fumando, ele se mata a todo instante,
Trago a trago, e se mata sem pensar.
Quem o traga é a fétida e asfixiante
Rotina que lhe rouba todo o ar!
Por isso mesmo, torno a perguntar:
Que passa na cabeça dum fumante?*
(Leo Pelegrini)

Fazia tempo que tinha um entendimento sobre a virtude humana necessária e sua relação com o destino comunitário. Se a repetição de uma inclinação boa tende a se fixar de forma permanente assim, pensei, terei que repetir ações com diversas tendências favoráveis à habitação humana. O cuidado giraria em torno de tudo que cerca meus alunos.

Me dispus a contribuir para as aulas da disciplina Exercícios Voluntários, que se tornaram obrigatórios, considerando as urgências da bondade. Pois desde que fomos visitar dois asilos, meus alunos foram incansáveis em solicitar informações sobre o que era aquilo. O fenômeno institucional de um asilo era-lhes pesado demais. Como pode acontecer de alguém ficar tão sozinho? Por que ficam tão quietos? Não cansavam de perguntar sobre as diversas demências. O que pode deixá-los contentes? Américo, o menino criado também pelos avós, perguntava se eles tinham pais e filhos? Por todos os lados me aparecia a angústia compartilhada. O silêncio dos idosos residentes incomodava sobremaneira. Resolvemos: cada um dos alunos da turma, adotaria um deles e semanalmente um grupo, levando alguma coisa para dividir. Levavam textos e liam. Aos poucos, foram entrando na intimidade da própria loucura, para alguns a condição humana mais terrível na velhice tardia. Não mais se importavam com expressões sem sentido. Não mais



se importavam com a infantilidade das preocupações. Conseguiram estar como filhos encostados nos ombros deles e delas. Dois meninos aprenderam a tocar violão e dedilhavam alegres as cordas com amor, mesmo tendo pouca habilidade. Depois da terceira visita não mais precisei acompanhá-los. As perguntas dos pais começaram a me incomodar. Não tinha outra realidade para mostrar? Se fossem à biblioteca não teriam mais lucro? Não faria mal a eles verem tanta miséria? Dizia-lhes que a bondade não é coisa tão desprezível. Que a velhice e as demências não eram transmissíveis. A um dos pais fui até irritante ao dizer-lhe que a falta de solidariedade é a maior loucura. Confessei que o analfabetismo afetivo é um pecado que nem Deus sabe o que fazer com o pecador e, por certo, a sua infinita bondade não reconhece quem não for capaz de encostar a cabeça no peito de um demente. Brincávamos com a sorte humana e aos poucos se tornaram tão profundamente humanos que pensei o quanto seria bom se todos pudessem ser cuidadores. E passou-me, mais uma vez, uma ideia estranha: quem poderia avaliar a felicidade humana? Seria daqueles que estão de integridade física e mental, mas perseguidos pela angústia de correr o dia todo para ter uma pequena mesa entre rotos exercícios, ou, seria dos dementes que às dez horas da manhã podem tomar um sol que lhes aquece as espáduas?

Meus alunos, após três meses, andavam até cogitando de entender a fragilidade humana e de sua condição minimizada. Avaliaram também de como são estreitas a inventividade e as iniciativas das relações. Foram ver, também, na prefeitura junto à Vigilância Sanitária e à Secretaria de Assistência Social um apoio permanente à casa dos cuidadores familiares. Por mais pertinente que fosse sua solicitação em favor dos abandonados, não foram atendidos. A face perversa das políticas sociais tem disso. Aos poucos foram vendo que a bondade humana é muito mais difícil que imaginavam, principalmente quando dependiam das instituições e suas formas



antigas de providenciar a igualdade. Compreenderam, com dor, a centralidade do bolo fiscal e sua inoperância. A iniciativa de pensar sobre a fragilidade do sistema nervoso e sobre os limites da natureza física resultaram em virtude. O conhecimento resultou em compaixão. Mas, não se completou a alegria. Entenderam sobre a inexistência de uma república verdadeira e de um município pouco responsável com quem está sem autonomia. Sentiram como se Brasília fosse o palácio do imperador e que se danassem os municípios com todos seus problemas sociais, fazendo-se aí um doloroso silêncio.

Enquanto os meus andavam de cima para baixo com suas manifestações de solidariedade cercando a sorte humana dos mais velhos, Joana resolveu organizar, na mesma disciplina de Exercícios Voluntários, um grupo literário junto ao grupo de cegos do município. Propôs aos seus meninos que divulgassem suas pequenas produções em alto e bom tom. Declamaram seus versos e textos alegres e tristes. Joana me alcançou parte de suas produções literárias. Li a palavra forte de Ígor ao refletir seus sentimentos de solidariedade para aqueles que não viam

*Quando meu corpo está ferido
Penso que perdi a minha vida.
Onde está o meu punho que não ergue mais minha mão
Na direção certa dos objetos?
Onde as cores cintilantes e a madrugada azul?
Onde está minha perna das caminhadas firmes?
Onde meu joelho esquivo?
Meu corpo está ferido.
Choro por não ter parte de mim.
Já não falo comigo, me perdi de mim.
Onde fiquei? Não tenho mais o que era meu!
Choro de madrugada, choro sozinho!*



*Onde puseram o pedaço saudoso de meu corpo?
Então, me dizem as estrelas:
Ainda tens teu coração no teu peito,
Tens inteira a cabeça, teu o pensamento.
Tens a impressão de todas as palavras.
Quando teu corpo está ferido,
Tenhas alma que o dia é amplo.
E se chorar, não chore sozinho!*

A casa, quando cai, leva consigo sua alma e seus sonhos. Não é possível avaliar o que se passa na dor dos cegos que dizem: tenho saudades das cores! Quando os meninos da Joana estiveram com os cegos, um deles confessou sua própria morte, após a sua definitiva cegueira, ao repetir Quintana:

*Da vez primeira que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...*

Joana confessou-se ao cego: mas tens estrelas em tua escuridão quando falas assim. Me consolam a mim tuas estrelas. Teus olhos não residem em teu rosto. Você vê, embora com certa tristeza. Vê o que ninguém de olhos inteiros consegue ver. Ele me disse: aprecio tuas palavras, mas gostaria de ver tua face. Tocou-me com ternura e eu beijei seu rosto. Repeti com força: não tenha compaixão de ti. Terei de ti uma impressão viva embora a vida tenha retirado a visão. Consolei-o, embora não tenha devolvido seus olhos. Convidei-o para recitar seus versos na minha turma. Ele aceitou. E, de fato, o que foi visto e ouvido pelos alunos afetou-os. Entendemos melhor nossas forças e me agradaram, sobremaneira, os seus versos



finais ditados em minha homenagem:

*Para Joana eu dedico a minha alma florescente:
Se a luz dos olhos já não brilha
Nem brilham as coisas ao redor
Meu coração, agora, sem dor,
Consegue ver mais plenamente.*

Sabe, Antônia, segredou-me Joana, dias depois: agradeço a oportunidade de levar aos outros as poesias de minhas crianças. De fato, as palavras significam muito mais que pensamos.

Enquanto aconteciam estas coisas, João estava viajando em busca de melhores fornecedores. Acreditava que a comunicação por telefone ou e-mail não surtia os mesmos efeitos sobre eles, comparada àquela de negociar olho no olho. Avaliei com ele esta realidade dizendo-lhe que dificilmente fariam melhores condições, em razão de a economia ser fria e até cruel. Pois me provou o contrário. Comecei a ver uma outra face destes homens que trabalham entre pesos e medidas. O coração humano carrega o antigo sonho da bondade. A compaixão bem posta e sincera pode gerar dividendos que se computam pela alegria. A ternura medra mesmo entre os números, ferros e pedras. Aí apreciei em João ainda mais sua humanidade. Percebi nele, mesmo tardiamente, o talento da graciosidade sem afetação. Sua voz e seus gestos eram medidos e até reverentes no trato com os outros. Conseguia revelar a importância do pedreiro mais humilde e não distinguia o tratamento entre fornecedores e compradores. Tinha a mesma cordialidade na voz. Quando voltou desta viagem mostrei-lhe os versos de Ígor e ele demonstrou a beleza que fluía de seu rosto ao sorrir. Ao concluir acrescentou: entendo



que o dia é amplo até para um cego. Abracei-o como nunca havia abraçado. Falei de meu orgulho por ele e que meu corpo todo estremecia de prazer por tê-lo comigo. Falei claramente para minhas filhas sobre a dignidade do pai delas. Bárbara e Vitória tinham dele certas semelhanças. Percebia nas mãos a herança dos movimentos. Tinha orgulho de minha casa e de minha escola. Voltemos para a escola.

Como a professora Letícia havia solicitado laudo, tive o prazer de substituí-la na disciplina de Programa de Saúde. Era um período por semana. Letícia sofria muito em sala de aula. Não se ajustava à falta de respeito da meninada. Havia uma longa história da turma da oitava série. O grupo possuía uma identidade corrompida por alguns alunos que pareciam negar a sua própria existência, tamanha era a dor de suas casas. Impregnavam o mal estar aí na sala. Letícia, negando o seu nome, andava triste. Entendia-se como uma paciente do mal-estar na educação. Educar doía-lhe o corpo. Dobrava-se sobre si mesma como que submissa ao inferno de conviver com o sofrimento de suas crianças grandes. Não conseguia estabelecer os vínculos com a maioria dos alunos. E estes sabiam feri-la. Usava um aparelho para melhorar sua audição. Alguns deles descobriram que o pequeno instrumento falhava com ruídos estridentes. Aprenderam alguns deles a imitar aquele som e Letícia confundia-se desesperadamente.

Levei da melhor maneira que sabia o Programa de Saúde. Me esforcei de muitas formas para ter uma convivência saudável em respeito ao objeto de nosso estudo. Percebi que a solidariedade nem sempre se converte em reciprocidade. Sabia quais dos alunos agiam com desrespeito para com Letícia. Tentei me aproximar deles, mas havia uma barreira em mim, pela injúria que praticavam com minha colega. Fui austera com eles, temendo que encontrassem algu-



ma fragilidade em mim. Avaliei em mim mesma a minha maneira imprópria de lidar com eles. Organizamos uma feira de produtos naturais e preparamos nosso alimento e vi que após terem assumido esta responsabilidade e vivamente se sentirem inseridos no grupo arrefeceram seus gritos estúpidos. Quando decidi com eles avaliar o melhor alimento e o melhor movimento também em suas casas, vi o quanto dói sobre uma criança uma casa sem um arranjo agradável. Os movimentos familiares estavam toscos e desagradáveis, conspirando-se tudo em desfavor da convivência. Passei a entender um pouco mais sobre a violência. Nada mais seria que uma defesa do último reduto que sobrou: meus alunos em situação de constrangimento afetivo. Aí estavam, como soldados tentando defender a própria intimidade ofendida, diferindo apenas nas formas de agredir. Alguns deles, em razão da constituição mais frágil, tentavam se esconder em seus sentimentos de auto-piedade. Não havendo caverna para se esconder escondiam-se no silêncio e na tristeza. E vendo suas defesas, percebia que o sofrimento do humor de Leticia pendia para a mesma explicação. Por sofrer da surdez, dificultando a própria comunicação, ela ocultava-se, tornando-se objeto da violência destes meninos. Esta inclinação para a violência e para o auto-recolhimento foi percebida também, ao realizarem o levantamento do perfil dos pais, dos avós e dos bisavós. Revelou-se uma face triste na idade avançada. Muitos daqueles meninos tinham avós que haviam fumado, por muitos e muitos anos, sofrendo de obstrução respiratória severa o que os deixava ameaçados e deprimidos. Retiramos a maior lição sobre os cuidados. Por ter pouco tempo de relacionamento com a turma de Leticia minha autoridade era pequena. Meus esforços renderam pouco.

Conversamos em casa sobre minhas observações nessa turma e, juntos, olhamos o perfil de nossos antepassados. Percebemos, igualmente, em um dos avós e num dos tios-avós de João o quan-

to é triste morrer com as pernas obstruídos pelo fumo e o quanto estavam com sentimento de abandono face ao sofrimento que haviam infligido a si mesmos. Apesar destas lições surpreendi Bárbara pitando serenamente um cigarro. Aquela visão fez que não reconhecesse Bárbara, tão estranha me era sua imagem com o cigarro na boca. Ao perguntar-lhe por seu comportamento me disse: foi só aquele! Disse-lhe: seria difícil enfiar mais de um em sua delicada boca. Dei-lhe um abraço, tentando protegê-la. Afirmei-lhe: amo também seu pulmão, afinal eu também tenho parte e não é justo o que você faz com ele. Está machucando minha vida também. Conversamos sobre a força da liberdade, mesmo à custa da morte ela estava querendo mostrá-la, mas de maneira inconsequente. Já não sabia se era a força maior da liberdade ou se era um apelo natural de seu organismo pelo sabor do cigarro. Muito tempo se passou e eu descobria o cheiro próprio dos fumantes impregnando as roupas de minha pequena Bárbara. Chorei em silêncio. Ao ser surpreendida em minhas lágrimas, falei-lhe que era um cheiro estranho que havia percebido em suas roupas. Abraçou-se em mim e também chorava. Vi, então, muito de perto a impotência humana diante da natureza que se apresenta, por vezes, agressiva. Meses depois fiquei muito alegre quando solicitou acompanhamento num centro de dependência química. Mais me alegrei quando me contou que havia dois meses sem ter posto um cigarro na boca. Mostrou-me, também, um pequeno emplastro posto em seu ombro direito.

Acompanhamos e festejamos a conquista de Bárbara. Vitória ao ver toda aquela alegria encheu-se de ciúmes dizendo que ela também passaria a fumar. Vi mais uma vez a força reduzida e redutora da natureza humana. Por vários dias estive com ela, provando o quanto podia ser amada sem o fétido pedaço de fumo dentro de sua boca.



Maior conquista de nossa escola foi a decisão quase unânime de conseguir a aprovação de incluir no currículo, de forma definitiva, quatrocentas horas de serviços comunitários associadas às disciplinas de nossa escola. Depois de dois semestres do início da aplicação de tal medida observou-se uma mudança importante na maioria de nossos alunos. Na coordenadoria repercutiu ainda mal a experiência que realizamos, pois entendiam que a escola pouco tem a ver com a prática da bondade, dizendo que isso não faz parte da natureza escolar. Então pensei dentro de meu peito: tem-se muito a lidar para um pouco de perfeição, quando não é a natureza tendenciosa, é o contexto que tece panos miseráveis sobre as crianças. Vi que desenvolver a generosidade, ou coisa que o valha, é mais difícil que fazer um camelo passar debaixo de uma pequena porta, ou mesmo, por dentro de uma agulha. Aquele que andou entre as crianças montado num burrinho agiu sem muita pretensão, pois sabia sobre o povo com quem estava lidando. Deixar o coração humano submisso à boa vontade é tarefa muito árdua para minhas colegas e, principalmente, para mim. Culpo-me mais que todas por não poder deixar a visão de gestos melhores, de intenções e de sentimentos mais agradáveis. Bem que os antigos tinham razão em acreditar que existem diversos demônios que tocam seus trompetes, como diz Dante, até pela bunda, para desviar a atenção daqueles que pretendem carregar um pouco de generosidade e doçura. Não é tarefa fácil viver sem atropelar. Menos fácil ainda é dispor alguém para o diálogo, enfiando-se na frente de tudo as próprias palavras. E quando se vai envelhecendo, tantas e tantas criaturas tão sábias e prudentes começam a perder a prudência não sabendo mais tratar com cuidado as irregularidades. Apela para antigos princípios, desconsiderando o que fazer no momento. Ficam como aquele que regride em seu caminho dando a impressão de nunca chegar.

Afirmo este desânimo momentâneo por ver algumas das ve-

lhas colegas, em uma reunião de confraternização, tão desorientadas e egocêntricas, assemelhando-se a pássaros sem vôo. A doçura que antes lhes habitava fora substituída por palavras duras, entrecortadas de suspiros.

Não posso deixar de me esforçar para atender, em primeiro lugar, os apelos para a formação de um caráter capaz de ser agradável. A paciência, a atenção, a correção, a provocação para os exercícios de todas as partes do corpo e para a alma deve ser constante. Ao menos vivamos uns quarenta anos usufruindo do vigor sem restrições. Depois disso vou cultivar a fragilidade com gentileza. Mas fiquei menos aborrecida quando Tábata, Francisca, Arduína e Valesca, me apontaram para alegria do encontro que havíamos programado. Disseram, corrigindo minha angústia: não notaste que saíram mais aliviadas. Nossos encontros tornaram-se sistemáticos e pude notar mais uma vez que as conversas e ações ardentes trazem efeitos visíveis em todo corpo.

E pela extensão do programa com as antigas professoras, acabamos velando uma delas. Lisandra a que havia começado com amargor as nossas reuniões e, tendo-se passado um ano, sentia-se até eufórica. Joana com suas poesias fez uma pequena oração fúnebre, imitando Drumond:

*Teria um prazer tão grande
Se pudesse esconjurar a acidez desta morte.
Minha alma é pequena: não consegue
Dizer toda a saudade que fica
E como dói esta fumaça
De apagar aos poucos da memória
Tua presença amorosa.
Preferias calar para não magoar.
Aprendeste novamente a amar*



*Tuas velhas companheiras.
E dizias ternamente:
Que bom foi nosso recomeço.
Em nós não se cala a lembrança e é doído
Este silêncio de tua ausência.
Sorte é a de Deus por tê-la em sua esquerda.
Perdoe-me minha santa Lisandra,
Que Deus me perdoe também:
Qual a necessidade divina
De ver as pessoas mortas
Se estão vivas e com tanta caridade.
Mas me dobro à fatalidade.
Tenhas tu, Lisandra, toda bondade
De zelar por nós que vagamos
Entre o esforço e o amor de nossa escola.*

Continuamos o processo da integração de velhos professores o que foi uma renovação em nosso ânimo, pois sabíamos que quando envelhecêssemos não ficaríamos a esmo. Os serviços das quatrocentas horas de serviço comunitário conjugados aos dos professores aposentados deram frutos interessantes. Mais contentes ficamos quando alunos relacionaram o aprendizado da biologia ao da história que iniciávamos. Fabiano, Carolina e Ane Lise justificando seu trabalho de integração comunitária, afirmaram: como as células não repousam em sua obrigação assim nossas vidas de alunos não se calam sozinhas. Somos imitadores de nossos corpos que não se cansam de nos dar a vida. Estamos felizes por nos mover em colaboração com idosos doentes e seus cuidadores. Não deixamos que fiquem à mercê de si mesmos em grande sofrimento. Mais ainda nos anima o poder das professoras idosas. Velhas células não cansam de animar a vida de todos. Perambulavam conosco e tinham o bom



ânimo de quem cuida. Bem como Joana nos disse: podemos concretamente descobrir que a justiça é um ato de viver em liberdade e comunhão e não uma casa em ruínas. Ela disse ser de um poeta, mas a verdade é nossa. Assim estamos bem.

Da maneira como a bondade anda de casa em casa, a maldade instiga-nos o peito e os braços a que percamos o poder das virtudes. Andava eu tentando instruir-me e instruir os alunos da Letícia da melhor maneira, mas a personalidade do grupo que assumira estava tensa e de difícil acesso. Dediquei-me em especial ao Teófilo e ao Gomercindo e a mais cinco de um grupo carregado de relações ameaçadoras. Cada um possuía um temperamento intolerante e pela raiva que seguidamente os animava, poderia se prever um futuro comprometedor. Reunindo-se a natureza e os costumes perversos não é difícil avaliar caminhos íngremes e tortuosos. Falo em especial de Teófilo e Gomercindo, pois a tempestade era iminente. Disputavam uma garota muito exuberante e atrevida. Aproximava-se de ambos, exacerbando a disputa. Eles estavam expostos às suas violências, pela fragilidade que os assistia.

Aquela manhã tinha tudo para ser triste. Trovões se misturavam à escuridão. Minutos antes da aula, gritos surgiram a partir de uma das salas. Uma cena horrível se desenhou ante os olhos de todos. Teófilo segurava seus intestinos nas mãos e o sangue jorrava intensamente de uma larga incisão. Gomercindo saiu em disparada da sala tendo nas mãos uma faca. Foi muito constrangedor ver um menino ainda, tendo nas mãos suas entranhas. Deitamos Teófilo na sala e chamamos uma ambulância. Sorte: a escola possuía um convênio. O som de uma sirene se fez ouvir denunciando o que jamais queríamos ouvir no pátio de nossa escola. Nossa boa vontade, por momentos, rolou por terra como uma cabeça decapitada. Por muitos dias invadiu-nos uma vergonha paralisante e uma sensação de



que nossos esforços eram em vão.

Quando se arrebate sobre a alma o silêncio triste sobre aquilo que se faz, então, sabemos o valor de uma casa. O transcurso do cotidiano foi quebrado e ressaltou-se a figura boa de João. Quando não consegui acreditar em mim, ele me fez acreditar. Quando Bárbara e Vitória se chegaram mais intimamente tentado me proteger contra meu sentimento de invalidez, descobri o quanto pode a intimidade de uma casa. Por três dias andei carregada no colo dos meus. Entendi o sentido de um homem e dos filhos. Quando fracassou a comunicação profissional, o que vinha concedendo parte substancial de meu sentido existencial, percebi com nitidez o brilho de uma casa. Me pergunto ainda hoje, se não fossem os meus, teria a condição de resistir ao sofrimento? Talvez tivesse um consolo, pondo em Deus minha esperança, mesmo que fosse o imaginário feminino em busca de um pai.

Os dias e as diversas análises foram acontecendo na escola. Rumores foram invadindo as salas, a biblioteca e o pátio. Havia, nas vozes todas, uma sombra cobrindo as palavras. No quarto dia, foi nos transmitida a notícia sobre Teófilo: estava fora de perigo.

O resultado daquele sofrimento resultou positivo, parecendo haver um anjo atrás de cada demônio. Vimos de perto o perigo que pairava sobre nossas cabeças e os esforços incipientes da educação moral foram ampliados. O impacto de um fato social, por vezes, mesmo sendo traumático, elucida o desgaste das formas comportamentais com as quais lidamos com nosso cotidiano. Este e seus repetidos acontecimentos forjam nossa moral e o respectivo estilo de vida, o qual condiciona a nossa própria realização humana. Somente um grito de alerta obriga-nos a novas posições. Percebemos dolorosamente o quanto andávamos laborando em erro. Agora podíamos examinar os equívocos de nossa trajetória. Todos vi-



ram as entranhas de um menino e o seu olhar de pavor ao olhá-las, saindo-lhe pelo corte da camisa cheia de sangue. Todo o discurso em favor da mudança tornou-se muito convincente. Por diversos meses todos foram à comunidade dar sua contribuição, como que reparando uma culpa a qual nos penetrava a todos. Mesmo os mais avessos à decisão dos projetos de solidariedade estavam quietos e convencidos. Até o pequeno grupo que, em revezamento, ia ter com os presidiários para jogar futebol, em companhia do professor Jacó, não se queixava de lá estar; afinal todos sabiam que um deles havia praticado um crime. A fragilidade não lhes era estranha.

Bárbara e Vitória comentaram em sua escola o que estava acontecendo na minha. A direção da Escola Santa Mãe de Deus e das Pobres Criaturas solicitou uma exposição sobre o nosso programa de solidariedade e de torná-lo obrigatório no currículo. Assim fizemos. Fomos felizes na exposição do projeto dos serviços comunitários no momento em que fora oficializado, pois havia uma certeza que nos atingia a todos. Os costumes mostravam que nossa indisciplina e geração do egocentrismo adolescente estavam precipitando um estilo de caráter a rolar também para o futuro. A Santa Mãe de Deus e das Pobres Criaturas ficou de pensar se o que fazíamos era da inteira vontade divina. Passado um ano não sei se nossa exposição não surtiu o efeito esperado ou se a Santa Mãe de Deus e das Pobres Criaturas, ainda está meditando sobre a adequação do nosso projeto. Estou aprendendo cada vez mais sobre as dificuldades em provocar mudanças.

Mas, não posso deixar de meditar sobre como me tornei sensível em torno das dores de Gomercindo. Me impuseram a tarefa de ir ter com o agressor. Auscultamos aos pais de Teófilo sobre a oficialização da denúncia. Coube-me convencê-los, porém, de nos permitir esgotar antes os recursos pedagógicos. Após uma conver-



sa, poderíamos ver se houvesse sensibilidade suficiente dentro da qual caberia uma orientação menos radical.

O acidente, de outra parte, teve grande valor para a família de Gomercindo, a qual não passava de uma mãe desempregada e de uma avó doente. Coube à direção falar com os pais de todos os alunos e foram compreensivos a ponto de exigirem que Gomercindo fosse monitorado de perto. Que pagasse com atividades sistemáticas junto a diversos lugares para ampliar e comprovar seu sentimento de boa vontade para com aqueles que estão em situação precária.

Os alunos participaram das decisões para minimizar a rejeição e produzir maior tolerância. Vi de perto a natureza humana e o quanto é fácil perder a noção da solidariedade, como se todos fossem santos e o perdão fosse muito difícil presidir as suas casas. Já não sei se a gente teme por fazer o mesmo ou se nos falta a compaixão. Queriam destruir aquele que perdeu a noção da sobriedade diante da raiva.

Me comoveu, porém, a figura humana do pai de Teófilo. Um marceneiro fazedor de armários e guarda-roupas. Olhei-o diversas vezes, por não acreditar que um ser humano tão simples pudesse ter aquele tamanho. Talvez fosse por fazer tantas gavetas e saber o sentido da intimidade da madeira e das medidas justas é que se compunha daquele jeito. Foi ele quem teve com os alunos, por solicitação da diretora, para falar sobre o que fazer diante de nosso desastre particular. Suas palavras foram consistentes e adequadas como uma árvore frondosa. Dizia em seu discurso liso e sereno como uma peça de madeira onde tudo se encaixava: o que aconteceu com meu filho não foi bom para ninguém. Falei com Gomercindo e ele disse que estava muito triste por ter quase matado meu filho. Perdoei o menino e disse que queria tê-lo por perto de mim. Por solicitação da escola ele vai ajudar a fazer um armário para o Centro de Ali-



mentação. Poderia denunciar a agressão. Não vou fazer e espero que ninguém fique olhando para ele como um criminoso. O que ele fez poderia ser feito por qualquer um de nós. Todos nós carregamos um pequeno ou grande demônio. É preciso muito cuidado para que não nos aconteça o pior. O que eu peço para vocês é que não o acussem de nada. Vamos juntos estar com ele realizando cada um sua tarefa, escolhendo a melhor maneira de ser bom. Eu fabrico móveis. Para que o móvel fique bonito, é preciso estar atento a cada movimento sobre a madeira, assim eu peço para ter o mesmo cuidado para que fiquemos melhores, e Gomercindo também. É muito mais difícil a gente ser bom que fazer um móvel bonito e que ninguém fique pensando que é o melhor.

Ao final daquele ano, quem disse as palavras mais emocionantes na celebração do Natal foi Gomercindo: estou feliz por que vocês me ajudaram e por que minha mãe não chora mais e eu consigo viver em paz. Obrigado pelo pai de Teófilo e pelo perdão dele. Minha vida está melhor. Muito obrigado.



Para concluir meus sonhos

Não relatei os grandes erros pedagógicos desde o primeiro ano, tampouco os pequenos. E muitos anos se passaram, tentando acertar. Envelheço na tarefa de educar e parece, ao final deles, que não aprendi a lição. Estive, por vezes, em desesperança. Tive um tempo de depressão educacional. Realizei minha obrigação, repetindo os costumes da escola. Renovei minhas leituras. Apelei para a devoção de alguns santos. Pus minha cabeça na bondade de Deus. Pensei em mim como uma paineira. Queria ter seu verdor e defesas, mas generosa como as plumas de suas cápsulas brancas que soltam seus grãos ao vento. Domestiquei minha contração e novamente me pus a caminho. A morte me espreitou de perto, também em minha casa. Não contei de meus fracassos. Prefiro que as pequenas e quase grandes mortes que me cercaram sejam vistas como momentos de renovação. Às vezes, precisei morrer. Vi João e minhas filhas sentirem meus temores. Aprenderam em mim a fragilidade humana e a boa vontade de não ficar fazendo as mesmas coisas como se tivéssemos pela frente uma eternidade. Tudo se passou tão rápido, como o som de uma viola que põe no ar seu som e logo a seguir se esvai, ficando silenciosa. Quando tentei ser forte vinha a fraqueza. Quando me tornava fraca as circunstâncias concorriam para me tornar forte. Mais que tudo tive em João meu sentido e fortaleza. Aprendeu tudo sobre os meios de fazer uma casa e o seu ofício o ajudou a fortalecer meu ânimo. Em meu corpo se passaram a paixão e o amor. Minha alma não foi muito mais que a ternura e o cuidado de João por mim. E tenho a impressão de que ele quase se tornou a minha imagem e semelhança: um a cara do outro. Por vezes me confundia com seus desejos e não sabíamos quem havia tomado as iniciativas, não importando seus destinos.



As atividades educacionais geraram em mim um sentido de integridade. Me assumo como um ser humano que precisa ter vergonha. Tenho falhado em promessas, mas fiz o que me foi possível dentro dos limites da raça humana.

Minhas filhas foram os meus desvelos maiores. Hoje são mães. Me desenho como uma mulher sem idade exata. Me comunico com um pouco mais vagar e com mais vontade de descansar.

Olho para meus três netos e me pergunto o quanto neles me prolongo. Estimo tanto estar com eles, mas sou feita de preocupação ao olhá-los com zelo sobre seu futuro. Por vezes gostaria de tê-los comigo conversando sobre minhas histórias, mas agem com mais interesse sobre as figuras de seus jogos virtuais e quando lhes falo me olham, por vezes, como uma estranha.

Me ateno, por fim, sobre lembranças, algumas fugazes e outras mais consistentes e gostaria de me ocupar delas um pouco.

A primeira lembrança a mais vigorosa diz respeito a uma das aulas da professora Joana. Ela me convidou a que fosse apreciar uma de suas intervenções comunitárias com seus alunos do ensino médio. Solicitou que descrevessem o que observaram dos velhos na rua ou dos velhos de suas casas. Ouvi frases agudas e contundentes da boca de seus adolescentes. Havia inegável angústia e certa decepção com a própria natureza humana. Demonstravam sentimentos de identificação e uma solidariedade pungente nas narrativas de seus velhos. Um certo compadecimento e mais compaixão por ver esta categoria social que fenece depois de alguns anos. Entremeavam serenidades nas falas mais duras. Li e ouvi uma sincera devoção a par de uma surda revolta de tudo ser assim como se desenhava a velhice diante de seus olhos. Ah! dizia Augusto, como é bom ver a neta tomar nas mãos o seu avô caminhando pela rua. Há na face da me-



nina uma compaixão e uma comunhão inscrita em seus olhos. Uma conformidade diante da vida. Quase podia ouvir dela: assim deve ser. Ofereço o meu braço e minhas pernas para aquelas que já não suportam um corpo antigo. Lolico, mais incomodado com o que foi visto no asilo, escreveu: eles estão mutilados e parece que lhes fizeram uma incisão em suas cabeças, retirando o poder do pensamento. O olhar é tão vago que parece olharem para coisa alguma. Depois vieram os cuidadores da casa e pediram para que me retirasse, pois era hora de banhá-los. Me afastei imaginando a forma cadavérica de seus corpos. As coxas das velhas senhoras seriam couros estriados e rígidos. As antigas tentações seriam substituídas pelas orações. Li e ouvi de Rafael: dediquei-me por uma semana, ajudando meu avô com Alzheimer, na casa de cuidados. Fiquei encantado com a paciência de minha mãe. Quando lá chegava ele sempre perguntava: quem era eu, ou, se dirigindo para minha mãe dizia: quem é esse fedelho que chegou. Ficava aborrecido: se não sabia quem eu era, como sabia que eu era uma criança?

Por outro lado vieram as representações mais límpidas e faceiras sobre os velhos que haviam encontrado. Avós saudáveis e de bom humor. Não é por nada que, na história, foram criados anjos e demônios para descrever as duas faces humanas. Lélia estava eufórica por ter descoberto uma face engrandecida de sua avó: a danada me contou tudo sobre seus namoros e ríamos: ela com suas lembranças antigas e eu com as novidades. Eugênio descreveu: o meu avô me ensinou tudo o que ele aprendeu com o pai dele sobre cavalos, e quando ele começou a me ensinar eu tomava uma tunda cada vez que eu tinha medo do animal. Agora pode mandar o pior cavalo que tiver no mundo que eu monto e se eu não montar o meu vô dá outra surra.

Vinham outras lembranças mais fugazes como o sorriso de



Verônica em 10 de abril de 1992. Era manhã quando disse que a sua casa era o melhor lugar que haveria em sua vida. Ela retrucou dizendo: mas é tão pequena a minha casa. Respondi: acaso se mede pelo tamanho o que se ama. Disse-lhe: você é menor que sua casa e nem sabe como lhe amo. Riu um riso grande por saber-se amada. Contei-lhe por fim a história de Heráclito: havia um grande sábio grego que dizia que mudamos como as nuvens. Pela manhã somos uma coisa e ao anoitecer outra. Dizia as formas melhores sobre os nossos dias e sobre as nossas noites, sobre tudo que vem e sobre tudo que vai, sobre as coisas que são e ainda não são, mas podem ser. Por saber tanto, alguns jovens do Oriente vieram pedir sua opinião a ver se poderiam pôr um pouco de luz sobre suas vidas um tanto atribuladas. O grupo de jovens, imagino, Verônica, seriam pequenos pensadores descontentes por tudo que havia em suas cidades. Sempre existem misérias a reparar enquanto existirem jovens a pensar. Desse modo, estes meninos-jovens indo e vindo pelos mares e pelas terras diferentes chegaram a Atenas. Chegando em Atenas foram perguntando onde poderiam encontrar o grande sábio que sabia tantas coisas, eles que estavam tão perdidos como cinco cachorrinhos em procissão. Pergunta aqui, pergunta ali, é perguntando que a gente encontra as melhores respostas. Ou melhor, minha pequena, primeiro é preciso ter o que perguntar, então, sim, a gente pode encontrar a melhor resposta. Assim, perguntando mais ali e aqui, foram dar numa vila de Atenas. Já andavam decepcionadas, pois entendiam que um grande sábio só poderia morar num grande palácio. Acharam palácio coisa nenhuma. Acharam depois de muito perguntar ali e aqui a casa indicada como a de Heráclito. Desconfiados que estariam pagando o maior mico, bateram na porta. Pan! Pan! Pan! Uma mulher gorda apareceu. Era isso, Verônica: naquele tempo as mulheres não pensavam, só obedeciam e como não tinham no que pensar, mais comiam que pensavam, por isso, eram



mais gordas. Espiaram pela porta a ver se encontrariam um senhor todo iluminado e viram, pelo pequeno vão da porta, uma vez que a mulher era gorda, um senhor mais velho que jovem esquentando suas mãos numa pedra. Sobre cinzas e restos de brasas estava dobrado o senhor que mal divisavam. Perguntando duvidosos se era mesmo aí que morava o Sr. Heráclito, esse senhor voltou-se para a porta e sorriu, dizendo: podem entrar que Deus mora aqui também. Pelas palavras descobriram que era ele o sábio. E entraram.

Contei essa história inspirada pelo sorriso de Verônica. Assim é quase sempre. A inspiração me surge quando as coisas e as pessoas se põem melhor. Foi bem assim que aconteceu, dias depois daquele 10 de abril de 1992. Vínhamos de uma demonstração de coros. As vozes estavam harmoniosas e as canções soltas: foi me dando um desejo enorme de amar e amei. João estreitou-se em mim e pensava que não mais seria possível soltar.

Lembro, também, do dia em que Bárbara e Vitória casaram. Dias diferentes e com rapazes completamente diferentes. Não sei o que deu em Bárbara casar com um homem tão difícil. Chorei ao pensar o quanto a minha Bárbara deveria se esforçar para torná-lo mais tolerante. Quanta gritaria haveria até as vozes se acalmarem. Vitória foi mais prudente e deixou muitos rapazes com saudades, até achar um sujeito decente. Mas, ainda achei que minhas filhas mereciam homens mais iguais a elas. João me admoestou severamente quando disse minha opinião. Ele falou: não exagere na admiração por tuas filhas, mulher! Lembra quem era você e eu. Eu mais imaturo que um limão verde.

São passados cinco anos do casamento delas e devo confessar que os dois genros estão bem na foto. Tenho a impressão que João lhes tenha falado que casamento começa pela sogra.



Lembro ainda mais de quando começamos a experimentar a obrigatoriedade das horas a mais no currículo, atendendo ao desejo de ver nossos alunos com melhores sentimentos de solidariedade e beleza. Ouvia uma canção holandesa. Subitamente a canção, pela sonoridade das palavras, me impressionou demais. Ouvi mais de cinco vezes a poesia serena e suave do som emitido. Não entendia uma palavra, mas a sonoridade. Tinha proximidades da fala alemã, sem seus agudos e chiados guturais. A simplicidade e familiaridade pendiam da boca do cantor. Imediatamente pensei que assim deveriam falar nossos meninos e meninas. Uma estética na voz e nos gestos. Que, enfim, se encontrasse uma forma mais melódica de ser. Movimentos certos e suaves como de regentes era assim que gostaríamos que eles pudessem fazer. Que suas palavras não fizessem os outros silenciarem envergonhados. Levei a canção para dentro sala de aula. Ninguém entendeu o que queria dizer. Só Angélica viu um pouco de ternura nas palavras.

Lembrança não menos agradável foi a minha sala da casa, por um dia. Os lugares me deixam silenciosa e um sorriso interior se expandiu. E daquela vez fiquei ainda mais quieta e cada fresta me invadiu. Vi nelas os passos de minhas filhas. Vi, recebendo os presentes de natal. A imensidão da ternura transcendia por todos os cantos. As tábuas do assoalho suportavam, tranquilas, o peso de todos os passos. Os pés iam crescendo sobre elas. Fiquei invadida de todos os momentos e cheia de razão para ser feliz. Podia enumerar quase todos eles com seus desenhos menores e maiores. Os momentos indeléveis se cruzavam e sorria ainda quando minhas filhas, vendo-me com o olhar pousado em nada, se achegaram e me prenderam um susto. Todos os fantasmas generosos e mais sofridos se ausentaram e aí estavam as duas, me abraçando.

Agora envelheço e se precipitam saudades de antigas refe-



rências. Nunca havia percebido tão bem que sou uma mulher sem idade fixa. Vou aos prantos ou deslumbrada ao passado e retorno alegre para minha casa. Meu vôo para o futuro é vigoroso e, por vezes, frágil. Quero abraçar meus netos.

Bem, me sinto envelhecida ao olhar meu neto de 20 anos. Muito mais velha que minha avó, mas não represento para meus netos a mesma importância que minha avó tinha para mim. A fortaleza da alma impressa na mesa antiga não se constitui, pois as conversas com meus netos são rápidas. Seus computadores dizem mais respeito que minhas formas de existir. Via a velhice com certas reservas, mas agora aceito-a devotamente. Nada temo: nem de fechar meus olhos ou de meu pensamento estacionar em qualquer derradeiro ponto. Afinal a morte é justa para com todos e uma espécie de devoção me assiste. Amo delicadamente já que o fervor, por vezes, silencia. Tenho sonhos, porém, árduos, quando, em transe, ouço os discursos de minha avó que repetem as falas antigas de meus ancestrais. Falam pessoas desconhecidas dizendo serem aquelas que compuseram meus primeiros antepassados. Suas palavras se imortalizaram, acabando na boca de minha avó, de mamãe e na minha. Avalio que pouco mais eu sou que todas elas e mesmo a química comovedora de suas cabeças reagem produzindo os mesmos sentimentos que em mim residem. A imortalidade seria pouco mais que esta história do corpo e da alma das famílias, mas hoje se interpõem sobre esta eternidade cotidiana, os aprendizados esvoaçantes dos sites e das conversas orkutianas sem grande consistência. Nada se torna permanente e o ser parecerá um grande tecido com diferentes retalhos. Temo, um pouco, pelos filhos que se tornarão redundantes. Não haverá mais a mesa solene das refeições de minha avó, mas outras prosas fornecerão os elementos da comunicação e a professora terá a responsabilidade de formar, com mais fortaleza, em seus alunos, as virtudes de uma comunidade. Que assim seja. Temo pela

excessiva autonomia. Os outros serão apenas palavras e gestos quase desnecessários. A extensão dos objetos de ternura estará presa à própria vontade, em absoluta diferença com a idade-média onde a comunidade fazia desaparecer a identidade: a submissão perfazia a estrada humana. Avoluma-se agora o contrário. Cada qual parece encerrar dentro de seu casulo o que pretende ser. Mudam-se os tempos e com eles as vontades. Mas, de todos os jeitos que se olhar a educação, a escola terá o prazer de confabular com o tempo e sobre os tamanhos do ser humano, tentando dizer que ele, em solidão, estreita a oportunidade de existir.

Impera em mim o Espírito de Deus com seu desvelo ou sua palavra e a qualquer hora estou pronta para ouvir: faça-se a luz. Foi isso que sempre quis, sem esmorecer, acender luzes. Que me perdoem a quem não amei o suficiente. Que me perdoem, pra não carregarem meu peso, ou, por saberem que o mesmo pecado pode lhes assistir.

Sei que envelheço, mas não careço que me apontem a velha em que me tornei. Resta em mim a mulher entre rugas escondidas e minha alma que me parece menos ardorosa, entretanto, não menos interessante, porquanto paira sobre todas as coisas e traz outras semelhantes que se associam pela memória. Estou mais complacente com todos os pecados. Dói ver o efeito do tempo no rosto de meus alunos quando os encontro pelas ruas da cidade. De fato, o tempo não senta pra descansar! A morte desenha suas raízes fundas, roubando-lhes a seiva juvenil. Me surpreendi chorando ao mal reconhecer Andréa e Fabiano. Um tempo infame e brutal havia sido mais duro com eles. Tinham sessenta anos de suas idades, entretanto, tão diferentes dos outros que resistiam melhor ao tempo.

A minha casa já não guarda somente as cores atuais. Todas aquelas que lhe vestiram mantêm sua saudade dentro de mim. As



tábuas, essas sim, permanecem fiéis no seu jeito profundo. As árvores mortas sustentam meus passos quase vacilantes.

João, meu companheiro, mais ereto que eu e mais esperançoso. Mais crente e mais bondoso. Fico devendo sempre para sua devoção.

Minha família e minha escola que a mente, aos poucos, apaga, mas, meu coração não esquecerá, mesmo que dele sobrem cinzas, *mesmo que caia sobre mim a noite solitária, e fiquem vazias todas as moradas*, fiéis companheiras, garantindo-me a bondade e a solidariedade, as únicas certezas.

Sonhei que era um pequeno navio e as escotilhas se fechavam.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

voltado somente à compreensão cognitiva da escolaridade e suas demandas. Encanta-se com a solidariedade a ser aprendida e com o cuidado de si mesmo, para que a vida longa tenha um bom resultado a partir da constituição de um estilo de vida de jeito agradável.

O autor durante os últimos vinte anos tem se dedicado a estudos sobre o envelhecimento humano. O que se revela em Antônia é, também um entendimento preocupado com a qualidade da longevidade no último período do ciclo de vida. É uma narrativa esperançosa voltada para a ética tanto quanto para o conhecimento libertador. O estilo do autor retrata a necessidade da alegria, denunciando o espírito humano minimizado pelo sistema econômico e político. Adere a uma ética comunicativa privilegiando o mundo da vida a outro qualquer. A narrativa que se oferece é uma demonstração viva de que os estudos acadêmicos podem buscar na literatura um bom complemento. A alegria de dizer a vida não subtrai a austeridade do pensamento inquisidor.

“**Q**uem se recorda do nome da sua primeira professora? Ser professora é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Amantes da sabedoria, de que nos falava Sócrates, as professoras fazem fluir o saber – não o dado, a informação, o puro conhecimento – porque constroem sentido à vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntas, um mundo mais justo, mais saudável, com pingos de felicidade para todos. Deve ser por essa condição afetiva e efetiva que elas são imprescindíveis. Agostinho Both, nesse livro, demarca seu chão com sonhos de gente acordada, como aquele que é tecido pela professora Antônia, que acredita na gurizada e almeja uma outra escola, ao desenhar um novo ser humano, mais encantador, agradável e interessante. A obra, por assim dizer, revela o ponto de encontro entre o autor e sua ficção.”

Prof. Dr. Mauro Gaglietti

Coordenador da EDITORA IMED

**SONHOS
PEDAGÓGICOS
DA PROFESSORA
ANTÔNIA**

— COLEÇÃO —
SONHOS E RESISTÊNCIA



Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

